



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES/CECA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
NÍVEL DE MESTRADO/PPGE

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO

**DEYVID ALAN DA SILVA DE OLIVEIRA**

**A RELAÇÃO TELEVISÃO E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS**  
**Uma abordagem do discurso de professores**

**CASCAVEL - PR**  
**2017**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES/CECA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
NÍVEL DE MESTRADO/PPGE  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO

**A RELAÇÃO TELEVISÃO E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS**  
**Uma abordagem do discurso de professores**

**DEYVID ALAN DA SILVA DE OLIVEIRA**

Dissertação apresentada ao o Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação, nível de Mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, campus Cascavel, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Ivete Janice de Oliveira Brotto

**CASCADEL – PR**  
**2017**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

O46r

Oliveira, Deyvid Alan da Silva de

A relação televisão e violência nas escolas: uma abordagem do discurso de professores. / Deyvid Alan da Silva de Oliveira.— Cascavel, 2017.  
131 f.

Orientadora: Profª. Drª. Ivete Janice de Oliveira Brotto  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná,  
Campus de Cascavel, 2017  
Programa de Pós-Graduação em Educação

1. Violência na escola. 2. Análise do discurso. 3. Professores. I. Brotto, Ivete Janice de Oliveira. II. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. III. Título.

CDD 20.ed. 371.58

CIP – NBR 12899

UNIOESTE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES/CECA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NÍVEL DE  
MESTRADO/PPGE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A RELAÇÃO TELEVISÃO E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UMA ABORDAGEM  
DO DISCURSO DE PROFESSORES

**Autor:** DEYVID ALAN DA SILVA DE OLIVEIRA

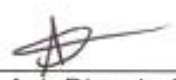
**Orientadora:** Ivete Janice de Oliveira Brotto

Este exemplar corresponde à Dissertação de Mestrado defendida por *DEYVID ALAN DA SILVA DE OLIVEIRA* aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE – campus de Cascavel para obtenção do título de Mestre em Educação.  
Data: 15/02/2017

Assinatura:  
(orientadora)

COMISSÃO JULGADORA:

  
Prof. Dra. Ines Barbosa de Oliveira

  
Prof. Dr. Acir Dias da Silva

Dedico este trabalho à minha mãe, Nadir, minha maior incentivadora e exemplo de amor incondicional; mulher guerreira e de fibra que me ensinou a sorrir e a ter fé mesmo nos momentos de dor. Meu alicerce, meu porto seguro.

## AGRADECIMENTOS

A conclusão de uma dissertação não é fruto de um trabalho individual. Várias pessoas contribuíram e participaram da construção deste projeto e, agradecê-las, aqui, é demonstrar que o ato da pesquisa não se faz só.

Primeiramente, agradeço a Deus pela sabedoria e oportunidades com que tenho sido agraciado ao longo da minha vida.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Ivete, pela oportunidade de trabalhar ao seu lado, por me incentivar na superação dos meus limites e por se mostrar uma grande amiga e conselheira em momentos tão difíceis. Serei eternamente grato a você. Obrigado!

Ao Prof. Dr. Acir Dias e à Prof.<sup>a</sup> Dra. Inês Barbosa agradeço imensamente pelas diversas contribuições no exame de qualificação e redirecionamento deste trabalho.

Aos professores das disciplinas cursadas no Mestrado, Prof.<sup>a</sup> Aparecida Favoretto, Prof.<sup>a</sup> Carmem Célia, Prof.<sup>a</sup> Ireni Zago, Prof.<sup>a</sup> Ivete Brotto, Prof. José Carlos, Prof.<sup>a</sup> Maria Lídia, Prof.<sup>a</sup> Mônica Zanardini e Prof. Paulino Orso por tantos ensinamentos.

À minha querida amiga e professora, Carol, que mesmo com tantos compromissos e atribuições esteve ao meu lado durante todo este percurso.

Aos professores e funcionários do Colégio Estadual Jardim Interlagos que me receberam e colaboraram tão gentilmente com esta pesquisa. À Zenilde Zoboli, diretora do colégio, que abriu as portas e prontamente acolheu a temática estudada.

À secretária do programa, Sandra Gausmann, que em nenhum momento mediu esforços para nos ajudar a seguir nesta caminhada.

À minha família, meu amor, amigos e colegas pelo incentivo, paciência e pelos momentos de descontração tão necessários.

A todos os demais que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão desta pesquisa.

OLIVEIRA, Deyvid Alan da Silva de. **A relação televisão e violência nas escolas: Uma abordagem do discurso de professores.** 2017. (131) f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2017.

## RESUMO

Diversos estudos científicos demonstram a existência da violência nas escolas brasileiras e procuram compreender as raízes desse fenômeno. É perceptível, também, a preocupação científica com os efeitos que a violência exibida pela televisão pode ocasionar aos sujeitos. Assim, objetivamos analisar, nesta dissertação, se a violência existente na escola sofre influência daquela transmitida pela mídia televisiva. Para isso, analisamos o discurso de professores do sétimo ano de um Colégio Estadual de Ensino Fundamental e Médio a respeito da relação entre a mídia televisiva e a violência na escola. O colégio está situado no bairro Interlagos, no município de Cascavel - PR. A escolha dessa instituição se deu pelo fato de o bairro em questão apresentar o maior registro de ocorrências de violência, de acordo com indicativos do Centro de Referência Especializado de Assistência Social I (CREAS I). Realizamos pesquisa bibliográfica e de campo. Para fundamentarmos a contextualização entre mídia e violência escolar, pautamo-nos em bibliografias de: Bakhtin (1998 [1988], 2000 [1979], 1999 [1929]), Faraco (2009), Brait (1999), Barros (1999), GEGe (2009), Bourdieu (1997), Martin-Barbero (1997), Koshino (2011) e Hall (2003). Para abordar mais especificamente a formação da subjetividade do adolescente, recorreremos a estudos de Vygotsky (1996), além de estudos de teóricos que associam a televisão à violência: Charlot (2006), Barreto (1992), Groebel (1999), Merlo-Flores (1999), Watella, Olivarez, Jennings (1999), Betelheim (2002) e afins. A pesquisa de campo, que contou com a participação de sujeitos, desenvolveu-se a partir de uma postura que analisa o discurso dos sujeitos na relação com os fatos sociais, considerando o contexto econômico, político e social. O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista semiestruturada. Para tanto, recorreremos a estudiosos, como: André (1986), Bogdan (1994), Minayo (2004, 1997), entre outros. A análise dos dados coletados foi realizada sob a perspectiva teórico-metodológica de linguagem do círculo bakhtiniano, que ofereceu meios para chegarmos a posicionamentos calcados na materialidade do discurso e na realidade histórica das relações sociais.

**Palavras-chave:** Violência; Discurso, Televisão, Bakhtin.

OLIVEIRA, Deyvid Alan da Silva de. **The relationship television and violence in schools: An approach to teacher discourse.** 2017. (131) f. Dissertation (Master in Education). State University of Western Paraná - UNIOESTE, Cascavel, 2017

#### ABSTRACT

Several scientific studies demonstrate the existence of violence in Brazilian schools and try to understand the roots of this phenomenon. It is also noticeable the scientific concern with the effects that the violence exhibited by the television can cause to the subjects. Thus, we aim to analyze, in this dissertation, if the violence in the school is influenced by that transmitted by the television media. For this, we analyze the discourse of seventh year teachers of a State College of Primary and Secondary Education regarding the relation between the television media and the violence in the school. The college is located in the Interlagos neighborhood, in the municipality of Cascavel - PR. The choice of this institution was due to the fact that the neighborhood in question had the highest incidence of violence, according to the indicators of the Specialized Reference Center for Social Assistance I (CREAS I). We perform bibliographical and field research. In order to base the contextualisation between media and school violence, we refer to bibliographies of: Bakhtin (1998 [1988], 2000 [1979], 1999 [1929]), Faraco (2009), Brait (1999), Barros GEGe (2009), Bourdieu (1997), Martin-Barbero (1997), Koshino (2011) and Hall (2003). To address more specifically the formation of adolescent subjectivity, we use studies by Vygotsky (1996), as well as theoretical studies that associate television with violence: Charlot (2006), Barreto (1992), Groebel (1999), Merlo-Flores (1999), Watella, Olivarez, Jennings (1999), Betelheim (2002) and the like. Field research, which included the participation of subjects, developed from a posture that analyzes the subjects' discourse in relation to social facts, considering the economic, political and social context. The instrument of data collection used was the semi-structured interview. For this, we resort to scholars, such as: André (1986), Bogdan (1994), Minayo (2004, 1997), among others. The analysis of the collected data was carried out under the theoretical-methodological perspective of the language of the Bakhtinian circle, which offered the means to reach positions based on the materiality of discourse and the historical reality of social relations.

**Key Words:** Violence; Speech, Television, Bakhtin.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 REFLEXÕES SOBRE VIOLÊNCIA .....</b>	<b>28</b>
1.1 FOI VIOLÊNCIA? DEPENDE.....	28
1.2 VIOLÊNCIA TEM LIMITES? DELIMITANDO: AGRESSIVIDADE, INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA. ....	37
<b>2 ADOLESCENTES VIOLENTOS DO COLÉGIO INTERLAGOS: FALTA DE FAMÍLIA? POBREZA ECONÔMICA?.....</b>	<b>48</b>
2.1 VIOLÊNCIA: É PRECISO CHEGAR À SUA RAIZ .....	49
2.2 VIOLÊNCIAS NO COLÉGIO INTERLAGOS .....	51
2.3 A POBREZA PROVOCA A VIOLÊNCIA? VEJAMOS O QUE DIZEM AS VOZES.....	56
2.4 A FAMÍLIA TRADICIONAL DESESTRUTURADA, O ADOLESCENTE, A VIOLÊNCIA.....	66
<b>3. TV: VIOLENTA VILÃ CONTRA A VÍTIMA ADOLESCENTE? .....</b>	<b>75</b>
3.1 A VIDA IMITA O VÍDEO OU O VÍDEO IMITA A VIDA? .....	75
3.2 O SUJEITO BAKHTINIANO E SUA NATUREZA DIALÓGICA.....	87
3.3 O ADOLESCENTE E A TV: VULNERABILIDADE E VIOLÊNCIA?.....	89
<b>À GUIA DE CONCLUSÃO .....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>102</b>
<b>APÊNDICE A: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>107</b>

## INTRODUÇÃO

Abordar as múltiplas facetas que envolvem a violência na escola não é tarefa fácil. É um tema que tem gerado muitos estudos, com diferentes posicionamentos, sobretudo sobre o que pode ser considerado violência, sobre possíveis fatores que a desencadeiam no espaço escolar e sobre ações que podem colaborar para a amenização desse problema.

Pautando-nos em uma pesquisa realizada pela OCDE em 2014, que trata sobre violências na escola, verificamos que o Brasil está no topo de um ranking de violência envolvendo jovens de 11 a 16 anos em escolas. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) organizou um estudo abrangente, complexo e muito bem sucedido sobre o assunto, que deu origem ao livro “Violências nas Escolas” (2002). O trabalho adota uma concepção ampla sobre o termo *violência*, baseada nas diversas identificações dos integrantes envolvidos no universo do estudo, ou seja, caracteriza o que é ou não violência de acordo com os valores do grupo social em questão, considerando o que é violência para ele. Apresenta uma pesquisa realizada em 14 capitais brasileiras, em escolas da rede municipal, estadual e particular, de nível fundamental e médio e conclui apontando, fundamentada e claramente, um alto índice de violência nas escolas brasileiras. A preocupação em relação a esse problema aumenta significativamente quando se verifica, por meio de pesquisas como essas, que a violência continua a ter adolescentes e jovens como principais atores e vítimas. Dessa forma, o assunto desperta o interesse de pesquisadores, principalmente sobre quais podem ser as causas desse fenômeno e quais ações podem ser realizadas para amenizá-lo.

A OCDE reflete, sobretudo, acerca de possíveis fatores responsáveis pela violência no espaço escolar, partindo da hipótese de que um elemento muito contundente seria a violência propagada pela televisão, visto que supostamente ela teria a capacidade de agir na constituição da subjetividade dos sujeitos, em especial, dos adolescentes, por serem considerados sujeitos em formação.

A televisão é, notoriamente, o veículo da mídia com maior penetração em todos os segmentos sociais. De acordo com a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão – ABERT, o alcance da televisão é superior ao de qualquer outro meio de comunicação de massa no Brasil, e a televisão aberta é o principal

veículo de comunicação utilizado pela população. Segundo pesquisa realizada pelo Grupo de Mídia São Paulo, publicada na edição 2012 do Mídia Dados Brasil, a TV continua a ser a principal fonte de informação no País, com 55,9% da preferência, seguida pela internet (20,4%), pelo jornal impresso (10,5%), pelo rádio (7,8%), pelas redes sociais (2,7%), pela versão *on-line* dos jornais impressos (1,8%), pela revista impressa (0,8%) e pela versão *on-line* das revistas (0,1%). Com relação às fontes de informação mais acessadas no dia a dia do brasileiro, a televisão é vista por praticamente todos os entrevistados, somando 99,3%.

A preocupação com a violência veiculada pela mídia televisiva tem ganhado espaço e vem sendo observada desde a década de 1970, principalmente nos países do primeiro mundo. Pode-se observar que, atualmente, a questão mídia/violência tem sido amplamente discutida em todo o mundo globalizado.

A partir de uma busca por teses e dissertações que tratam sobre o tema, nos deparamos com Nogueira (2003), que realiza um estudo sobre a produção de teses e dissertações nos programas de pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo - USP e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP acerca do tópico Escola e Violência escritas entre 1990 a 2000. Dentre outros temas que apareceram, identificou que os estudos voltam-se para a violência, a relacionando com algo ou social, ou individual, intrincando os dois às vezes, embora os concebam como coisas distintas. Notou, também, que as pesquisas dão mais atenção à indisciplina dos alunos e batem na tecla da existência da violência física e não física.

Saul (2010) escreve sobre as representações da violência, no âmbito escolar, para professores de escolas públicas de Cuiabá/MT. A autora faz uma pesquisa de campo com observação dos espaços da escola e entrevista 31 professores, 7 coordenadores pedagógicos, distribuídos em 16 escolas do perímetro urbano da capital.

Levando em conta que os sujeitos constroem suas representações por meio das conversas do convívio cotidiano, pela troca de experiências, por meio da linguagem, a pesquisadora considerou que as causas da violência na escola, que aparecem nas representações, são a desestrutura familiar e também a falta de respeito entre os próprios alunos e destes para com outros membros da escola.

Ressalta que os professores sentem-se violentados pelos baixos salários, pela parca infraestrutura e pelo autoritarismo dos órgãos superiores .

A autora observa, também, as consequências da violência nas representações dos professores e analisa que alguns as percebem como algo que prejudica diretamente o trabalho docente, já outros, como um mal que incide sobre o resultado da aprendizagem do aluno.

Muito contributiva é a dissertação de Silva (2009), na qual parte-se da hipótese de que a criança reproduz as cenas de violência que assiste na TV, mas, ao cabo, compreende que embora a televisão contribua para o aumento de comportamentos agressivos por parte das crianças, o conteúdo exibido é recriado pelas mesmas no momento da assimilação, podendo ter diversos significados, já que não são meramente reproduzidos. Tampouco, segundo a pesquisa, a mídia televisiva seria o único ou o principal fator que desencadeia a violência.

O estudo foi realizado numa escola pública da cidade de Montes Claros - MG, e os dados foram coletados em três etapas: análise dos livros de registro de advertência da escola, aplicação de 199 questionários e entrevista semiestruturada com 10 alunos do 5º e 6º anos do Ensino Fundamental.

A autora identifica alguns fatores que contribuem para a violência entre as crianças é o contexto violento que as circunda e a própria vontade de manutenção de um estereótipo. Sendo assim, a televisão reforça, em alguns casos, a violência que a criança vivencia no seu dia a dia, principalmente quando a realidade dela é circundada por situações violentas como brigas, assaltos, assassinatos, etc.

A pesquisa é finalizada indicando a família e a escola como possíveis meios de mediação entre a televisão e a criança. Ambas teriam a capacidade e a responsabilidade de criar, modificar e acompanhar os sentidos que as crianças possuem acerca das informações e mensagens recebidas.

Santos (2010) disserta sobre os sentidos e significados da violência para membros de uma escola pública considerada violenta, da zona leste paulista. Para tanto, realiza entrevista com 9 professores e 7 alunos de sexto e sétimo anos, previamente indicados pelos professores por apresentarem comportamento violento.

A autora afirma que os dados revelam que a carência afetiva dos alunos é, em muitos casos, determinante para a existência do comportamento agressivo dos alunos.

A investigação abre espaço para se pensar na escola enquanto espaço de interação em que a violência simbólica e física se cruzam. Dessa forma, assim como em Silva (2009), a escola e a família são tratadas como possibilidade de mediação de conflitos e de convivência da diversidade social e cultural.

Guimarães (1990) escreve sobre a violência a partir de um trabalho de campo, compreendido por observação participante e entrevistas com alunos, professores, diretores, guardas escolares, entre outros. Ela começa buscando compreender a violência na depredação do prédio de uma escola pública da periferia de Campinas. No decorrer da pesquisa, compara resultados obtidos no acompanhamento de duas escolas com perfis diferentes, as duas públicas, mas uma (a mesma do bairro periférico de Campinas), referenciada como uma instituição violenta, sobretudo pela depredação de sua estrutura física e frequentada por alunos de baixa renda; outra, situada no centro de Campinas, tendo um público de classe média e que, aparentemente, não apresentava problemas de violência.

Durante a exposição de sua tese, a pesquisadora revela que a violência é algo sempre presente, variando em suas formas. Demonstra a falha institucional em almejar combater a violência explícita na escola pelos alunos com formas camufladas de violência, como por meio de normas que podam e desestimulam o aluno, ou com maneiras preconceituosas e segregadoras de tratar alunos considerados violentos. Sugere que a depredação pode ser não apenas uma ação, mas uma reação violenta a outra violência institucional já praticada inconscientemente pela escola, com regras muito rígidas que visam à hegemonia e ao controle, que levam à submissão e à adaptação, mas que, ao mesmo tempo, abafam as diferenças e discriminam alguns alunos.

Em sua conclusão, a estudiosa demonstra sua resignação em tentar concluir algo sobre os elementos apresentados no decorrer de sua tese, afinal, ora sugestiona, ora afirma em seu texto que a violência é ambígua, e sua compreensão vai além de aspectos políticos, econômicos, psicológicos e sociais. Adverte que os dados de sua pesquisa falam por si, e falam de formas distintas, apontam experiências distintas sobre a violência. De acordo com a autora, é necessário observar os movimentos em sua complexidade e percebê-los na dinâmica antagônica em que acontecem. Assim, expõe, de maneira muito sucinta em sua

conclusão, as ponderações sobre a comparação que faz entre as duas escolas. Em ambas a violência estava presente. Com formas distintas, mas sempre presente.

Continuando a busca por referencial bibliográfico, além das teses e dissertações, chegamos a outros vários estudos, dentre eles, o de Wartella, Olivarez e Jennings (1999). Conforme os autores, nos últimos quarenta anos, mais de 3500 estudos de pesquisa dos efeitos da violência na televisão sobre os espectadores foram conduzidos apenas nos EUA e muitas dessas análises apoiaram a conclusão de que a mídia de massa contribui para o comportamento e atitudes agressivas.

O livro “A criança e a violência na mídia” organizado por Ulla Carlsson e Cecilia von Feilitzen (2000), publicado pela UNESCO, reúne contribuições importantes de vários autores sobre a influência que a violência exibida na mídia tem sobre as crianças, apoiando-se em dados de pesquisas de várias partes do mundo. No artigo “A Natureza e o Contexto da Violência na Televisão Americana”, que compõe o livro (WILSON et al., 1997), diz-se que a exposição a programas violentos pode causar, pelo menos, três consequências aos receptores: aprendizagem de atitudes e comportamentos agressivos, dessensibilização à violência e maior medo de ser vítima de violência. Os autores destacam, ainda, que a violência na televisão contribui para o comportamento agressivo infantil, e que esse efeito pode chegar à idade adulta.

Verifica-se, também, que pessoas que assistem à televisão por muito tempo estão propensas a crer que a televisão exhibe o mundo real, ou, então, que o mundo real deve conformar-se com as regras da televisão (GERBNER, GROSS, MORGAN & SIGNORIELLI, 1986). Para Huesmann (1986), “Os hábitos agressivos parecem ser aprendidos cedo na vida, são resistentes a mudanças e predizem um comportamento antissocial adulto sério. Se a observação da violência nos meios de comunicação por uma criança promover a aprendizagem de hábitos agressivos, isso pode ter consequências prejudiciais durante toda a vida.” Segundo Auletta (1993), “se houvesse menos imagens violentas, menos pessoas poderiam ser levadas a buscar soluções violentas.” Conforme destaca Biaggio (1976), “As crianças aprendem não apenas o que lhes é dito que devem fazer, mas principalmente o que veem ser feito por outras pessoas”. Enquanto antigamente os modelos eram quase exclusivamente os pais e os membros mais íntimos da família, atualmente os modelos são fornecidos amplamente pela comunicação de massa (jornais, revistas,

cinema e, especialmente, a televisão) (BIAGGIO, 1976, p.169). De acordo com Morais (1995), os meios de comunicação de massa, como formadores de opinião, são agentes educacionais ou, ao menos, deveriam sê-los. O autor alerta para o fato de que tais veículos vêm sendo, em muitos aspectos, fatores de deseducação. Njaine e Minayo (2004) apontam que a presença cada vez maior da mídia no cotidiano de crianças e adolescentes precisa ser mais investigada. Para elas, a mídia é mediadora e influenciadora na identidade social e cultural dos adolescentes, considerando-se a luta pela sua afirmação e determinados contextos (NJAIN E MINAYO, 2004).

Considerando os estudos citados, nos questionamos: a violência difundida na televisão realmente influencia o comportamento violento dos adolescentes na escola? Supomos, a princípio, que a mídia televisiva colaboraria, de fato, significativamente, para a disseminação de comportamentos violentos na escola, logo nosso objetivo foi o de compreender se a violência exibida pela televisão tem influência sobre a violência que há na escola.

Para Samper (2000), compreender a influência da televisão sobre a violência é de extrema importância. Segundo o autor, a família, a escola e os governos são instituições decisivas na promoção da prevenção de tal fenômeno. Dessa forma, a presente pesquisa se justifica devido à necessidade de novos estudos que possam contribuir para a compreensão e minimização do problema em questão. Do mesmo modo, sua pertinência se justifica devido à relevância social da temática, pois a violência no ambiente escolar e suas consequências são uma realidade que atinge todos os integrantes das instituições escolares: diretores, professores, alunos, pais, demais servidores e a comunidade em que está inserida.

No intuito de levantarmos e alcançarmos elementos que nos levassem a um posicionamento sobre nosso problema, entrevistamos professores do sétimo ano do Colégio Estadual Jardim Interlagos, situado no bairro também denominado Jardim Interlagos, da cidade de Cascavel - PR, já que são os docentes aqueles que estão em contato constante com os alunos. São eles que percebem os reflexos da sociedade na sala de aula, na relação entre os alunos, na relação deles com os alunos, no que ouvem, leem ou percebem das relações dos alunos com seus familiares, amigos, meio social, enfim. Eles presenciam situações diversas, dentre elas, possivelmente, as violentas.

O Colégio dispõe de 05 turmas de sétimo ano e 15 professores que atendem a essas turmas. A opção por essa escola se deu porque o bairro Jardim Interlagos apresenta o maior número de registros de violência de Cascavel, de acordo com os dados apresentados pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social I, CREAS I. Esses mesmos dados foram, também, base de uma pesquisa realizada em 2014 pela OCDE sobre a violência nas escolas. Pesquisa esta que contribuiu para definirmos por entrevistar os professores, pois revelou que 12,5% dos professores ouvidos no Brasil se disseram vítimas de agressões verbais ou de intimidação de alunos pelo menos uma vez por semana. A enquete foi realizada em vários países do mundo e abordou mais de 100 mil professores e diretores de escolas do segundo ciclo do Ensino Fundamental e do Ensino Médio (alunos de 11 a 16 anos). Com essas informações, definimos que a presente pesquisa seria direcionada a professores que atendessem a alunos na mesma faixa etária dos indicadores da pesquisa realizada pela OCDE.

Optamos pelo sétimo ano devido à faixa etária das crianças, entre 11 e 12 anos. Conforme Vygostky (1996), é uma idade de transição, de assimilação de valores, de ponderações sobre o que lhes parece certo ou errado, ou seja, de constituição de personalidade. Nessa fase, o aluno demonstra independência e já compreende o próprio comportamento. Demonstra rasgos de impulsividade e não controla bem a vontade de gastar suas energias, por isso, tem prazer na atividade física: correr, saltar, mexer com o colega e com o professor. É um momento que demanda orientação e mediação de adultos, a fim de que amadureçam saudável e seguramente, sem a exposição desnecessária a fatores nocivos, como a violência imprópria na televisão.

Como instrumento de coleta de dados recorreu-se à entrevista, visto que uma das vantagens da utilização dessa técnica é a possibilidade de um contato pessoal do pesquisador com o objeto de investigação (LUDKE e ANDRÉ, 1986). Desse modo, em vista da postura que propusemos adotar para desenvolvermos esta pesquisa, o contato pessoal com os professores é imprescindível para este estudo.

Para Minayo (1994), a entrevista privilegia a obtenção de informações por meio da fala individual, a qual revela condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos e transmite, por meio de um porta-voz, representações de determinados grupos. Partindo do princípio de que o nosso objetivo é adentrar em



nosso objeto de estudo e compreender além de sua aparência, buscaremos abarcar os sistemas aos quais a estudiosa se refere: aquilo que é simbólico, que trata do campo *espiritual*, que é resultado do fazer cultural. Para tanto, a entrevista possibilita que o sujeito reflita sobre si mesmo e seu contexto e que exponha suas percepções. Ao pesquisador, permite que abstraia desses dados as informações necessárias para construir sua síntese sobre o objeto pesquisado.

Conforme Lüdke e André (1986, p. 34), a entrevista “[...] permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. Assim sendo, as informações são imediatamente captadas pelo entrevistador no momento da fala do sujeito entrevistado, o qual está em pleno contato com o objeto da pesquisa, sendo a fonte de dados de que o pesquisador necessita.

Para Minayo (1994, p. 57), a entrevista pode ser tratada como “[...] uma conversa a dois com propósitos bem definidos.” Isto posto, o pesquisador elabora o questionário visando tratar do assunto de interesse da pesquisa e introduz o assunto junto ao entrevistado.

A entrevista, no entanto, assim como toda técnica de coleta de dados, apresenta alguns inconvenientes que podem interferir no resultado dos dados. Eles estão, principalmente, relacionados ao informante, quais sejam: a possibilidade de o informante entender que suas respostas podem influenciar, positivamente, sua situação futura, trazendo a ele notoriedade perante seu grupo social; a quebra de espontaneidade com a presença do entrevistador, por causa de diferenças entre ambos, relacionadas à raça, gênero, educação, classe social; a formulação de respostas que não sejam fieis as suas crenças, mudando-as no intuito de estar congruente com as opiniões que, ao julgamento dele, são as do pesquisador. É preciso, ainda, considerar o fato de o informante ser também um observador e, conseqüentemente, estar sujeito a falhas de observação. Além de tudo, ainda pode ocorrer a influência dos inconvenientes da memória do informante ao relatar fatos passados e a fluência ou dificuldade de expressão (HAGUETTE, 2003, p. 89).

Todas essas objeções podem desviar o pesquisador de um resultado mais assertivo sobre seu estudo, contudo o que mais nos chama atenção é aquilo que Haguette (2003) alerta sobre a subjetividade nas respostas dos informantes. A autora assevera que as respostas do informante são o que ele enxerga sobre a

realidade, fruto de relações cognitivas e emocionais e da sua capacidade de síntese e expressão. Ou seja, as respostas do informante podem ser fantasiosas, tendenciosas, parciais, comprometendo a legitimidade da pesquisa. Cabe, portanto, ao pesquisador, avaliar e cotejar as informações, que se transformarão em dados para análise, com a realidade objetiva estabelecida pelas relações sociais nos mais diferentes aspectos, superando, o máximo possível, inclusive, a própria subjetividade deste.

Segundo a mesma autora, a memória do sujeito é algo complexo. Tão dinâmico que pode ser influenciado por circunstâncias presentes no momento da expressão. As representações dos sujeitos são, a todo momento, remodeladas, fazendo com que o passado se funda com o presente e com projeções futuras (HAGUETTE, 2003, p. 93-94). Não podemos deixar de considerar, portanto, a subjetividade existente nas respostas do informante. Essa complexidade do processo de entrevista, todavia, é atenuada pela mesma autora, quando esclarece que a entrevista é um método científico e, acima de tudo, busca a neutralidade e a objetividade e “O fato de não cremos que a ciência tenha sido historicamente neutra não nos convence de que a objetividade como um ideal não deva ser perseguida” (Ibidem, p. 88). Sendo assim, as objeções que são apontadas quanto à entrevista não a deslegitima enquanto instrumento de coleta de dados de uma pesquisa científica. É necessário, entretanto, levar em conta, no momento da entrevista, o estado emocional do informante, suas opiniões, suas atitudes, seus valores e os confrontar com expressões não verbais, como gestos e tonalidade da voz, tendo em vista a objetividade e o alcance da maior proximidade possível da realidade dos fatos. Ainda, conforme a autora (Ibidem, p. 89, 90), há outras maneiras de controlar essas interferências durante a entrevista, principalmente comparando as entrevistas realizadas. Cremos que, ao comparar respostas para uma mesma pergunta de informantes diferentes, seja possível perceber e avaliar disparidades que devem ser observadas para a conclusão de uma pesquisa científica.

A entrevista varia em grau de profundidade do assunto. Haguette (2003), bem como Moreira (2002, p. 54) e Lüdke e André (1986, p. 34, 35) mencionam e concordam sobre a existência de três tipos de entrevistas: a *estruturada*, a *não estruturada* e a *semiestruturada*.

A entrevista estruturada é a que apresenta menor liberdade para a interação entre entrevistador e entrevistado. Existe uma relação de questões que são aplicadas pelo pesquisador a cada informante, sem a alteração das questões e da sequência das mesmas. É um método padronizado, rápido e objetivo, utilizado para levantar superficialmente, em pouco tempo, a opinião de um grupo numeroso. Podemos citar as pesquisas eleitorais como exemplo do uso dessa técnica.

A entrevista não estruturada apresenta perguntas abertas. As questões são antecipadamente elaboradas e conduzem a entrevista, mas novas questões podem ser acrescentadas, bem como outras podem ser excluídas, visando ao bom andamento do processo e o fim da entrevista. O informante não se limita a responder objetivamente a uma relação de perguntas. Ele é livre para falar sobre o tema proposto, podendo conduzir, significativamente, a entrevista.

Para nossa pesquisa, optamos pela entrevista semiestruturada. Ela pode ser considerada um meio termo entre as outras formas já expostas. Ela se apresenta relativamente livre ao entrevistado, que só é interrompido pelo entrevistador caso este considere que o foco do assunto está sendo desviado, sendo neste ponto que reside a diferença entre esta e a entrevista não estruturada. A partir desta opção de coleta de dados, também é possível acrescentar ou excluir perguntas, de acordo com a necessidade sentida pelo pesquisador.

A opção por este tipo de entrevista ocorreu porque ela proporciona a flexibilidade e o direcionamento necessários para o nosso objetivo, pois a entrevista semiestruturada, por meio de um roteiro previamente elaborado, conduz os sujeitos a um caminho que os leva, gradativamente, a colaborarem com informações significantes para nosso estudo, porém tendo a possibilidade de abrirem espaço para outras questões, que, caso o pesquisador considere relevante, poderão ser exploradas.

É importante esclarecer que, para a elaboração do roteiro de entrevistas, também buscamos seguir os preceitos de Lüdke e André (1986, p. 36), quando assinalam a importância de que as questões sigam uma ordem lógica e psicológica entre os assuntos, partindo dos mais simples para os mais complexos. Isso possibilita maior eficácia nos resultados da entrevista, visto que vai, aos poucos e gradativamente, envolvendo o entrevistado no assunto; não o intimida,

abruptamente, com perguntas que exijam respostas complexas ou que toquem em pontos delicados.

Quando há a proposta de se estudar grupos sociais, como é o caso desta pesquisa, é necessário considerar as relações que estruturam dinamicamente uma sociedade: sua práxis política, econômica, social e cultural e os efeitos dela nos discursos dos sujeitos, estes, históricos por natureza. É preciso adotar uma abordagem de estudo que compreenda tais esferas no movimento, na contradição social, na história. Para tanto, adotamos a abordagem histórico-dialética, visto que ela atende a esses preceitos e nos dá subsídios necessários para analisar, convenientemente, o espaço e os sujeitos envolvidos na relação entre televisão e violência na escola (GIL, 1999, p.40). É preciso adotar uma postura metodológica que ofereça suporte para um olhar profundo sobre o objeto, que não estacione na superficialidade e no imediatismo, mas que busque os fios que tecem essas relações.

Gil (1999, p.40) assevera que adotar como quadro de referência o materialismo histórico é enfatizar o fazer histórico dos processos sociais. Observam-se e interpretam-se os fenômenos sociais a partir da identificação dos modos de produção do grupo social a ser estudado e a relação destes com as superestruturas. Buscar pela história que envolve um fato social exige considerar a sua materialidade, o que implica investigar a história econômica, política, social e cultural que o envolve. É preciso perceber como essas instâncias se relacionam e se materializam nos enunciados dos sujeitos. Interpretar um objeto de pesquisa, a partir do materialismo histórico-dialético requer esses procedimentos.

Ainda nos pautando em Gil (1999), temos que “a dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade” (GIL, 1999, p. 32). Método por excelência do materialismo histórico, a dialética entende que os fatos sociais precisam ser analisados em sua totalidade, considerando o contexto econômico e cultural. Seria inútil interpretar a violência na escola de maneira isolada do contexto que a envolve. Não chegaríamos à raiz da questão. Sendo assim, o método dialético é o que proporciona as bases lógicas de investigação e os métodos de raciocínio necessários para este estudo. O contexto imediato deve ser considerado, mas não ser o lugar a se estacionar. Esclarece Martins (2006, p. 14-15) que o Materialismo Histórico-Dialético considera o *real imediato* apenas como

ponto de partida. A partir dele, busca-se pelo *concreto pensado*, quer dizer, pela história que o imediato esconde, buscando compreender seus pormenores - as relações econômicas, políticas, culturais e sociais - que influenciam a cristalização do imediato, que fazem a diferença na constituição do mesmo. A análise, porém, ainda não está concluída quando o pesquisador atinge esses pormenores que constituem a história. Eles são confrontados com o objeto em sua situação imediata e, enfim, o pesquisador conseguirá obter um resultado eficaz em seu estudo, pois o imediato foi questionado pelo viés histórico, econômico e social. Foi debulhado e reconstituído pelo olhar do pesquisador que está nutrido da história.

Os pressupostos teórico-metodológicos que embasarão a análise do material colhido, ou seja, a entrevista com os professores, serão os preceitos bakhtinianos sobre o discurso, os enunciados, na sua forma de enunciação.

Bakhtin/Voloshinov ([1929], 1999) consideram que o sujeito é o resultado de um processo dialógico envolvendo mundo social e individual, exterior e interior. A subjetividade é, assim, constituída pela assimilação dos acontecimentos sociais que o sujeito vivencia, sendo dotada de certa criatividade, capaz de reformular o que é social. Desse embate entre social e individual resultam as formas do pensamento, as formações ideológicas que norteiam o sujeito em sua *praxis*.

O meio utilizado para o acesso do mundo interior ao exterior é a linguagem e, por excelência, a língua. Tanto a expressão verbal quanto a formação dos pensamentos utilizam-se da língua para se concretizarem. Sendo assim, para Bakhtin/Voloshinov ([1929], 1999) a linguagem e, particularmente, a língua, não são apenas um meio de comunicação entre os homens, mas também formas da consciência e do pensamento humano. Conforme Bakhtin, o psíquico, a consciência do sujeito, por fim, o próprio sujeito pode ser entendido como “[...] o social infiltrado no organismo do indivíduo” (BAKHTIN/VOLOSHINOV [1929], 1999, p. 64). Esse processo de infiltração significa que “[...] o psiquismo se oblitera para se tornar ideologia e vice-versa” (Ibidem, p. 65). Em outras palavras, há uma relação dialógica em que a ideologia permeia o psiquismo e este se exterioriza por meio dos signos. Quer dizer, a consciência do sujeito não se constitui de dentro para fora, mas sim de fora para dentro, sendo que o sujeito também, inevitavelmente, age na sociedade, transformando-a. O sujeito vai se constituindo durante suas vivências, de acordo com o espaço em que está imerso, de modo geral, em uma sociedade constituída e

dinamizada por classes sociais e, sobretudo, pelas lutas dessas classes. O sujeito não nasce com uma identidade pronta ou pré-construída, ela é concebida ao longo do tempo por meio das relações sociais, mais especificamente, por meio do contato com os signos.

Se o sujeito é constituído por meio da linguagem, se os valores e as verdades que os orienta são introduzidos pela linguagem, se o sujeito se expressa no meio social pela linguagem, logo, para compreender tais valores e verdades, para ter acesso ao mundo interior de um sujeito e, de forma coletiva, de um grupo social, é preciso tomar como objeto de análise a forma concreta da expressão da linguagem enunciada pelos sujeitos. Em outras palavras, o objeto de análise deve ser o discurso, concretizado em material linguístico (BAKHTIN, [1979] 2000, p. 282). No caso deste estudo, o material linguístico será a entrevista realizada com os professores, seus enunciados.

Segundo o autor, quando o sujeito interage verbalmente com a sociedade, o faz materializando a língua/linguagem em um enunciado, considerando-o como um momento de interlocução, de interação social (BAKHTIN, [1979] 2000, p. 42-43). Dessa forma, Bakhtin ([1929]1999) redireciona os estudos no âmbito da linguagem realizados no século XIX, notoriamente, aqueles desenvolvidos por Saussure e sistematizados por seus seguidores, os quais são de fundamental contribuição para o desenvolvimento científico deste campo. Contudo, estes demonstravam não dar conta do “verdadeiro problema” que se colocava diante dos estudos de linguagem, uma vez que a escolha excluiu o estudo dos sujeitos (locutor e interlocutor) e do contexto de produção, inevitavelmente envolvidos e responsáveis pelo discurso (BAKHTIN, [1979] 2000, p. 290).

O estudo do discurso não pode desprezar o papel do *outro* no processo da enunciação, visto que isso acarretaria em concordar com concepções vagas do processo de comunicação verbal, como “fluxo verbal” ou “fala”, limitando a participação ativa do *outro* nesse processo (BAKHTIN, [1979] 2000, p. 290).

Mikhail Bakhtin/Voloshinov ([1929]1999), baseando-se no conceito de Materialismo Histórico do pensamento marxista, em sua obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, criticam a posição saussuriana da linguagem, corrente linguística que denominam de *Objetivismo Abstrato*. Conforme Bakhtin/Voloshinov (1999[1929], p. 127), “A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é

apenas uma *abstração científica* que só pode servir a certos *fins teóricos e práticos particulares*". Ou seja, compreendida sob os pressupostos do estruturalismo saussuriano, limitar-se-ia a análises morfológicas, fonológicas e sintáticas, mas, de forma alguma, abarcaria todos os problemas da linguagem, pois excluía de seus estudos a fala, que é o momento da enunciação e o fenômeno essencial da língua, que é acontecimento e concretude. Os estudos bakhtinianos afirmam que "A enunciação individual (a "parole"), contrariamente à teoria que afirmava o Objetivismo Abstrato, não é, de maneira alguma, um fato individual" (BAKHTIN/VOLOSHINOV, [1929] 1999, p. 120). Esse modo de entender a língua/linguagem, portanto, é considerada incompatível conceitualmente para uma abordagem segundo o círculo bakhtiniano.

Da mesma forma, os autores discorrem sobre outra corrente linguística, a qual denominam *Subjetivismo Individualista*. Para os teóricos desta linha, a expressão verbal seria regida por leis da psicologia individual, ou seja, o signo (verbal ou não) seria uma criação do indivíduo e aconteceria do interior para o exterior; surgiria primeiro na consciência deste e só no momento da exteriorização faria parte do social. Advertem, no entanto, os estudiosos russos que "Não é a atividade mental que organiza a expressão, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental. E esta é determinada *pela situação social mais imediata*" (BAKHTIN/VOLOSHINOV, [1929] 1999, p. 112, grifo do autor). Assim, coloca-se em evidência o momento da enunciação e não mais o discurso interior, justificando que a organização da atividade mental só ocorre quando se necessita exprimi-la.

Com base na crítica que desenvolve, Bakhtin/Voloshinov defendem que a língua é social. Não é apenas um sistema abstrato de regras, nem um fenômeno essencialmente psíquico-fisiológico. Sua natureza é social e originária da *interação verbal*, concretizando-se na *enunciação*, ou seja, na materialização do discurso, seja oral ou escrito, na interlocução (BAKHTIN/VOLOSHINOV, [1929] 1999, p. 123).

A língua e, portanto, o discurso, na visão bakhtiniana, não são frutos de formas abstratas da língua nem algo pura ou essencialmente psíquico. É algo concreto, real e social, resultado da interação verbal, que ocorre entre os sujeitos e acontece a partir do momento da enunciação, que é o momento em que essa interação acontece e que as vozes sociais atravessam-se umas às outras.

Para o estudioso, todo signo linguístico, ou seja, toda palavra, seja ela expressa ou ainda em forma de pensamento, é constituída por vozes. Estas, por sua vez, referem-se a opiniões, ideias, posturas ideológicas de outros sujeitos, que estão presentes nas palavras (BUBNOVA, 2011, p. 275). Assim, nossas palavras são atravessadas pelo outro. Não têm origem em nós mesmos, pois são formadas historicamente pela interação dos sujeitos. Conforme o próprio autor, “Em cada palavra há vozes, vozes que podem ser infinitamente longínquas, anônimas, quase despersonalizadas [...] inapreensíveis, e vozes próximas que soam simultaneamente” (BAKHTIN, [1979] 2000, p. 353). As vozes, portanto, são possibilidades das diferentes manifestações e empreendimentos humanos produzidos na materialidade da vida socioeconômica, inclusive, das tradições de longa temporalidade. Algumas vozes, historicamente distantes, acabam não sendo perceptíveis ao próprio sujeito, “dono da palavra”, por isso elas acabam ficando anônimas, sem que se saiba de onde vieram e como passaram a constituir a palavra, no entanto, elas existem e são responsáveis pelos sentidos que damos aos signos e pelos valores a que nos filiamos.

Os discursos, produzidos por sujeitos, encontram sua materialidade no cotidiano a partir de formas mais ou menos estáveis, as quais são denominadas por Bakhtin ([1979] 2000) de *gêneros do discurso*. Conforme o autor, “um trabalho de pesquisa acerca de um material linguístico concreto (...) lida inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais), que se relacionam com as diferentes esferas da atividade e da comunicação”. (BAKHTIN, [1979] 2000, p. 282). Portanto, analisar um material linguístico é concebê-lo enquanto algo concreto, real, social, resultado da interação entre sujeitos, logo, permeado de ideologia. De acordo com Bakhtin/Voloshinov, “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência (...) Ela é o modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN/VOLOSHINOV [1929], 1999, p. 36). Assim, por meio da análise dos enunciados dos professores, buscamos identificar as vozes sociais e as marcas ideológicas que permeiam o discurso dos mesmos, no que tange à violência na escola. Entendemos ter sido possível compreender o que os professores pensam sobre a violência na escola e as relações sociais presentes no que há de extralinguístico. Por meio de uma análise profunda e cuidadosa, com base nessa teoria, o discurso dos professores entrevistados foi analisado a partir da ideia de luta de classes, rompendo assim com



a pretensa neutralidade e evidência do discurso, tendo em vista que ele é perpassado pelos conflitos de classes antagônicas e, portanto, possui caráter social e está intimamente ligado às relações de poder na sociedade. Cabe, aqui, recordarmos Brait (1999, p. 19-20) que afirma que o enunciado é composto de uma parte material, linguística, percebível, verbal, mas também é constituído por uma parte presumida, que não está em evidência no discurso, que precisa ser buscada, é o que está além da expressão verbal, é o que não está dito. Quando se pensa no que está presumido e se almeja buscá-lo, como foi o nosso caso, é necessário compreender que não se pode fazê-lo de maneira aleatória, sem alicerces. A estudiosa ressalta a importância de se considerar a base material do discurso, ou seja, o contexto extraverbal. Ela justifica tal ponto de partida esclarecendo que o enunciado, por ser concreto e não uma abstração linguística, tem vida na interação social, em que as formas nas quais esses enunciados se materializam são determinadas pela natureza e caráter da situação de interação (BRAIT, 1999, p.21).

Se o discurso é um acontecimento social, decorrente da interação verbal, que, por sua vez, acontece a partir da enunciação, a forma que toma não é aleatória ou arbitrária, e sim determinada pela maneira como ocorrem as interações. Por ser social, é também ideológico, ou seja, carregado de intencionalidades originadas de outras vozes sociais, de outros sujeitos. Por ser social, é também concreto, quer dizer, é suscetível de estudo. Este, por sua vez, para que seja eficaz, precisa saber percorrer a linha dessa materialidade, e de reconhecer e interpretar seus pontos sólidos, segurando-se em suas âncoras, para não correr o risco de cair na subjetividade exagerada e infundada.

Para a apresentação da pesquisa e de seus resultados, organizamos esta em três capítulos, seguidos das considerações finais. Em todos os capítulos, trouxemos a discussão da temática com base nos estudos bakhtinianos e com o aporte teórico de estudiosos do assunto em questão: Bakhtin/Voloshinov (1999 [1929]), Bakhtin (1998 [1988], 2000 [1979], Faraco (2009), Brait (1999), Barros (1999), Bourdieu (1997) e GEGe (2009), Bubnova (2011). Os discursos dos professores estão intercalados às discussões dos três capítulos, no intuito de articular o pensamento teórico e a análise do discurso dos docentes, com vistas à produção de um texto fluído, dialogado e dinâmico.

No primeiro capítulo, há uma contextualização acerca da violência escolar. Dissertamos sobre conceitos e a natureza da violência, bem como sobre a diferença entre esse termo e outros com os quais muitas pessoas o confundem. Desenvolvemos, ainda, reflexões sobre a violência na escola e sobre posições e ações que as escolas têm adotado na tentativa de solucionar o problema. Nosso aporte teórico contará, assim, com estudiosos da área do discurso e dos estudos bakhtinianos em geral, além de outros que tratam da televisão e da violência: Charlot (2006), Barreto (1992), Zaluar (1999), Abramovay e Rua (2003), Fukui (1992), Guimarães (1990, 2006), Gómez (2001), Garcia (1999), Estrela (2002) e Girard ([1972] 2008).

No segundo capítulo, tratamos da relação da violência escolar com contextos de pobreza econômica e também com a desestrutura familiar. O texto contextualiza o espaço econômico e social do Colégio Interlagos e refletirá sobre a possibilidade da exclusão econômica e social e dissolução da família tradicional serem fatores desencadeadores de comportamentos violentos em adolescentes. Ainda discutimos sobre o sujeito adolescente e suas singularidades enquanto sujeito social, pautados em Vygotsky (1996), Bock (2004), Villaça (1998), Zaluar *et all* (1994), Paula & Silva (2009), Marx (1996), Bauman (2005), Elias e Scotson (2000), Bezerra Júnior (2006), Faleiros (1980), Koshino (2011) e Zilberman (1987). Optamos por incluir esse tópico porque a temática em questão foi recorrente na fala dos professores. A forma que as relações familiares estão se configurando e a pobreza econômica foram apontados pela maioria dos entrevistados como os principais desencadeadores da violência, a qual vem a se refletir na escola. Logo sentimos a necessidade de analisar o assunto.

No terceiro capítulo, discorreremos sobre a possível influência que a violência exibida na televisão tem sobre a subjetividade dos sujeitos, principalmente dos adolescentes. Para tanto, discorreremos sobre a constituição do sujeito e sobre o trabalho da ideologia, a partir dos aportes bakhtinianos. Além disso, discutimos sobre possíveis consequências da exposição dos adolescentes a conteúdos violentos exibidos pela televisão. Neste caso, conduziram-nos, nesta discussão, Bourdieu (1997), Vygotsky (1996), Charlot (2006), Barreto (1992), Groebel (1999), Merlo-Flores (1999), Watella, Olivarez, Jennings (1999), Martin-Barbero (1997), Betelheim, (2002), Koshino (2011) e Hall (2003).

Por fim, nas considerações finais, consta a síntese deste estudo, desenvolvida com nossas reflexões acerca da relação da violência exibida pela televisão, do contexto socioeconômico e da dissolução da família tradicional com a construção da subjetividade dos adolescentes e as violências que ocorrem na escola. Buscamos demonstrar que a violência, muitas vezes, é confundida com a indisciplina, o que compromete a percepção da raiz do problema e a amenização deste. Apontamos que o senso comum e o discurso gerado pelo capitalismo, até mesmo identificados na fala dos professores, impedem que se perceba a materialidade e a essência da violência. No entanto, evidenciamos um sujeito responsivo e capaz de responder criativamente a discursos prevalecentes, como aquele da mídia televisiva que difunde conteúdos violentos. Um sujeito que é capaz de ensinar e aprender sobre a vantagem do diálogo sobre a barbárie, e também sobre a importância da compreensão das relações sociais e da percepção das vozes que instituem os discursos aparentemente naturais, para o esclarecimento e mudança de posturas, inclusive as violentas.

## 1 REFLEXÕES SOBRE VIOLÊNCIA

*“A nossa juventude adora o luxo, é mal-educada, despreza a autoridade e não tem o menor respeito pelos mais velhos. Os nossos filhos hoje são verdadeiros tiranos. Eles não se levantam quando uma pessoa idosa entra, respondem aos pais, são simplesmente maus”.*

*Sócrates (470-399 a.C.)*

Este primeiro capítulo apresenta uma reflexão sobre possíveis definições para a palavra violência e sobre os limites que há entre esse termo e outros, como indisciplina e agressividade. Além disso, problematiza o tratamento dado à violência e à indisciplina na escola, a partir de pesquisas e estudos dedicados a esse tema.

### 1.1 FOI VIOLÊNCIA? DEPENDE...

A violência é algo que tem preocupado o mundo pós-moderno, sobretudo porque esse termo abrange, hoje, muitas ações, além da agressão física, a qual era, de maneira geral, a única associação para tal denominação, ao menos até o advento da modernidade, quando houve o início de uma profunda reflexão e produção intelectual sobre o funcionamento da sociedade capitalista e seus problemas. Não que a violência seja, essencialmente, uma consequência do sistema capitalista, o que ocorre é que, assim como outros fatores sociais, ela passa a ser mais percebida e analisada após este advento e também a tomar outras formas.

Não é possível comparar o trauma de uma agressão física ao trauma de um ataque verbal ou uma atitude atroz contra um indivíduo, mas é comum ouvir pessoas afirmando que se sentiram muito feridas e prostradas diante de um insulto, como uma atitude racista, xenofóbica, preconceituosa. Assim, com vistas a expressar a suntuosidade do sentimento que esses ataques geram, a palavra violência é usada, hoje, para expressar diversas formas de sentir dor em decorrência da ação de outrem ou de algo, parece que no intuito de demonstrar que tal dor não é menor do que aquela que se pode sentir objetivamente, no corpo, na carne. Ela também é sentida e representada pela palavra que melhor conota as feridas invisíveis.

Ao considerarmos a violência a partir do prisma bakhtiniano, temos que ela é um signo ideológico. Para Bakhtin( [1929]1999) tudo o que é ideológico é signo e

este pode existir apenas dentro da interação social, construindo sua significação dentro de uma realidade material e concreta. Ele é constituído pelas vozes sociais que constituem também os sujeitos dessa dada realidade social por onde circula. Dessa forma, o signo violência é constituído pelas vozes sociais de um determinado contexto. Isso explica a modificação que este signo, como qualquer outro, sofre ao longo do tempo. Sim, pois a dinâmica dialética da sociedade está em constante e ininterrupto movimento, envolvendo toda a complexa rede de relações entre os sujeitos. Sendo assim, o signo violência vem tomando espaços diferentes na sociedade e também conotando sentidos diferentes, dependendo dos índices de valor<sup>1</sup> atribuídos pelos sujeitos ao mundo, às pessoas, às situações, às coisas. O filósofo russo explica como ocorre o embate entre os índices de valor na constituição dos sentidos do signo: “tais índices operam como arenas de lutas em que diferentes *ideologias* entabulam entre si relações dialógicas e disputas pelos sentidos” (GEGe, 2009, p.93). Assim sendo, o signo violência pode significar essencialmente parecido para os sujeitos de um mesmo grupo, mas pode se diferenciar um pouco, de acordo com a vivência particular de cada sujeito. Da experiência concreta que ele teve com a situação que gerou o signo, com as vozes que o envolvem, e de quais vozes se destacaram. Dessa forma, quando se trata do termo violência, as definições correspondem entre si, mas também divergem entre si, tanto no meio acadêmico que estuda o fenômeno, quanto para sujeitos que não tem uma relação tão estreita com ele, ou, ao menos, tem uma relação diferente.

Para a maioria dos professores entrevistados, a violência está mais ligada à vítima do que ao agressor. Quer dizer, para que haja uma situação de violência, é necessário que a suposta vítima assim a compreenda. Violência seria fazer com que, de alguma forma, o outro se sentisse violentado. Vejamos alguns depoimentos que apresentam esse posicionamento:

**Professor 1** – *“Na minha opinião, violência são atitudes, ações e reações que levam à intimidação, e pode se manifestar de maneira física ou psicológica, por meio de discussões com o objetivo de desvalorizar ou discriminar alguém [...]”.*

---

<sup>1</sup> Termo utilizado pelos estudos bakhtinianos. Refere-se aos “princípios”, “verdades” de cada sujeito, as vozes sociais que falam mais alto.

**Professor 3** – “A violência eu acho que é quando você ultrapassa o espaço do outro onde você rompe limites em que deixam de ser morais e que você acaba realmente interferindo na vida do outro tanto fisicamente quanto moralmente [...]”

**Professor 5** – “A violência eu acredito que é qualquer ato que viole um bem da pessoa, seja ele um bem material, um direito [...]”.

**Professor 7** – “Violência é toda atitude que agride outra pessoa, seja de forma física, psicológica, verbal [...]”.

**Professor 8** – “Pra mim a violência é toda forma de comportamento que de certa maneira acaba magoando ou prejudicando alguém, podendo ser uma violência física ou uma violência verbal”.

**Professor 9** – “Acho que é qualquer tipo de agressão que atinja o próximo, seja ela física, verbal ou psicológica. É qualquer atitude que venha trazer algum mal à pessoa alheia”.

**Professor 14** – “Violência é quando a gente age em relação ao outro o ferindo de alguma maneira, seja fisicamente, moralmente, psicologicamente. A partir do momento que o outro se sente ferido por uma ação nossa, com certeza aconteceu um ato de violência”.

Intimidar alguém, ultrapassar o espaço de outra pessoa, interferir na vida alheia, violar o bem de outrem, agredir, magoar, prejudicar, atingir, ferir **o outro**. Em todos os depoimentos a existência da violência depende da reação daquele que sofre a ação. Seria violência toda e qualquer coisa que o tal outro assim a considere? Não seria relativizar a definição de violência e abrir demais o leque?

Segundo Zaluar (1999, p.28),

O termo violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis* (força, vigor, emprego de força física, ou recurso do corpo para exercer sua força vital). Essa força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo assim, carga negativa, ou maléfica. É a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento causado), que vai caracterizar um ato como violento, percepção que varia cultural e historicamente.

Ao trazer a etimologia da palavra violência, a autora nos faz refletir sobre uma agressividade que é vital e natural do ser humano, mas que passa a ser socialmente prejudicial quando extrapola o limite culturalmente estabelecido por um grupo social, ocasionando o sofrimento do outro e a desordem na coletividade. Nesse sentido, pensando-a como mal-estar, a violência pode assumir várias formas e o posicionamento dos professores dialoga com o que afirma a autora citada. Percebemos, assim, o discurso científico presente na fala dos professores, fato que consideramos positivo, já que se espera que os valores dos sujeitos que trabalham com a Educação sejam fruto do diálogo entre prática e reflexão. Notamos, então, como signo e sujeito constroem-se dialogicamente, refletindo-se e se refratando. Os signos não apenas *refletem* o mundo (não são um decalque do mundo), eles também *refratam* o mundo (FARACO, 2009, p. 50). Ao passo que os sentidos para o termo violência mudam com a interação entre os sujeitos, o próprio signo também promove modificações nos sujeitos, em um movimento interdependente e dialógico.

Atualmente, de acordo com Abramovay e Rua (2003, p. 21), “a literatura nacional contempla não apenas a violência física, mas acentua a ética, a política e a preocupação em dar visibilidade a violências simbólicas”. Assim, a preocupação das reflexões atuais compreende também essas outras maneiras de violência. Novamente há concordância com a postura da maioria dos professores, que destacaram em seus depoimentos a existência de várias formas de violência. Citemos alguns:

**Professor 4** – *“Eu acho que a violência não é só a violência física. No cotidiano da escola nós temos também a violência moral, a violência verbal [...]”*.

**Professor 7** – *“Violência é toda atitude que agride outra pessoa, seja de forma física, psicológica, verbal. Xingamentos, palavrões, gestos também são formas de violência. Eu penso que também existe uma violência mascarada que são as drogas, as más companhias, tudo isso eu considero violência”*.

**Professor 10** – *“Acho que é todo o ato de agredir uma pessoa, sendo que essa agressão pode ser física ou verbal [...]”*.

**Professor 12** – “[...] Na verdade a violência não é só o ato de bater, violência é o fato de uma pessoa não ter o que comer, violência é ela não ter o que vestir, violência é ela viver em um mundo onde não há estrutura familiar, tudo isso também é violência”.

**Professor 13** – “[...] A violência também pode ser física e verbal, xingamentos, apelidos, toda falta de respeito ao próximo é uma forma de violência”.

**Professor 15** – “Na minha opinião, há dois tipos de violência a física e a verbal [...]”

Os enunciados atestam que os professores compactuam com a ideia de que a violência não ocorre apenas com a agressão física e quase todos também citam a violência verbal. O *professor 15* limita a violência a essas duas formas. O *professor 7* e o *professor 13* ampliam suas definições citando violências simbólicas. O primeiro cita o uso de drogas, certamente porque geralmente elas são nocivas à saúde e ao convívio familiar e social do usuário. Além do fato de que o apelo às drogas pode esconder motivos também simbolicamente violentos. O segundo aborda as fragilidades sociais a que os sujeitos estão expostos, sendo vítimas, assim, da própria sociedade, do poder governamental, do sistema político e econômico. Cada sujeito deixa sobressair a voz que mais se destaca em seu repertório, a que lhe parece mais cabível.

Por conta da amplitude e complexidade que o termo violência ganhou, estudos buscam traçar um limite entre ele e outras terminologias. Fukui (1992, p. 103) disserta sobre a diferença e os limites que há entre os termos *violência* e *agressividade*. Para a autora, conflitos e agressões físicas podem não ser necessariamente manifestações de violência, mas da própria agressividade que é inerentemente humana. Só será violência se assim for considerada pela vítima, agente ou observador. Neste caso, a violência existe quando há o desejo de destruição.

Assim como Zaluar (1999), observamos que Fukui (1992) também compreende a violência como um ato agressivo, mas com o propósito de depreciar algo ou alguém, sendo que quando não é intencional, trata-se de uma característica humana, e para que seja considerada violência, deve ser assim concebida pela vítima.



É pertinente trazer as asserções dos professores quando tratam dos empurrões, tapas, xingamentos entre os alunos durante o intervalo das aulas.

**Professor 1** – “[...] Trabalhei em um colégio de periferia onde a violência era vista pelos docentes que trabalhavam há mais tempo lá como algo natural, a equipe pedagógica não dava apoio ao professor quando se tratava de problemas de relação entre professor/aluno [...]”.

O professor menciona que o colégio que trabalhou situava-se na periferia, levando a entender a relação que ele acredita existir entre o local e a violência que existia no colégio. Parece-nos que, para ele, a violência na escola a que se refere estava naturalizada, como que incorporada no dia a dia daquele grupo, o que aparentemente chocava-se com seus valores morais sobre a violência. Se havia mesmo a inércia por parte dos professores antigos, da equipe pedagógica e direção, qual seria o motivo? O cansaço e o sentimento de incapacidade em mudar a situação? Um juízo diferente sobre a própria essência da violência? Vejamos outros depoimentos:

**Professor 4** – “[...] existem violências que são mascaradas por brincadeiras, que são brincadeiras com agressão física e os alunos acham um máximo [...]”.

**Professor 5** – “[...] Em sala e na hora do intervalo acontecem muitas brincadeiras agressivas, chutes, empurrões sem qualquer motivo aparente. Violência apenas por diversão.”

**Professor 7** – “São diversos os tipos desde brincadeiras violentas [...]”.

Na fala dos três professores, percebemos a aflição pela forma com que os alunos manifestam, aos olhos dos professores, brincadeiras com chutes, empurrões, palavrões, xingamentos, etc. Os adolescentes parecem não enxergar crueldade nesses atos – ou se enxergam, isso não os afeta a ponto de deixarem de cometê-los. Para eles, tal dinâmica parece algo normal, habitual, brincadeira, deveras comuns na hora do intervalo, no início e no final da aula e, por vezes, na sala de aula. Será que a violência está banalizada por essa geração? Esse comportamento

não seria característico da faixa etária? Não estariam os professores agravando as cenas que presenciam baseados em uma visão idealizada de escola e de aluno?

**Professor 12** – “[...] eles falam muitos palavrões. Eles não encaram como violência xingar o outro, xingar a família do outro, pegar as coisas do outro; para eles nada disso é violência.”

O docente alega que os alunos não enxergam certas formas de agressão verbal e outras atitudes como violência. Será que eles, de fato, não consideram ou não se importam tanto em cometer aquele tipo de violência? Talvez percebam como violência, mas quem sabe não acreditem que o resultado daquilo pode ser realmente ruim para a vítima. É uma possibilidade, afinal eles estão em fase de assimilação de valores éticos e morais e não têm ainda introjetados alguns princípios sociais (VYGOTSKY, 1996). Além disso, se considerarmos as afirmações dos estudiosos citados sobre a natureza da violência, teremos que ela só se concretiza se a vítima assim o considero. Desse modo, talvez devêssemos pesquisar sobre o que os adolescentes têm a dizer sobre tais situações, embora esse não seja o propósito desta pesquisa. Certamente, os índices de valor que permeiam o signo violência para a maioria dos professores não apareçam na interação entre os adolescentes, dando espaço para outras vozes que vão se cristalizando e lhes formando conceitos.

Avaliando as falas dos cinco professores mencionados acima constatamos que há diferença sobre o que pode ou não ser considerado violência. Há discrepâncias de opiniões entre professores e sobretudo entre professores e alunos, o que é natural, visto que são sujeitos diferentes, que têm vivências diferentes.

Guimarães (1990), estudiosa do fenômeno, principalmente da violência que ocorre no espaço escolar, pesquisadora do grupo VIOLAR - Laboratório de Estudos sobre Violência, Cultura e Juventude - disserta sobre o caráter ambíguo da violência que ocorre na escola. Ao mesmo tempo em que a violência é conflito, ela também é parte de algo que une o corpo coletivo. A partir dessa asserção, talvez seja possível analisar as brincadeiras de brigas de maneira menos alarmada e tentar visualizá-las como, quem sabe, algo característico do ambiente e da idade, a partir de uma visão dos adolescentes, afinal não é de agora que se ouve adultos reclamarem do comportamento juvenil. Cabe refletir sobre a famosa frase de Sócrates que serve como epígrafe deste capítulo, a qual foi declarada há mais de dois mil anos.

Contudo, não estamos afirmando que comportamentos violentos são naturais em jovens ou que devemos aceitar a violência como algo natural e irreversível, antes chamando a atenção para situações específicas, que precisam ser melhor analisadas. Talvez elas sejam lampejos de agressividade e não ainda violência.

A esse respeito, Barreto (1992) observa que a agressividade, ainda que não intencional, pode ser controlada, mas que, para tanto, é necessário que o sujeito esteja em alto grau civilizatório. Esse estágio, por sua vez, é alcançado por meio do contato com a moral, com a ética e com a cultura, o que é possível, por excelência, por meio da educação. Disserta o autor que o sujeito, em suas ações, tem duas possibilidades: agir a partir da agressividade com violência, ou deter-se ao raciocínio, ponderando o contexto que lhe solicita a atitude, buscando agir de acordo com os valores culturais que subjazem a sua época. Em outras palavras, o contato com diferentes vozes sociais, estas próprias do discurso ético e moral sobre a violência, pode, paulatinamente, abrir espaço na subjetividade dos alunos para outros índices de valor.

Em vários momentos, os docentes declararam que os alunos parecem não perceber suas atitudes como violentas. Talvez, muitas vezes, para eles não sejam mesmo, mas eles podem passar a enxergá-las de outra maneira. Quiçá caiba uma prática consideravelmente antiga na escola, que já não é segredo para ninguém e que já carrega um nome conhecido: conscientização. Tratar desses assuntos com as crianças e adolescentes, sensibilizá-los, mostrando a dor alheia que algumas atitudes podem causar. Essas ações não ocorrem naturalmente, sem que a sociedade - e também a escola - se disponham a realizá-las. É necessário ensinar às crianças e aos adolescentes a não barbárie, uma linguagem não violenta. Pode ser que essas práticas já sejam realizadas pelos profissionais da escola e talvez os resultados não sejam imediatamente visíveis, porque realmente geralmente demoram para aparecer. Requer paciência, porém, quando alcançados, petrificam-se, deixando de serem vistos apenas como moral de uma coletividade e passam a fazer parte da subjetividade do sujeito.

Charlot (2006), no prefácio à obra publicada pela UNESCO, "Cotidiano das escolas: entre violências", faz uma reflexão sobre a tentativa de definir a palavra violência. Leva-nos a pensar sobre quais atos podem ser considerados violência: o assassinato, a agressão física, o furto sem ou com a presença da vítima, um olhar

feito a alguém, crianças brincando de socos e pontapés, o racismo, a exclusão social, o bullying, a situação do aluno que é obrigado a aprender sobre assuntos que não lhe interessa, enfim, será que todo ato que provoca mal-estar a alguém pode ser considerado violência? O autor chama a atenção para uma perigosa generalização do termo. Segundo ele, em toda vida humana há frustração, a qual gera a agressividade; esta gera o conflito, que por sua vez, gera o mal-estar. Sendo assim, assevera o estudioso que “Se considerar que há violência cada vez que se encontra uma situação que causa mal-estar, que incomoda, frustra, machuca, ter-se-á de admitir que a vida toda é uma violência.” (CHARLOT, 2006, p.18). Ou seja, ao estendermos tanto o alcance da palavra violência, generalizamos e não conseguimos defini-la, já que a generalização, pode-se dizer, é o oposto da definição, pois nela há a falta de linhas que delimitam. Compreender que a vida toda é uma violência, que cada ato que machuca ou causa mal-estar é violência seria não encontrar uma conceituação a tal terminologia. Entretanto, Charlot também não concorda com a delimitação do termo, já que não há como reconhecer os limites que o circundam. Dessa forma, reconhece a dificuldade que há para a uma conceituação, uma vez que não se pode aceitar uma definição estreita para a palavra violência, mas também não há como delimitá-la quando aceita-se sua ampliação. (CHARLOT, 2006, p.19). Embora as ponderações do autor colaborem para refletirmos sobre a definição de violência, ele deixa de considerar as ações da sociedade capitalista e seus valores sobre o sujeito, tratando este apenas como indivíduo, o que, a partir do ponto de vista que adotamos neste estudo, limita sua contribuição para o debate do tema em questão. Dessa forma, esclarecemos que nos favoreceremos apenas de aportes apresentados pelo estudioso que não afetem ou comprometam nossa abordagem materialista-histórica-dialética.

Não haveria, dessa maneira, uma conceituação para o termo? Conforme o Charlot (2006), uma definição clara e estática não existe. Há posturas, que divergem um pouco, dependendo das concepções de homem e sociedade adotadas pelos pesquisadores que se debruçam aos estudos nesse campo. Estas baseiam-se nos valores culturais, éticos e políticos de cada grupo social a ser o objeto de estudo. Para Charlot (2006, p. 24), no que se refere à palavra violência, “Não é e não se pode tornar um conceito científico, por mais esforços que fizerem os pesquisadores. É definitivamente uma palavra-valor, uma palavra que implica referências éticas,

culturais, políticas.” Sendo assim, para definir o que é ou não violência, é preciso levar em consideração os diferentes estratos sociais, o que o grupo social a ser pesquisado considera como violência, o que significa esse termo para os sujeitos do grupo, ou seja, o que lhes causa mal-estar ou dor.

Ao concordarmos, nesse aspecto, com Charlot (2006), a extensão para a palavra violência fica desmesurado, abrindo-se cada vez mais. Adotar um posicionamento aqui significa quase não poder adotar nenhum. Certamente não é nada simples definir o que é ou não violência, visto que sua definição paira muito sobre a subjetividade e terrenos movediços. Isso porque muito da violência que antes era ocultada, está sendo mostrada na atual sociedade, pois esta não está mais conseguindo mascarar as diferenças.

## 1.2 VIOLÊNCIA TEM LIMITES? DELIMITANDO: AGRESSIVIDADE, INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA.

A partir da discussão que realizamos sobre o que vem a ser violência, podemos perceber que ela ocorre abundantemente e de diversas formas no espaço escolar, envolvendo tanto os sujeitos que estão presentes no ambiente quanto outros que não estão e também aqueles que estão ocultos, representados por instituições. Dessa forma, participam de atos de violência na escola os alunos, os professores, a equipe pedagógica, a direção, os funcionários, os pais, os órgãos fiscalizadores (como os Núcleos de Educação, a promotoria), os meios de comunicação, o Estado, a sociedade.

A escola é um espaço onde muitas vozes sociais se cruzam e se chocam. São crianças, adolescentes, jovens, adultos, sujeitos de diferentes faixas etárias; são meninos e meninas, homens e mulheres; são sujeitos com condições econômicas e costumes diferentes; cada um é um universo socioideológico à parte, trazendo consigo suas verdades e seus jeitos de ser. Como não haver o sentimento de agressividade, o conflito e, por vezes, a violência?

Para Gómez (2001, p. 12) “é extremamente útil entender a escola como um cruzamento de culturas que provocam tensões, aberturas, restrições e contrastes na construção de significados.” Sim, pois idealizar uma escola homogênea é desconsiderar algo de precioso que ela engloba, a diversidade. As diferenças,

quando encaradas com respeito e bom senso, podem ser uma forma de melhoramento emocional, temperamental, além de enriquecer o grupo escolar. No entanto, é comum acontecer a violência por causa da falta de controle sobre a agressividade perante situações conflituosas que há na escola. Segundo Charlot (2006, p. 21), apesar de agressividade, conflito e agressão serem fatores atrelados, este último parece ser aquele sobre o qual o sujeito possui maior controle, podendo evitá-lo. O estudioso esclarece que a primeira é uma disposição; o segundo, uma situação; o terceiro, um ato. E seria, então, o ato e não os outros fatores que invade o espaço físico ou psíquico do outro (CHARLOT, 2006, p. 21). É necessário esclarecer, a partir dos preceitos bakhtinianos, que concordamos que o ato referido é controlável pelo sujeito, no entanto, não queremos cair no equívoco da impressão de que é um reflexo individual, como se o sujeito tivesse total controle sobre suas formas de expressão e pudesse escolher o que ser, como ser e como se expressar, independentemente da realidade que o permeia. Para Bakhtin ([1929]1999), o sujeito é social, constituído por vozes socioideológicas com as quais ele teve contato no decorrer de sua vida, sendo assim, todos os seus pensamentos, formas de expressão e atitudes são essencialmente sociais. Ponderamos, então, que o ato violento não é fruto de algo puramente individual. Esse posicionamento do sujeito refrata a violência que há no sistema social em que vive, uma vez que ele está submetido, gera e é fruto de uma sociedade regida pela violência da exploração, do lucro, do capital e do poder. Dito isso, esclarecemos que não é o nosso ponto de vista uma visão dualista de ação e reflexo no que tange à concepção de sujeito, já que adotamos, neste estudo, a ideia de um sujeito dialógico, conforme dissertaremos mais detalhadamente nos tópicos adiante.

Isso posto, embora a agressividade exista, em situações de conflito, a violência, às vezes, pode ser evitada, utilizando-se o autocontrole, o bom senso e escolhendo formas de linguagens não violentas. Frisamos que não estamos tratando apenas de confronto físico ou xingamentos ou formas mais evidentes culturalmente de violência. Consideramos, aqui, todo ato que tenha o objetivo de causar mal-estar ou dor a outro ser, por exemplo, um aluno que é ignorado ou ridicularizado propositalmente pelo professor e se sente mal pode ter sofrido um ato violento.

Além da falta de uma definição convencionalizada para a palavra violência e de sua confusão com o termo agressividade, quando nos reportamos ao ambiente

escolar, ela também é corriqueiramente confundida com a indisciplina. Nas escolas, costuma-se tratar desses temas como se significassem a mesma coisa, por isso é relevante uma breve diferenciação entre os mesmos. Violência e indisciplina são coisas diferentes, têm causas diferentes e precisam ser abordadas também de forma diferente.

Para Garcia (1999, p. 376), a indisciplina é um fenômeno inerente à aprendizagem. Não deve ser encarada como anomalia, nem deve ser motivo para o desespero por meios de controlá-la. De acordo com o estudioso, a indisciplina não pode ser abordada enquanto um problema de comportamento dos alunos, que precisa ser repreendido e normalizado de acordo com a ideia de aluno ideal, a qual o professor, geralmente, carrega consigo. A indisciplina também não teria um caráter prejudicial para o ensino-aprendizagem, pois seria um reflexo do próprio sistema de ensino; uma indisposição natural dos educandos que os leva a não aceitarem determinadas práticas e conteúdos que a escola lhes impõe, os quais não condizem com suas necessidades; uma forma inconsciente de resistência.

Oportuno se faz citar as palavras de Charlot em que ele aborda o tema violência em âmbito escolar:

Se, como pesquisador envolvido na questão da educação, tivesse que propor uma definição da violência, proporia a seguinte: 'Violência' é o nome que se dá a um ato, uma palavra, uma situação, etc., em que um ser humano é tratado como um objeto, sendo negados seus direitos e sua dignidade de ser humano, de membro de uma sociedade, de sujeito insubstituível. Assim definida, a violência é o exato contrário da educação, que ajuda a advir o ser humano, o membro da sociedade, o sujeito singular. (CHARLOT, 2006, p. 24-25).

Embora um tanto romantizada quanto à concepção de sujeito, ao opor a violência à educação, o autor dialoga com Barreto (1992), quando relaciona a primeira à falta de acesso à segunda. E, como outros estudiosos, já pautados nesta pesquisa, também relaciona a violência ao mal-estar do sujeito dentro da sociedade, causado por alguém ou por algo, e à negação da dignidade a esse sujeito, a qual talvez possa ser buscada por meio da educação, possibilitando-lhe o acesso aos bens culturais e ao mundo letrado e lhe oportunizando a assimilação, de maneira crítica, de seu contexto social enquanto sujeito histórico comprometido com uma sociedade mais justa e com a minimização das diferenças sociais.

A partir dessas asserções, compreendemos que a indisciplina escolar diferencia-se da violência escolar por aquela ter sua origem ligada à prática escolar, por ela ser intrínseca ao sistema escolar. Já a violência escolar é muito mais ampla e complexa, pode ter diversas origens, que nem sempre estão na escola, mas que podem repercutir e culminar nela. Assim, existe muita proximidade entre as duas coisas, mas há como traçar fronteiras entre elas, embora em momentos, elas estejam hibridamente intrincadas: a violência escolar pode ser originada por um ato de indisciplina escolar, mas isso ocorrerá com bem menos frequência na ordem inversa, ou seja, a indisciplina escolar nem sempre estará presente em casos de violência escolar. É preciso assinalar que, independente de aparecerem casos de violência ou indisciplina, a escola não pode ser vista como uma ilha à margem da sociedade, pois se assim fosse, ela poderia ser redentora, já que estaria eximida dos problemas que afetam a sociedade. No entanto, a escola e seus sujeitos refletem e refratam a própria sociedade: suas diferenças e seus valores.

Ao serem questionados sobre como é o comportamento dos alunos (pergunta 3 – Apêndice A), nenhum professor afirmou que são violentos, embora em outras perguntas tenham deixado claro que sim. Os docentes afirmaram que os alunos são agressivos (apareceu apenas uma vez), mas sobretudo indisciplinados e agitados. Neste momento percebemos a fala dos professores como um desabafo sobre a agonia que sentiam ao entrar em sala de aula:

**Professor 4** – *“Os alunos são agitados, indisciplinados, eles não tem limites em casa, então o único lugar que eles encontram limites é na escola e aí existe essa dificuldade muito grande da socialização, do respeito ao próximo... Eles não são respeitados dentro de casa então eles não sabem que tem que respeitar regras, ouvir, ficar sentado no lugar, prestar atenção enquanto o professor fala, enfim, eles não são educados [...]”*.

Aparece nessa fala o conhecido discurso de que o aluno precisa ficar sentado, quieto na carteira. Aluno bom é aluno quieto. Um adolescente que, de acordo com o depoimento, deveria vir de casa com as regras éticas e morais assimiladas, mas que por não as praticar no convívio com a família, como era o esperado, o que reproduz em sala de aula é o que vivencia em sua casa. Conforme dito anteriormente, é comum relacionarmos o comportamento dos alunos na escola



com a possível orientação que recebem em casa. É como se a escola fosse um espaço isolado da sociedade e o lugar onde ela se reflete.

Alerta Guimarães (2006, p.2) que a escola também produz sua própria violência, sua própria indisciplina, enquanto instituição normalizadora, então não pode ser vista apenas como reflexo da opressão, da violência e dos conflitos que acontecem na sociedade.

**Professor 5-** “[...]eles são muito agitados, eles têm bastante energia, alguns são bastante agressivos e acabam atrapalhando o desenvolvimento das aulas. São muito agitados [...]”.

O professor percebe que o público é enérgico, inquieto e considera que isso atrapalha no desenvolvimento da aula. De fato, não é fácil lidar com cerca de quarenta jovens inquietos em uma sala de aula, mas conforme Guimarães (2006, p.5) “Quando a escola não tem significado para eles, a mesma energia que leva ao envolvimento, ao interesse, pode transformar-se em apatia ou explodir em indisciplina e violência.” De acordo com a pesquisadora, a falta de assuntos que despertem o interesse do aluno, ou talvez a maneira como tal conteúdo é exposto acaba por não conseguir prender sua atenção e, conseqüentemente, atenção e energia são direcionadas a outras situações. Esse dispersar-se é então o início da famosa baderna e o início de conflitos em sala de aula, principalmente entre professor e aluno, resultando na revolta dos docentes e no desabafo:

**Professor 7-** “Eles são muito agitados, eles não se comportam[...]”

**Professor 9-** “[...] eles são muito indisciplinados [...]”

**Professor 10 –** “ De maneira geral eles são agitados [...]”

**Professor 12 -** “[...]Eles são muito agitados e alguns extremamente temperamentais [...]”

**Professor 13 –** “ [...] Eles são muito agitados e sem limites [...]”

A aflição em torno do comportamento dos alunos é unânime entre os docentes, o que os desespera na busca de formas de fazê-los ficar em ordem, como se isso fosse garantia de aprendizagem. Parece-nos claro que, na atual conjuntura, a “sala em ordem”, desejada por muitos professores, não é algo possível, ao menos

sem uma forte repressão. Alguma dissonância haverá na classe, mas cremos que o interesse pelos estudos pode ser despertado na maioria dos alunos, o que moveria a turma a um foco, ao entrosamento e a uma certa “ordem”.

Vejamos dois depoimentos que demonstram a ânsia dos professores:

**Professor 8** – *“A gente sofre pra tentar deixar eles em ordem, mas, só que eles são muito agitados [...]”*.

**Professor 4** – *“[...] eles não vêm para escola atrás de conhecimento científico e de educação, aquela que a gente tinha na nossa época dentro de casa e que íamos pra escola unicamente para buscar o conhecimento científico [...]”*.

Nesta última fala, percebemos o conhecido saudosismo do “nada é tão bom como antigamente, como na minha época”. Além de uma idealização descabida, principalmente por ser generalizada do comportamento dos alunos de algumas gerações passadas, o professor 4, literalmente, desconsidera o contexto em que se encontra e todas as mudanças que ocorreram até então. Há um depoimento que discorda um pouco dos demais:

**Professor 6** – *“É o comportamento de um adolescente normal cheio de energia e que quer interagir, quer conversar e principalmente esses alunos de sétimo ano eles adoram se aparecer, então é um comportamento normal da adolescência, mas que não deveria ser, pois, o ambiente escolar tem que ser um ambiente de aprendizado tanto social quanto de conhecimento e infelizmente os nossos adolescentes de hoje não querem[...]”*.

Notamos um modo mais natural de encarar a inquietação dos adolescentes, como próprio da idade, contudo nas linhas finais, o docente demonstra sua insatisfação, afirmando que o comportamento é normal, mas não deveria ser. Para ele, a escola deveria ser também o espaço em que o aluno deveria assimilar as condutas morais da sociedade, mas pelo fato de não ser uma vontade do mesmo, isso não ocorre. Cai-se novamente no equívoco de enxergar a escola como espaço para homogeneização e se desconsidera a heterogeneidade social e cultural que ali se tencionam, a diversidade de interesses que move o grupo. Citemos Áurea Guimarães:

Quanto maior for o alcance da uniformização, maior brilho terá a violência. A homogeneização faz desaparecer a coesão do social, esvaziando a sociedade de sua força, de sua potência e conduzindo a sobressaltos violentos, às tendências mais mortíferas (GUIMARÃES, 1990, p.53).

É preciso abster-se da imagem idealizada da escola, de uma imagem uniformizadora e a aceitar, compreendê-la na sua diversidade. Para isso, faz-se necessário que os profissionais da escola questionem a realidade e busquem conhecê-la, a fim de tomarem consciência sobre quais são as raízes da violência. A tentativa de impor regras a fim de se alcançar a “escola dos sonhos” é, além de falha, provavelmente o motor para a revolta e a violência:

Outra resposta que se difere das demais:

**Professor 10** – *“De maneira geral eles são agitados, porém acredito que por eu ser um professor de menos idade, eles tem bastante liberdade comigo para conversar sobre tudo então facilita o relacionamento em sala. [...]”*

O professor encara a agitação com mais normalidade e considera que a idade dele um pouco mais próxima da dos alunos favorece o relacionamento. Entretanto, certamente a relação só é favorecida porque existe abertura do professor em acolher os assuntos alheios aos conteúdos trazidos pelos alunos, caso contrário, a idade próxima não bastaria. Nesta situação, aparece a ideia de que as diferentes gerações, principalmente aquelas mais distantes umas das outras, têm dificuldade de se enxergarem mutuamente, de se compreenderem e perceberem as diferenças entre si, o que possivelmente pode acarretar em preconceitos e generalizações.

Enfim, essa agitação e indisciplina que tanto perturba o trabalho do professor seriam possíveis de serem amenizadas? Elas são apenas maléficas? Ou até que ponto elas são maléficas? Quais são as possíveis causas desse comportamento: o conteúdo pouco atrativo, metodologias ineficazes, problemas familiares, mero desinteresse? Não seriam o início de um comportamento violento?

Assinala Estrela (2002, p. 14), que a indisciplina, às vezes, pode tornar-se violência, mas é raro, pois ela, de maneira geral, não viola a ordem legal da sociedade, não fere o outro, não causa mal-estar. Ela desafia os princípios estabelecidos pela escola, no intuito da necessidade que os alunos sentem de uma

nova organização. Quando estamos no contexto escolar, a indisciplina, segundo o autor, tem a ver com incômodos, inconformações recorrentes da dinâmica da própria escola e que não ultrapassam seus portões, não se refletem, ao menos diretamente, na sociedade. Contudo, não seria também a indisciplina uma violência? De acordo com o posicionamento que adotamos, em alguns casos, pode se tornar, mas dificilmente, uma vez que desrespeita o aceitável estabelecido pelo grupo escolar. Por exemplo, um aluno que agride verbalmente um professor por este não lhe permitir retirar-se da sala durante a aula é um ato de indisciplina perante o professor e a instituição, podendo ser também uma violência contra o professor, se este assim entender. Contudo, um aluno que discorda de uma metodologia adotada pelo professor e expressa a ele sua opinião, recusando-se a executar a atividade proposta, não será uma violência, mas um ato de indisciplina, que, é claro, pode vir a se tornar violência.

Referenciem os estudos de Áurea Guimarães (1990) em que ela discorre sobre a violência que a própria escola comete, gerando, assim, mais violência por parte dos alunos. A pesquisadora afirma que posturas autoritárias e tentativas de homogeneizar a escola não conferem resultados positivos, pois o ponto de partida é uma escola que não existe e não é possível existir. Segundo a estudiosa, “uma ordem que é imposta não é incorporada”, ou seja, é possível que durante algum tempo alguns problemas pareçam estar resolvidos, mas logo eles estouram em outros contextos. A autora, em sua tese, estudou atos violentos e principalmente a depredação de uma escola. Ponderou que o motivo de tais atitudes era a forma que os alunos eram tratados, pois eles não eram ouvidos, as regras eram muito rígidas e inflexíveis. O resultado é a revolta e a válvula de escape acaba sendo a escola, o professor, os colegas.

Essa situação faz recordar o estudo desenvolvido por Girard ([1972]) em “A Violência e o Sagrado”. O autor pesquisa a relação entre o desejo pessoal e a violência nas primeiras sociedades humanas e também no mito em diferentes sociedades. Defende que a violência está predisposta no ser humano e é movida pelas suas vontades, sendo intrínseca nas relações sociais, pois a relação dos desejos pode ocasionar conflitos com outros sujeitos. Assim, o autor nos faz pensar que a violência não está apenas no outro, mas em nós mesmos. Trata também do ato do sacrifício naquelas sociedades, o que chama de “mecanismo do bode

expiatório”: defende que o sacrifício não era apenas para agradecer ou fazer pedidos a divindades, mas tinha um motivo mais realista, mais objetivo, o qual seria conter a violência no grupo social. A vontade de violência contra membros da comunidade era redimida e canalizada para a “vítima expiatória”, fosse um animal ou um ser humano, revigorando então a boa relação e a coesão do grupo.

De certa forma, o pensamento girardiano dialoga com o de Guimarães (1990), pois, para os dois, a violência é algo intrínseco às relações sociais, mas pode ser controlada. Pode-se dizer que o Estado, a serviço do capital, lança mão de mecanismos para conter/controlar os abusos de violência, sem, no entanto, superá-la, haja vista o favorecimento ao lucro dos donos capital.

Ainda tentando traçar um paralelo entre os dois estudos, podemos comparar a “vítima expiatória” com o sujeito ou coisa que acaba sendo vítima da violência dos alunos, digamos, injustamente. Quer dizer, conforme Guimarães (1990) a violência cometida pela escola vai eclodir em alguém ou em algum lugar. Os colegas, o espaço físico, muitas vezes os professores que estão em contato mais direto com os alunos serão suas “vítimas expiatórias” por eles sentirem que não têm poder de atacar o membro da sociedade que, de fato, lhes atinge: a escola, o Estado, a sociedade, etc. De alguma forma, os sujeitos que se sentem violentados expurgarão seu mal-estar ao seu auditório social<sup>2</sup>. As vozes socioideológicas assimiladas modificam os sujeitos e condicionam suas réplicas, o que direta ou indiretamente atinge o poder constituído, representado pela ideologia da instituição escolar.

É pertinente adentrarmos aqui na categoria bakhtiniana de *Ideologia*. Quando propomos tratar sobre esse tema, é preciso considerar que existem várias definições para o termo. A partir dos estudos bakhtinianos, ele é tratado de duas maneiras: pode referir-se ao conjunto de fazeres abstratos da sociedade, às verdades constituídas das áreas do saber, aos quais Karl Marx (1996) chama de superestrutura. Neste caso, trata-se da produção não material do homem: o direito, a religião, a ciência, a arte, a ética. Para Bakhtin, esses são os *Sistemas Ideológicos Constituídos*. O termo pode, também, ser considerado a partir de outro ângulo, quando o estudioso assinala a existência dos *Sistemas Ideológicos do Cotidiano*. Essa definição abrange a ação dos sujeitos no dia a dia: o que pensam e expressam para o social. É a ideologia que permeia o pensamento, o discurso e a ação dos

---

<sup>2</sup> Termo utilizado nos estudos bakhtinianos que se refere ao “público”, interlocutores que participam da interação verbal com determinado sujeito.

sujeitos em suas interações cotidianas. Os dois sistemas são interdependentes, sendo que um age sobre o outro, ocasionando mudanças, de uma maneira dialógica (FARACO, 2009, p. 46). Dessa forma ocorre a relação entre instituição escolar e alunos. Sendo que a primeira equivale ao Sistema Ideológico Constituído, e os segundos, aos Sistemas Ideológicos do Cotidiano.

Explicam Bakhtin/Voloshinov ([1929], 1999, p. 118) que “[...] os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano”. Estes voltam a agir sobre a própria ideologia do cotidiano. Assim, é das relações sociais, das consciências individuais, dos discursos dos sujeitos que se constituem no cotidiano, que se formulam os discursos dos sistemas constituídos e vice-versa, numa realidade dialética. Nota-se, portanto, que a ideologia presente nas consciências individuais não são simplesmente impostas pelo sistema ideológico constituído. Elas têm certa autonomia, limitada apenas pelo laço indissolúvel que possuem com o sistema ideológico constituído, por estarem na condição de parte de algo que funciona como um todo. Por meio dos sistemas ideológicos do cotidiano, mais flexíveis e sensíveis que os constituídos, é que se pode desencadear as mudanças tanto nas superestruturas, quanto na infraestrutura socioeconômica (Ibidem, p. 120). Dessa forma, entendemos que quando a escola se enrijece, em prol da preservação de seu modo de gerir, fica inacessível ao diálogo mais aberto e explícito com os alunos, o que gerará em outra forma de linguagem, a violência. Quer dizer, então, que a mudança do Sistema Ideológico Constituído, que é a escola, é inevitável, visto que ela, além de refletir, também refrata, também é parte interligada de um sistema dialógico maior. Por isso, a compreensão da relação entre escola e aluno não pode ser dualista, como se este devesse submeter-se aos ditames da instituição. Essa não é uma dinâmica possível e, por isso, qualquer ação que parta desse princípio estará predestinada ao fracasso.

Dessa forma, Guimarães (2006) chama a atenção para as atitudes equivocadas que a escola vem tomando na tentativa de conter a violência com a própria violência. A autora ressalta a postura do professor, observando que a maioria enxerga como seu papel principal manter a ordem da classe, o que acaba absorvendo suas energias e não garantindo nem o fim da indisciplina, tampouco o rendimento da aprendizagem. “A classe é o lugar onde se tece uma complexa rede

de relações. Mas na medida em que o professor não consegue perceber essa teia, ele concentra os conflitos ou na sua pessoa, ou em alguns alunos, não os deslocando, portanto, para o coletivo” (GUIMARÃES, 2006, p.3). Dessa forma, é necessário considerar a indisciplina ou a violência como resultado das relações complexas que ocorrem no convívio da classe, da escola, mas que são expressão de algo exterior, não dado imediatamente, mas como fruto, muitas vezes, das relações socioeconômicas que geram as diferenças. Perceber sua dinâmica, seus motivos, seus modos de acontecer, suas vozes, e pensar em formas de discutir e superar os problemas, tentando penalizar o mínimo possível tanto professor quanto aluno, focando nas raízes do conflito. É evidente que a tarefa não é simples e nem definitiva. Compreender a violência que ocorre na escola é combater o modo como se produziu as relações em uma sociedade dividida em classes; algo um tanto complexo e que requer disposição para ações que se pretendem libertadoras. No contexto escolar, ouvir as reivindicações e reclamações dos alunos exige coragem e humildade, para encontrar um meio termo, uma síntese, entre os desejos e as necessidades.

## 2 ADOLESCENTES VIOLENTOS DO COLÉGIO INTERLAGOS: FALTA DE FAMÍLIA? POBREZA ECONÔMICA?

*Sobre A Violência*

*A corrente impetuosa é chamada de violenta  
Mas o leito do rio que a contem  
Ninguém chama de violento.*

*(Bertolt Brecht)*

No decorrer de nossa pesquisa, chamou-nos atenção a corriqueira relação que tanto os estudos relacionados à violência na escola quanto o discurso dos professores entrevistados fazem entre violência e conjuntura socioeconômica. São inúmeras as pesquisas que defendem que a violência está vinculada a situações de pobreza econômica, embora haja uma forte tendência no meio científico em questionar essa suposta ligação, o que faremos aqui.

Tomamos nota, também, à recorrência de vozes no discurso dos professores entrevistados que se afiliavam à asserção de que a violência na escola é reflexo da situação econômico-social, sobretudo da exposição à pobreza e tudo o que ela envolve, e à desestruturação da família tradicional, e, muitas vezes, esta última aparecia também como resultado da situação de vulnerabilidade social. Outro posicionamento dos professores que nos chamou atenção foi a alegação do adolescente enquanto um sujeito que está em formação e que necessita de orientação adulta.

Dessa forma, dissertamos, neste capítulo, sobre o contexto econômico e social que envolve o colégio em que realizamos o estudo e suas relações com a violência que ocorre no espaço escolar. Cotejamos informações sobre o espaço social com o discurso dos docentes. Além disso, tratamos das singularidades do adolescente e as implicações delas sobre o comportamento desse sujeito. Buscamos refletir sobre como todas essas questões se relacionam, a partir de uma análise atenta às vozes que atravessam e se chocam durante o fazer histórico.



## 2.1 VIOLÊNCIA: É PRECISO CHEGAR À SUA RAIZ

Pautando-nos em Bakhtin/Voloshinov ([1929]1999), que desenvolvem seus estudos a partir de bases marxistas, consideramos a violência como um signo ideológico produzido em meio à sociedade capitalista, na qual se estruturam e vivenciam situações de desigualdade econômica, divisão de classes, restrições às classes economicamente desfavorecidas, e todas as consequências no plano ideológico que isso possa acarretar, como a exclusão social e o preconceito. Um dos motores que mantém a violência pode ser o resultado das relações entre sujeitos, afetadas pela ambição e vontade de poder. Essas relações, por sua vez, estão inevitavelmente entrelaçadas ao discurso emitido pelos mecanismos ideológicos do sistema atual, em que um deles é a mídia.

A violência institui-se na construção da história e no modo como se organizam as relações econômicas, sociais e políticas. Portanto, é preciso considerar tais situações para a compreensão da violência e refletir sobre a estrutura econômica e social que geram as condições para ela, já que o modo de produção da vida material condiciona o conjunto da vida social, política e espiritual e vice-versa.

É essencial pensar a violência por um viés marxista, sob uma de suas principais bases epistemológicas: a relação entre *estrutura* e *superestrutura*. Marx assevera que a sociedade moderna está edificada sobre esses dois pilares. A primeira é constituída pela economia de uma sociedade, pelas relações de produção, de trabalho, pela existência de luta de classes. A segunda é consequência da primeira, mas também age para a solidificação desta. São as manifestações políticas, religiosas, culturais e artísticas da sociedade. Essas expressões, portanto, estão estreitamente ligadas ao sistema econômico, mantendo com ele uma relação dialética. Dessa forma, entende-se que:

a instância econômica, sendo a base da vida social dos homens, não existe senão permeada por todos os aspectos dessa vida social, os quais, por sua vez, sob modalidades diferenciadas, são instâncias da superestrutura possuidoras de desenvolvimento autônomo relativo e influência retroativa sobre a estrutura econômica. (MARX, 1996, p.21)

A relação entre estrutura e superestrutura, segundo a citação acima, não é simplesmente de causa e efeito, é uma relação dialética. O que ocorre é que a *estrutura*, que é a essência e também é chamada por Marx de materialidade, não é percebida tampouco compreendida pelos sujeitos, pois ela está oculta pela *superestrutura*, que é a aparência e a superficialidade. Tomemos, para exemplificarmos, a violência existente na escola. Os sujeitos percebem-na, sabem que ela existe e são afetados por ela. Fazem, então, inferências sobre sua causa, tentam, a partir de observações no ambiente em questão, compreendê-la; acontece que se eles estiverem analisando a *superestrutura*, a aparência, o imediato, o abstrato, não chegarão à raiz da questão. A violência não irrompe do nada no ambiente escolar, ela tem história, a qual é escrita, protagonizada e narrada por sujeitos que produzem e se produzem durante o fazer social. Essa história é composta pela materialidade, é concreta, palpável e passível de estudo. Por conseguinte, só a investigando será possível ir além da superficialidade e da aparência, chegando, assim, a essência da violência escolar. De acordo com Bakhtin ([1929]1999), tal essência é constituída por vozes socioideológicas, as quais foram incorporando-se ao signo no decorrer da história e das relações culturais em torno dele, moldando-o, transformando seus sentidos, refletindo-o e o refratando.

O estudo de um determinado fato social deve, portanto, considerar essa materialidade histórica que está velada pela superestrutura, ou seja, as vozes não imediatamente perceptíveis que o tornaram signo. Esclarece Chauí (2004, p. 58) que, para Marx, o *aparecer* e o *ser* da sociedade capitalista se identificam: o social vira coisa e a coisa vira social e isso porque não se percebe o trabalho da ideologia, que é disfarçar o *ser*, ou seja, a materialidade histórica do objeto a ser pesquisado. A análise de uma manifestação social, então, necessita penetrar na essência, na historicidade da mesma e não se limitar à aparência, pressupondo-a aquém de seu tempo, de seus sujeitos, de seus conflitos e das vozes sociais que fazem parte de sua história. Conforme Martins (2006, p. 15), “Na raiz desta unidade (da materialidade) reside a prática social dos homens, tecida historicamente e pelos entrelaçamentos de subjetividades objetivadas e objetividades subjetivadas.” Logo, a unidade, ou seja, a materialidade é constituída pela relação entre as subjetividades dos sujeitos, que, a partir dessas expressões, sobretudo pela palavra, agem sobre a objetividade, neste caso, a realidade concreta, a sociedade, modificando-a e

fazendo história e sendo envolvido por ela. É necessário, portanto, superar o imediatismo na busca de compreender a violência que afeta as relações escolares.

## 2.2 VIOLÊNCIAS NO COLÉGIO INTERLAGOS

A escola em questão está situada no bairro Jardim Interlagos, zona norte da cidade de Cascavel – PR e recebe o nome do bairro onde se localiza, Colégio Estadual Jardim Interlagos.

A cidade localiza-se no oeste do estado do Paraná. Conforme dados do IBGE (2016), estima-se que o município de Cascavel tenha aproximadamente 316.226 habitantes. Caracteriza-se como uma cidade de médio porte e é a cidade mais populosa da região. O IDHM<sup>3</sup> é de 0,782, um índice alto, que em uma escala crescente de 1 a 4, fica na terceira escala, comparando-se com outros municípios do estado. No entanto, o índice de GINI<sup>4</sup> é de 0,41, colocando Cascavel também em segundo lugar em uma escala de 1 a 4, comparando-lhe com as demais cidades paranaenses, ou seja, demonstra uma significativa desigualdade na distribuição de renda.

Cascavel transmite, de modo geral, a imagem de uma boa cidade para se viver. Tal imagem é construída por discursos que, a nosso ver, partem principalmente de dois fatores socioeconômicos: situa-se em um estado da região sul do país, a qual já é qualificada, pelo discurso monológico, como a mais desenvolvida econômica e socialmente. Barros (1999), baseando-se nos estudos bakhtinianos, esclarece que “o monologismo rege a cultura ideológica dos tempos modernos e a ele opõe o dialogismo, característica essencial da linguagem e princípio constitutivo, muitas vezes mascarado, de todo discurso.” (BARROS, 1999, p.02). Desse modo, o plurilinguismo, conjunto das vozes do cotidiano, é oculto, não sendo perceptível facilmente pelos sujeitos, os levando a crer na existência de uma única verdade, aquela apresentada pelo discurso prevalecente, ou seja, pelo discurso monológico.

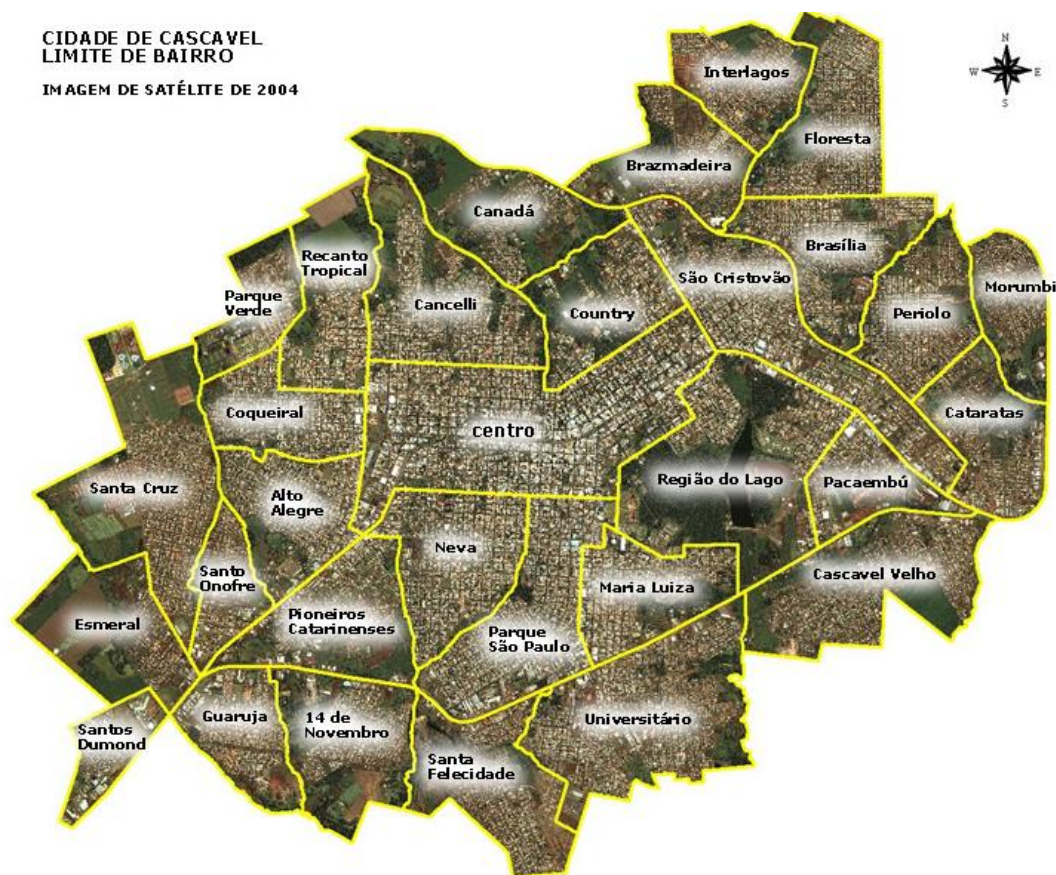
O outro fator é que, além de ser referência no agronegócio, o município vem desenvolvendo-se, desde a década de 1970, como um polo econômico, industrial,

---

<sup>33</sup> Índice de Desenvolvimento Humano Municipal.

<sup>4</sup> Índice utilizado para medir todo tipo de distribuição, que neste caso foi utilizado para medir desigualdades na distribuição de rendas.

médico, cultural e universitário do estado, recebendo o título de “Capital do Oeste Paranaense” (CASCAVEL, 2016). A partir daí, destacam-se suas qualidades e seus problemas acabam sendo abafados. Possivelmente, Cascavel tenha mesmo mais pontos positivos do que negativos e a maioria das pessoas vivem com dignidade, embora as desigualdades existam. No entanto, não é justo que ignoremos as minorias que sofrem e que enunciam outras vozes, divergentes àquelas que se sobrepõem no discurso monológico. Vozes que vêm dos bairros periféricos, localizados sobretudo na Zona Norte. Um desses bairros é o Interlagos, conhecido pela pobreza econômica e pela violência. Observemos um mapa que mostra os limites geográficos entre os bairros da cidade:



Fonte: [http://www.cascavel.pr.gov.br/servicos/mapa\\_cvel/mapa\\_cvel.htm](http://www.cascavel.pr.gov.br/servicos/mapa_cvel/mapa_cvel.htm)

Como podemos observar, o Interlagos é um bairro que faz divisa com outros municípios (Tupãssi e Toledo), sendo um dos mais afastados do centro da cidade. Junto com ele, outros bairros, como Floresta, Brasília, Períolo e Morumbi também

sofrem pela dificuldade financeira e carregam o estigma de fazerem parte da Zona Norte.

O Colégio Estadual Jardim Interlagos é frequentado, então, por alunos de uma classe economicamente desfavorecida. Funciona desde 1992 com o Ensino Fundamental II e oferece Ensino Médio desde 1998. A partir de 2012, começou a ofertar Educação de Jovens e Adultos. Atualmente, a instituição funciona nos três turnos: matutino, vespertino e noturno, atendendo a aproximadamente 1.100 alunos, distribuídos em sete turmas com cerca de quarenta alunos só de sétimos anos, público em questão nesta pesquisa. Conta com o trabalho de direção e direção auxiliar, com equipe pedagógica constituída por seis profissionais, somando um total de 160 horas semanal desse trabalho. Quanto aos professores, são vinte e quatro efetivados por concurso público estadual, e vinte e nove pelo regime de PSS – Processo de Seleção Simplificado, que contrata professores temporários, geralmente para o período do ano letivo. Além disso, conta com equipe técnica e de secretaria e funcionários para serviços gerais (PPP<sup>5</sup>, 2012).

O colégio possui prédio próprio, construído com recursos do governo do Estado e apresenta uma estrutura própria de colégios estaduais. Possui salas de aula, sala de direção, de coordenação, de professores, secretaria, biblioteca, refeitório, quadra esportiva, sala de recursos, sala de multimídias, laboratórios de física, de química e de informática.

É interessante analisar o IDEB<sup>6</sup> do ano de 2015 do colégio (último ano em que houve a divulgação desse tipo de dados) e compará-lo com os resultados de outros colégios da cidade, administrados pela rede estadual, bem como compará-lo com as médias estadual e nacional. Em se tratando do Ensino Fundamental II, o Colégio Interlagos obteve a média 3,7, no IDEB, sendo que sua meta era 4,1. Ficou abaixo da média dos outros colégios do município, a qual foi 4,7. Também não alcançou o índice estadual, estimado em 4,3, nem o nacional, que se fixado em 4,2.

Como podemos perceber, os dados demonstram que o colégio não está apresentando um bom resultado, principalmente se confrontamos seus índices com outros de nível municipal, estadual e nacional. Certamente, isso afeta a imagem e a autoestima da comunidade escolar, embora alerte para a necessidade de ações que melhorem o quadro. Também é necessário ponderar que índices nem sempre são

---

<sup>5</sup> Projeto Político Pedagógico do colégio.

<sup>6</sup> Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

fidedignos o suficiente para traçar a realidade da escola, já que como espaço de relações sociais e de subjetividades, é complexa e não pode ser analisada apenas a partir de números. No entanto, os índices têm seu reconhecimento científico e a credibilidade do discurso verdadeiro. Assim, conotam, supostamente, a ideia de que o colégio Interlagos não oferece qualidade no ensino.

Analisando o PPP do colégio notamos a preocupação com a situação econômica e social do bairro e os possíveis reflexos disso na dinâmica escolar:

A comunidade que compõe o bairro Jardim Interlagos é composta basicamente por pessoas de baixa renda. Muitos dos nossos alunos não têm pai ou mãe, vivem com os avós ou tios, isto é o reflexo de constantes assassinatos e pais de jovens que envolveram-se com o tráfico, entre outros problemas que se refletem dentro do nosso estabelecimento (PPP, 2012, p.28).

Verificamos a relação que a instituição enxerga entre pobreza econômica e desestrutura familiar com os resultados obtidos pelo colégio. Os fatores externos, como a criminalidade, afetam, de alguma forma, o trabalho na escola, até porque a escola não é um mundo à parte do bairro, de seu grupo social. Contudo, é necessário um olhar atento sobre como tais situações se afetam, se relacionam. Qual é a dinâmica que há entre elas, para não sermos imediatistas e taxativos.

É expressiva a preocupação exposta no PPP, no que tange à violência. Esta também está relacionada à situação socioeconômica do bairro e se apresenta no texto de caracterização socioeconômica da comunidade escolar e no tópico “Plano de Ação”. O documento, todavia, descreve a escola como um ambiente não violento, que não é afetado, nesse sentido, pela violência do bairro:

Felizmente a violência tão evidente no bairro não se reflete dentro da escola, pois poucos são os casos de agressão entre alunos. No entanto um dos nossos maiores problemas no colégio é a invasão de adolescentes que não são alunos deste estabelecimento, porém há um mês foi instalado no bairro uma Unidade de Polícia Pacificadora – UPS, contribuindo e agilizando dessa forma os encaminhamentos para a Patrulha Escolar que tem prestado um excelente trabalho a nossa escola. (PPP, 2012, p. 29).

Pode ser que a instituição considere violência apenas os casos de agressões físicas, ou ainda, apenas os casos mais chocantes de agressões físicas. Pode ser também que a escola tenha se posicionado de tal forma por se tratar de um documento oficial, que atende a exigências do Estado e que está disponível ao público no site do colégio, o qual é vinculado ao site da Secretaria Estadual de Educação. Parece-nos provável que os problemas com a violência dentro da escola tenham sido silenciados, o que, de certa forma, dissemina uma imagem mais positiva do colégio, mas que, por outro lado, pode ocultar outros fatores importantes de serem tratados. A instituição situa-se como um lugar à parte no bairro, passivo, como se estivesse em uma redoma de vidro que a isolasse da violência que há no bairro. Tal tranquilidade só é quebrada, de acordo com o texto, quando há invasão de adolescentes de fora, que não estudam no colégio. Será que tais adolescentes já não foram alunos da escola? Se foram, por que a revolta contra o colégio? Se não foram, por quê: será que não moram no bairro Interlagos? (pois só há esse colégio que atende Ensinos Fundamental II e Médio no bairro) Por que sentem vontade de invadir o colégio? Todos esses questionamentos nos levam a pensar que esses alunos, seja qual for a situação, fazem parte também da comunidade escolar, de alguma forma.

Dissonante a esse discurso de inexistência de violência estão os depoimentos extraídos da entrevista com os professores do colégio. De acordo com eles, a violência no Colégio Interlagos existe e afeta muito a dinâmica da escola. :

**Professor 1** – “[...] aqui no Interlagos sempre presenciamos situações de violência de todas as formas, tanto física, quanto verbal. Já houve situações de aluno esfaqueado, alunos que incendiaram a moto de um professor [...]”.

**Professor 2** – “[...] Tem muitas violências e a maioria delas é verbal e xingamento um com os outros”.

**Professor 5** – “Com certeza, na minha escola há muitos atos de violência [...]”.

**Professor 7** – “Tem violência sim e acontece também dentro da sala de aula [...]”.

**Professor 11** – “São inúmeros os tipos de violência que presenciamos durante as aulas, desde a violência verbal explícita até uma violência mais subjetiva, mais informal e mais visual [...]”.

**Professor 12** – “[...]Existem muitas situações de violência [...]”.

**Professor 14** – “A violência ela é muito presente na nossa escola, desde a violência física, a psicológica, o bullying, o preconceito, são muitas formas de violência [...]”.

**Professor 15** – “Aqui tem bastante violência [...]”.

Verificamos, portanto, que a percepção e as afirmações dos professores que atuam no dia a dia do colégio são diferentes daquela expressa no PPP da instituição, visto que afirmam veementemente a existência de várias formas de violência que são presenciadas por eles no espaço escolar.

### 2.3 A POBREZA PROVOCA A VIOLÊNCIA? VEJAMOS O QUE DIZEM AS VOZES

É imprescindível aprofundarmo-nos sobre a percepção que os professores têm sobre essa violência. Ao serem questionados sobre as causas que geram a violência na escola, a maioria dos entrevistados citou diretamente a influência do meio social, no caso, o contexto de pobreza econômica do bairro. Ainda que apontassem outros fatores, citavam também o fato de o colégio estar localizado em um bairro periférico e economicamente pobre. Esse mesmo posicionamento aparece também, de forma menos explícita e direta, em respostas a outras perguntas. Dessa forma, indagamos: o que leva os professores a buscarem na situação econômico-social a explicação para as violências que acontecem na escola? Existe, de fato, um alicerce científico para tal suposição? Vejamos a fala de um professor que demonstra sua filiação à formação ideológica que trata da pobreza econômica como o fator desencadeador da violência:

**Professor 1** – “[...] aqui no Interlagos sempre presenciamos situações de violência de todas as formas [...] Num colégio central percebo que não ocorre muita violência, geralmente os alunos respeitam mais os professores [...]”



Percebemos que o professor justifica a violência do colégio à localização geográfica do bairro - os subúrbios da cidade de Cascavel. É comum, nas cidades brasileiras, os bairros mais afastados do centro urbano serem também os marginalizados em termos econômicos. O estudioso Flávio Villaça (1998) investiga as causas do que ele chama "segregação sócio-espacial". Pesquisa a formação de metrópoles brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, e demonstra que tal segregação está relacionada com o poder econômico das classes sociais. De acordo com o autor, os serviços privados e públicos começaram a se concentrar nos centros urbanos, assim aqueles que detinham maior poder econômico começaram a se instalar nas suas proximidades, restando aos desfavorecidos financeiramente as regiões marginais. A dominação e exclusão econômica quase sempre se manifestam na questão espacial. Sendo assim, quer nos parecer que o sujeito vale pelo lugar onde vive, quer dizer, o seu valor é maior ou menor dependendo da acessibilidade que ele tem dos serviços privados e públicos, os quais se concentram nos centros urbanos, independente de qualquer outra condição. Logo, morar no bairro Interlagos parece ser razão para carregar o estigma de ser pobre e violento. Villaça (1998) assevera que a segregação urbana é um meio de dominação produzida pelas classes detentoras do poder econômico, e quanto mais acentuadas forem as diferenças sociais, mais explícita estará essa separação territorial. Bakhtin ([1929]1999, p. 31) disserta: "Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer". Neste caso, a materialidade do fenômeno ideológico aconteceu em desenhos urbanos que evidenciam a luta de classes e a vontade de legitimação e manutenção do *status quo* da classe economicamente favorecida. É, ademais, pertinente assinalar a existência de efeitos de sentido pejorativos e discriminativos para termos como *marginal*, *periferia*, *suburbano*. Assim como os contornos urbanos, eles também possuem, em sua materialidade, vozes socioideológicas intrincadas à base socioeconômica, o que desmistifica a ideia de evidência de sentido. Para Bakhtin ([1929] 1999), o sentido de qualquer signo não é evidente, ou seja, não foi engendrado no significante por uma força transcendental e não é algo pronto e acabado, de natureza psicofísica (não é originário na consciência do indivíduo). O sentido se constrói socialmente, na

interação entre os sujeitos, como uma superestrutura ideológica, atravessado por vozes socioideológicas.

Analisando a fala do professor 1, notamos, novamente, a vinculação da violência à condição econômica do sujeito:

**Professor 1** – *“Como é mais comum a violência em colégios de periferia, penso que a questão da desigualdade social tem uma grande parcela de culpa nesse contexto de violência escolar (...) principalmente aqueles que vivem à margem da sociedade, sendo acolhidos pelo crime.”*

A fim de refletirmos acerca de tal posicionamento, citemos Zaluar *et al* (1994): a estudiosa realizou uma pesquisa nacional a partir de dados do Ministério da Saúde sobre a existência de homicídios e sua relação com a pobreza abrangendo o período de 1981 a 1989. À época, identificou que estados economicamente bem estabelecidos, como Rio de Janeiro, Roraima e Rondônia são aqueles que mais apresentaram registros de homicídios, enquanto aqueles economicamente pobres, como Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Pará, Paraíba e Bahia apresentaram os menores índices de homicídios. Os autores dissertam que se a associação entre a violência e a pobreza pode existir em crimes contra o patrimônio, a violência contra a pessoa e a vida não tinha nenhuma relação com a pobreza.

Cabe ressaltar a participação da mídia televisiva para a fomentação do discurso “pobreza desencadeia a violência”. Paula & Silva (2009, p. 03) destacam que “O papel da mídia é fundamental na manutenção do determinismo criminológico e na criação da ‘necessidade’ de políticas criminais mais severas, através da difusão da violência e da cultura do medo”. Percebe-se, então, a mídia como um poderoso sistema ideológico constituído, que colabora para a manutenção da voz que reduz o motivo da violência a um posicionamento determinista e classista. A maioria dos programas, principalmente os sensacionalistas, dissemina o discurso de que o criminoso é economicamente pobre e faz uso da violência porque não possui o que a classe economicamente favorecida tem. Isso resulta no medo generalizado que esta sente dos marginalizados e, por conseguinte, na exclusão destes.

Notamos, então, que o professor não consegue superar o imediato da situação, não produz um olhar crítico, e reproduz um discurso recorrente no senso

comum. Afirmar que um jovem tem maior probabilidade de se tornar criminoso porque convive com a pobreza e com a violência é já cristalizar uma imagem dele e, assim, refratá-lo a partir desse efeito de sentido, o que se reflete tanto na imagem que ele mesmo tem de si, quanto na imagem que a sociedade faz dele. Em outras palavras, dissemina-se uma 'verdade' sobre o jovem, a qual acaba afetando-o propriamente, fazendo-o crer nessa sua condição pré-determinada, além de difundir na sociedade essas mesmas vozes socioideológicas, as quais, como sabemos, não são inócuas, também ocasionam uma refração no horizonte social.

O posicionamento do professor citado, que é o mesmo que o da maioria, não leva em conta que o sujeito não apenas reproduz o que recebe, pois a dinâmica social, seja em qualquer âmbito, não é mecanicista, não se reduz à mera relação de causa e efeito. Segundo Bakhtin (1999 [1929]), o sujeito é dialógico, visto que assimila as vozes socioideológicas a outras que já fazem parte de sua constituição, com as quais teve contato durante sua vivência e, a partir disso, engendra dialeticamente sua síntese, a formação ideológica de onde discursa.

Embora percebamos o imediatismo no discurso de alguns professores, é preciso compreender a importância que estes sujeitos têm para a desconstrução de posicionamentos imediatistas e preconceituosos sobre a violência na escola. É justamente o fato de ele estar no convívio daquele grupo social, que tem a possibilidade de colaborar para transformar a realidade. Memoremos a tese marxista que coloca em evidência a classe trabalhadora e a entende como protagonista das mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais. O sociólogo alemão assevera que a transformação só seria possível "se surgisse do movimento histórico real de que participa o proletário na condição de classe objetivamente portadora dos interesses mais revolucionários da sociedade." (MARX, 1996, p. 12). Nesse sentido, o professor, sendo um dentre os que estão inseridos no contexto do bairro, vivenciando os problemas que afetam os sujeitos, sobretudo ele mesmo, conhece as necessidades do grupo social e é um dos que, por tese, possui a função social de transformação social. Todavia, é preciso que ele abandone posicionamentos apriorísticos sobre a realidade e comece a observar, de forma dialética e material, com profundidade, os fatos sociais, a fim de conhecer os elementos contraditórios das relações humanas. A seguir, a fala do **professor 12** demonstra a descrença nessas ações:

*“[...] O adolescente, ele é vítima do meio, não adianta nós fazermos projetos, campanhas e palestras se ele sai da escola, chega em casa e dorme em cima da maconha. Se ele chega em casa e ele faz todo o processo de purificação da cocaína [...].”*

O professor não reconhece a intervenção da ideologia do cotidiano no sistema ideológico constituído em questão, ou seja, nos costumes do bairro. Para ele, as forças centrípetas anulam o que se possa fazer no sentido de provocar alterações na realidade do grupo social. De acordo com Bakhtin (1998), no sistema ideológico operam duas forças: as *forças centrípetas* e as *forças centrífugas*. Aquela tenta impedir o plurilinguismo, tentando manter a forma ideologicamente homogênea da língua/signo; esta age de forma dinâmica e promove a mudança, favorecendo a estratificação dos signos, transformando-os em elementos socioideológicos. As forças centrípetas tendem à conservação do monologismo, à unificação e centralização dos signos e à manutenção dos sistemas ideológicos constituídos. As forças centrífugas tendem à descentralização, à desunificação e ao plurilinguismo. Elas agem, colaborando com o dialogismo. Dessa forma, por meio das forças centrífugas, presentes no plurilinguismo da ideologia do cotidiano, é possível alcançar mudanças no discurso ideológico constituído.

Contudo, notamos um posicionamento imediatista na fala do professor, quiçá cansado de esperar pelos resultados, já que estes demoram a acontecer. Bakhtin ([1929]1999) evidencia insistentemente sobre o caráter ideológico da palavra, do discurso; sobre a capacidade que a palavra tem, enquanto signo ideológico por excelência, de penetrar nos horizontes sociais dos sujeitos e promover o choque de diferentes vozes sócioideológicas com aquelas que já os constitui, e então, precipitar-lhes novas sínteses, novas ‘verdades’, novas formações ideológicas. Fato esse que, inevitavelmente, irá ocasionar transformações no horizonte social de tal grupo de sujeitos, visto que a relação entre sujeito e sociedade é dialética: um interfere na constituição do outro continuamente. Isso posto, é coerente esperar que as campanhas que promovem um discurso de não violência provocam mudanças, ainda que seja paulatinamente.

Em contrapartida, muitos relatos dos professores revelaram que o bairro está menos violento do que há algum tempo:

**Professor 9** – “Olha, aqui na escola já aconteceram muitas situações violentas e sérias, mas, de um tempo pra cá diminuiu bastante [...]”.

**Professor 15** – “[...] Hoje até que eles melhoraram bastante [...]”

A sociedade também se transforma na medida em que ocorrem transformações nos sujeitos que a constitui. Se houve mudanças na situação, se a violência diminuiu, é pelo fato de que algo foi e certamente está sendo feito. Consideramos compreensível que o professor esmoreça diante da realidade, no entanto ao observar os acontecimentos de forma científica, percebe-se que as transformações não apenas podem ocorrer como inevitavelmente ocorrem – elas podem ser mais rápidas ou mais lentas, dependendo do nível de consciência que o sujeito apresenta sobre a realidade material e, conseqüentemente, da forma que age nessa realidade.

Ao pensarmos no sujeito enquanto modificador em potencial de sua realidade, cabe-nos citar a fala do **professor 10**:

*“[...] o fato de que eu moro no bairro também, então os alunos me conhecem muito e a relação fica mais fácil [...]”.*

Os outros professores entrevistados passam grande parte de seu tempo no colégio, logo no bairro, contudo, o professor 10 é morador do bairro. Na sua fala, percebemos um posicionamento de quem afirma falar *de dentro do grupo*, o que acaba por reafirmar a existência da violência no bairro, mas a direciona a sujeitos que não fazem parte do grupo. No entanto, se o bairro em si é caracterizado como violento, é porque a violência acontece naquele local, envolvendo moradores do próprio grupo. Assim, lançamos a possibilidade do posicionamento desse professor ser fruto de sua própria projeção, enquanto parte do grupo, e nos indagamos se, de fato, esse tratamento diferenciado por parte dos alunos acontece. Supomos que, talvez, ele se sinta mais à vontade e menos amedrontado que os demais professores; quem sabe, até mais acostumado com a cultura do colégio, uma vez que aquele que chega de fora para lecionar, acaba absorvendo, por boatos, pela exposição da mídia (que na maioria dos casos é sensacionalista) o discurso de que o colégio é violento. Não estamos afirmando que não o seja; queremos, todavia,

chamar a atenção para a influência das vozes socioideológicas na formação de ‘verdades’ e, inclusive, na manutenção da imagem violenta do colégio. Desse modo, torna-se pertinente trazer para a discussão a seguinte fala:

**Professor 11:** “[...]Muitos tentam fazer com que nós [professores] nos sintamos acuados, amedrontados, principalmente por olhares ameaçadores. É uma questão de embate de forças. Já ouvi, algumas vezes, ameaças do gênero “você sabe onde você está? Aqui é o Interlagos”.

Discursos como esse, que afirmam a essência violenta do colégio e do bairro - parece-nos que esses dois espaços são indissociáveis no discurso dos professores - colaboram para manter o discurso monológico, ou seja, que só existe uma forma possível de conceber esses espaços: como lugares violentos. Esse é o discurso predominante, embora tenhamos destacado a presença de vozes que divergem. Parece-nos, inclusive, existir o interesse, por parte de alguns sujeitos, em manter essa imagem do colégio e de se mostrarem parte disso, numa demonstração de vontade de pertencimento e de identidade.

O sociólogo polonês Bauman (2005) aborda a formação da identidade no mundo líquido-moderno, relacionando-a com temas como deslocamento, pertencimento, fragmentação, subclasse, exclusão social, globalização. O estudioso afirma que a identidade, em termos de caracterização grupal, não é algo descoberto, um fato natural, mas socialmente inventada. Desenvolve esse estudo a fim de subsidiar o conceito de *nação*, de legitimar a existência de fronteiras que separam um grupo de outro, traçando-lhes limites e diferenças e lhes mantendo a segurança. O autor menciona o emprego da força para “assegurar a identidade mediante constante definição, classificação, segregação, separação e seleção dos indivíduos, bem como traçando a fronteira entre *nós* e *eles*” (BAUMAN, 2005, p. 27). Esses fatores, portanto, sustentam a coesão e o limite grupal.

Elias e Scotson (2000) também contribuíram expressivamente com os estudos sobre relações de poder entre grupos socialmente distintos. Os estudiosos analisaram o convívio de habitantes de uma pequena cidade inglesa, na qual havia uma explícita segregação entre os moradores tradicionais - a quem os pesquisadores denominaram *estabelecidos* - e os moradores recém-chegados - a quem chamaram *outsiders*. Os primeiros, que detinham o poder econômico e o

discurso da moral e dos bons costumes tradicionalistas, excluía os outros, novatos, economicamente desfavorecidos e que não comungavam com a cultura local, implantando uma imagem negativa deles por meio do que os pesquisadores chamaram de “fofocas”. Neste caso, percebemos explicitamente a palavra enquanto “fenômeno ideológico por excelência”, como ressaltou Bakhtin (1999[1929], p.34). É o meio pelo qual os sujeitos se relacionam e introduzem as lutas de classes. Por meio das palavras, principalmente em sua forma de expressão oral, os estabelecidos cristalizaram preconceitos sobre os *outsiders*. Em consequência dessa segregação, houve a formação desses dois grupos rivais, que se configuraram e se fortaleceram a partir de um sentimento de pertencimento grupal de seus integrantes.

A rivalidade grupal parece-nos acarretar em um desejo do sujeito de reafirmar os valores do seu grupo, a fim de evidenciar-se enquanto alguém diferente dos rivais, despontando-lhe, inclusive, o prazer em contestar e menosprezar os valores dos *outros*. É pertinente, nesse sentido, considerar a reação dos *outsiders* perante os estabelecidos. Conforme os pesquisadores, os *outsiders* “gostavam de fazer exatamente as coisas que lhes eram censuradas, como um ato de vingança contra aqueles que os censuravam.” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 30). Verificando essas relações na realidade do colégio e do bairro Interlagos, chegamos à conclusão de que os olhares intimidadores, e os reincidentes avisos dos alunos sobre o perigo que os professores correm naquele espaço caso os perturbem, podem ser uma expressão de revolta contra o *outro*, que, em seu julgamento, quer oprimi-lo e o enxerga como violento, já que é esta a imagem que se criou, de maneira geral. Talvez, em muitos casos, esses jovens não sejam, de fato, violentos como se apresentam, mas usam dessa imagem para defender seu território e seus interesses. Vejamos o depoimento de um professor que observou essa situação na escola:

**Professor 6-** “[...] *Eu tenho alunos também que se declaram agressores, violentos e na verdade não são, mas ele diz isso para ser aceito naquele meio que ele está inserido, principalmente nessa idade dos sextos, sétimos e oitavos anos*”.

Ser violento, nesse sentido, é encontrar uma forma de ser aceito e sentir-se parte de algum grupo. Ou ainda, quem sabe, sejam ou almejam ser violentos,

também por revolta, numa ânsia de ser mesmo aquilo que o discurso dominante já lhe conferiu, o que, ao passo que faz com que a classe favorecida sinta medo dele, também é o pretexto para ela marginalizá-lo socialmente.

A partir dessas reflexões, pensamos que a pobreza não é o motivo que desencadeia a violência. Supomos que esta seja o resultado de várias vozes socioideológicas que se embatem, defendendo interesses de classes. A máxima discursiva 'pobreza gera violência' não é uma verdade científica; é mais uma voz socioideológica, a mais latente, a monológica.

Parece-nos que essa voz relaciona-se, ainda, intrincadamente com outra voz, a do *ter/possuir* enquanto garantia do *status* social. Neste caso, ocorre que a vantagem econômica e material garante ao sujeito também uma vantagem simbólica perante a sociedade, visto que para *ser* é preciso *ter*. De acordo com Bezerra Júnior (2006, p. 83) "A pobreza só é fonte de violência na medida em que a riqueza econômica e o consumo de bens materiais se tornam valores hegemônicos, deixando todos os demais valores num plano secundário." O modelo econômico e a cultura capitalistas que regem as relações desde a modernidade prestigiam o poder financeiro e depreciam elementos não materiais. Logo, seguindo o raciocínio do estudioso, consideramos a possibilidade da relação entre pobreza e violência ter raiz mais profunda do que aparenta. A constatação de que o sujeito economicamente pobre tem mais propensão à violência pode estar dissimulando outro efeito da dinâmica capitalista: a ânsia que o sujeito tem de *status social*.

Ao sujeito economicamente desfavorecido é negada a possibilidade de ser prestigiado pela sociedade, visto que não tem o que ela estabelece como necessário para tanto. Para fazer parte do grupo socialmente favorecido, é necessário provar que se porta o que, para o grupo, é basilar: a capacidade econômica. Só assim o sujeito poderá ter o prestígio da maioria da sociedade, uma vez que o discurso de que é preciso *ter* não atravessa apenas os sujeitos financeiramente mais abastados - embora seja uma voz provavelmente originária destes - é uma verdade aceita e sustentada pela sociedade, em geral. Desse modo, criar meios para alcançar poder econômico e notoriedade social é uma alternativa para o sujeito desfavorecido economicamente, talvez a mais imediata, que está submissa ao discurso recorrente de que é preciso *ter*. Não seria a pobreza em si, portanto, o motivo da violência, mas a negação da própria existência social do sujeito diante da comunidade que



discrimina aqueles que não possuem a riqueza econômica. De que tamanho é a dor de “não existir”? Possivelmente, do tamanho suficiente para mover o sujeito a quebrar princípios éticos, morais e legais, fazendo jus ao rótulo que já carrega.

Bakhtin ([1929] 1999), no capítulo que trata sobre a interação verbal, discorre sobre a presença do *nós* no *eu*. A consciência individual de cada sujeito não existe em si, como se fosse originária do indivíduo. Ela é constituída por vozes sociais, que por sua vez, são prenes de ideologia, que também é social. O sujeito, assim, é coletivo, pois precisa do *outro* para existir, de uma representação coletiva de existência. Da mesma forma que o *nós* constitui o sujeito em *eu*, esse mesmo sujeito precisa ser algo para esse *nós*, ter significância para ele. Compreendemos, a partir dessa asserção bakhtiniana, que, para sentir-se fundamental, o sujeito precisa considerar-se parte importante dessa cadeia coletiva, necessita existir não apenas biologicamente, mas também socialmente, ser notado e valorizado pelo grupo social. Existir socialmente, a partir da ideologia dominante (o *nós*) só é possível àquele que detém o poder econômico.

Numa sociedade capitalista, a pobreza econômica não é apenas material, mas moral, até porque o discurso dominante, associado ao neoliberalismo, é o de que todos têm iguais possibilidades para alcançarem o tão desejado “sucesso”. Quando isso não ocorre, os méritos ou deméritos são do sujeito. A respeito disso, Faleiros (1980, p. 43) assevera: “O Estado considera os indivíduos como sujeitos de direitos, mas não as coletividades, os grupos ou as classes.” Quer dizer, o Estado adota um olhar individualista do sujeito. Desconsidera que ele é parte de um grupo, por compartilhar com este semelhanças econômicas, sociais e culturais. Certamente essa perspectiva é mais vantajosa ao Estado, pois assim, além de enfraquecer a ideia de classe e, conseqüentemente, diminuir as chances de coesão e manifestação coletiva contra seus princípios, crava no sujeito o discurso de culpabilidade por seu fracasso social.

Ao passo que os sistemas ideológicos constituídos difundem um discurso patrimonialista e competitivista, o sistema político-social não oferece possibilidade para todos alcançarem o dito sucesso. A Constituição Federal - lei das leis, discurso cristalizado e legitimado pelo *status* que o meio jurídico carrega, portanto um dos discursos mais resistentes ao questionamento, às forças centrífugas - no capítulo que trata dos direitos e deveres individuais e coletivos, artigo 5º, garante: “Todos são

iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se [...] a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. Na prática, porém, essas garantias não se concretizam, contrariamente, percebe-se o intuito e as estratégias da classe economicamente privilegiada, em convencer o sujeito marginalizado de que seu insucesso tem natureza individual, e que se não goza dos direitos da segurança e da propriedade, por exemplo, é devido à falta de trabalho, de vontade, de capacidade dele próprio. Em consequência, muitos sujeitos marginalizados socialmente, percebendo-se sem chances para competir com aqueles privilegiados, não se percebem enquanto classe e não se valem da força coletiva que detêm para realizar alterações sociais. Não conhecendo as armadilhas do capitalismo, como a incitação ao consumismo e o discurso do individualismo, optam por uma atitude imediata, que resolva seu problema imediato, de invisibilidade social.

Pensamos, enfim, que a evidência discursiva recorrente, de que a pobreza gera a violência, oculte outras vozes socioideológicas, que só se mostram na análise radical da materialidade do discurso. Julgamos que a referida discursividade recorrente seja imediatista, originária de um posicionamento baseado no *sensu comum*. O mais preocupante, neste caso, é que este acaba se tornando o discurso monológico, camuflando as outras vozes socioideológicas que o constituem. A violência fora da escola se reflete na escola e o modo como o professor fala da violência na escola acaba sendo a refração daquilo que ele assimila.

#### 2.4 A FAMÍLIA TRADICIONAL DESESTRUTURADA, O ADOLESCENTE, A VIOLÊNCIA

De acordo com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), em seu Art. 2º, é considerada criança a pessoa de até doze anos de idade incompletos, e adolescente a que tem entre doze e dezoito anos de idade. Juridicamente, existe uma fronteira clara entre a fase da infância e da adolescência, contudo, física e psicologicamente não ocorre assim. Ainda que essa idade sirva, de modo geral, como marco, cada indivíduo tem seu momento específico de transição de uma fase para outra. Nesse sentido, Vygotski esclarece:

Así, pues, podemos presentar del siguiente modo la periodización de las edades Crisis postnatal. Primer año (dos meses-un año). Crisis de un año. Infancia temprana (un año-tres años). Crisis de tres años. Edad preescolar (tres años-siete años). Crisis de siete años. Edad escolar (ocho años-doce años). Crisis de trece años. Pubertad (catorce años-dieciocho años). Crisis de los diecisiete años (VYGOTSKI, 1932-1934/1996, p. 261).

De acordo com o estudioso, o processo de crescimento e amadurecimento da criança/adolescente compreende cinco fases, sendo que no final de cada uma, acompanha-lhe uma crise: primeiro ano (2 meses a 1 ano): crise de um ano; infância inicial (1 a 3 anos): crise dos três anos; idade pré-escolar (3 a 7 anos): crise dos sete anos; idade escolar (8 a 12 anos): crise dos treze anos; adolescência (14 a 18 anos): crise dos dezessete anos. O autor assevera que esses momentos não são taxativos, podendo variar, de acordo com a situação específica de cada sujeito.

Há, portanto, uma fase que compreende dos 8 aos 12 anos de idade. Considerando que adiante analisamos o discurso dos professores do sétimo ano de um colégio público, ou seja, professores de crianças e adolescentes que têm entre 11 e 12 anos, logo é idade em que já existe a tensão de uma crise que está por vir.

Ainda que os docentes atuem com outras séries e que, certamente, seus discursos estejam atravessados por vivências com crianças e adolescentes de outras faixas etárias, cabe ressaltar que o que todos têm em comum é a atuação nos sétimos anos do colégio em questão, o qual está localizado em um dos bairros mais violentos e economicamente desfavorecido de Cascavel. Assim, nossa pesquisa gira em torno, principalmente, do sujeito adolescente dessa faixa etária e dessa condição socioeconômica.

No discurso dos professores entrevistados, foi possível perceber que eles consideram a existência dessas fases e a influência delas no comportamento dos alunos, como podemos notar a seguir:

**Professor 10-** *Geralmente os alunos dos sétimos anos são os piores de lidar mesmo. Estão naquela fase de rebeldia então são as turmas mais difíceis que eu trabalho[...]*”.

**Professor 4-** *Em se tratando de adolescentes, eles estão numa fase de formação de caráter [...]*”.

**Professor 6-** “[...] e principalmente esses alunos de sétimo ano eles adoram se aparecer, então é um comportamento normal da adolescência, mas que não deveria ser, pois, o ambiente escolar tem que ser um ambiente de aprendizado tanto social quanto de conhecimento e infelizmente os nossos adolescentes de hoje não querem [...]”.

Verificamos, portanto, que o discurso de que a adolescência é uma fase de rebeldia, de formação de caráter está presente na fala dos docentes. É preciso, neste caso, buscar perceber de onde vem essa verdade, essa voz, que pode ser encontrada não apenas no meio docente, mas em toda a sociedade, afinal, é difícil quem não acredite que a adolescência possui tais características.

Quando nos propusemos a refletir sobre o sujeito adolescente de tal faixa etária, consideramos dois determinantes: um relativo ao cenário econômico, social e cultural em que ele vive; outro, relativo à idade cognitiva. Esta última, por sua vez, não é puramente biológica, de acordo com Vygotsky (1996), pois ela é determinada pelas relações sociais e culturais do sujeito. A partir de então, começamos a compreender este sujeito tanto com o auxílio do pensamento vygotskiano quanto com a colaboração dos estudos bakhtinianos. Isso é possível porque, apesar de suas especificidades teóricas, esses pensadores creem em um sujeito dialético e dialógico, constituído entre mundo interior e exterior e, sobretudo, pelas reflexões acerca das fases do desenvolvimento sobre as quais Vygostky desenvolveu, que nos ajudarão a compreender o motivo da fase da adolescência em questão ser tão complexa, muitas vezes eleita por pais e professores como a mais difícil. Afirma esse estudioso que “A natureza psíquica do homem é um conjunto de relações sociais transformadas no interior e convertidas em funções da personalidade, partes dinâmicas de sua estrutura” (VYGOTSKI, 1991, p. 228).

Fica clara a posição do autor de que as funções cognitivas e a personalidade são o resultado de um processo interior de assimilação das relações sociais, quer dizer, de que o sujeito é essencialmente social.

Se o fator cognitivo é determinado pelo social, como se explica a existência das fases de desenvolvimento? Parece que há uma inclinação para enxergarmos essas etapas como genuinamente biológicas, todavia Vygotsky as relaciona com o contexto sócio-histórico e cultural. O que faz de um adolescente ser um adolescente não é a fase biológica que vive, mas a construção sócio-histórica da representação de adolescente que foi criada.

De acordo com Koshino (2011), autora que pesquisa os preceitos vygotkianos, as singularidades do sujeito adolescente é de natureza histórica e social. Nessa fase acontecem mudanças em termos biológicos e psicológicos, seguidos por momentos de superação.

As singularidades do adolescente, portanto, surgem em conformidade com o acontecimento da história, quer dizer, com a imagem que se estabelece do ser adolescente. Essa imagem, por conseguinte, se faz real, pois acaba influenciando o seu cognitivo, provocando-lhe transições de níveis biológicos e psicológicos. Dessa forma, compreendemos por que todos, sobretudo professores, acreditam que a adolescência é uma fase de formação de caráter, de rebeldia, que merece atenção do adulto.

O sujeito adolescente é composto por um complexo processo de interação entre mundo interior e exterior. O exterior: histórico, social, político, cultural, ideológico é a essência de sua constituição, inclusive é responsável pela imagem que se tem dele - um ser em formação e em meio a uma complicada fase da vida - e, até certo ponto, pela própria existência biológica dessa fase, já que o social interfere no natural e o condiciona. Assim, é preciso cuidar do adolescente, a partir de um olhar que contemple essas duas facetas: biológica (de um ser que vive uma conturbada fase) e social (um sujeito que se encontra destituído de seu lugar na sociedade). Faz-se necessário que os adultos responsáveis pela sua tutela compreendam o seu lugar enquanto sujeito histórico.

A ideia de criança e adolescente que existe hoje decorre, em especial, do movimento iluminista do século XVIII. Com a Revolução Francesa, os ideais iluministas pautaram-se na existência da família como a célula da sociedade e disseminaram a ideia da ligação dos membros familiares a partir da existência de laços afetivos. A partir daí, a ideologia burguesa cristalizou e tratou de difundir a imagem da família que lhe convinha, com a figura do pai trabalhador, a quem competia o sustento da casa e a chefia da família; da mãe, que, afetuosa e zelosamente, era responsável pela harmonia do lar, cuidando das necessidades domésticas, bem como do bem-estar do marido e dos filhos e figura que tinha maior responsabilidade pela educação dos filhos; da criança, que toma um lugar na sociedade que antes não lhe era atribuído, já que até a Idade Média, ela era concebida e tratada como um adulto em miniatura. É com a difusão da ideologia

iluminista que a criança começa a ser vista como ser em desenvolvimento, necessitada de acompanhamento, orientação e afeto diferenciados dos pais durante sua formação. Dessa forma, cada elemento da família teve seu espaço predeterminado no lar (ZILBERMAN, 1987).

Salienta Bock (2004, p. 210), psicóloga e pesquisadora dedicada principalmente à psicologia sócio-histórica, que a adolescência nem sempre existiu; foi concebida na sociedade moderna ocidental. Não é algo natural tampouco universal, é de natureza histórica. Cristalizou-se com as relações históricas entre sujeitos dessa idade com adultos, de acordo com necessidades sociais que surgiam com o desenvolvimento do sistema capitalista.

Ocorre, contudo, que o próprio sistema capitalista, que foi o motor para a Revolução Francesa, acabou por desestabilizar a composição de família instituída pelo ideário iluminista. Com o desenvolvimento da indústria, tem-se a necessidade de mão de obra. A desigualdade econômica, principalmente no início de seu estágio, acentua-se e as famílias começam a passar por grave dificuldade financeira.

Por esses motivos, desde a primeira metade do século XX, as mulheres começam a trabalhar fora de casa e isso se intensifica com o passar do tempo, tanto que, atualmente, a mulher ocupa um espaço equiparado ao do homem no mercado de trabalho. Se, por um lado, esse acontecimento parece atender a alguns anseios de igualdade entre gêneros, por outro desorganiza o modelo estabelecido de família, deixando uma lacuna no que se refere ao cuidado das crianças e da casa. As modificações nas relações familiares acabam por desequilibrar a autoridade anteriormente conferida aos pais e à escola e a moral vigente é questionada, inclusive por crianças e adolescentes, que antes não tinham direito de se expressar.

Esse descompasso da estrutura familiar foi muito mencionada pelos professores durante a entrevista e apontada como um dos principais fatores que contribuem para que os adolescentes comportem-se violentamente. Observemos:

**Professor 1-** “[...] e também as questões familiares, onde muitos alunos não recebem nenhuma educação sobre como conviver em harmonia na sociedade. Os responsáveis são negligentes e o Estado não oferece condições necessárias ou atendimento necessário para os alunos, principalmente aqueles que vivem à margem da sociedade, sendo acolhidos pelo crime [...]”.

Nota-se uma voz filiada ao discurso moderno de que a família é a responsável pela educação da criança e do adolescente e o Estado por acolher aqueles que não têm tal cuidado. O professor acredita, portanto, que a dupla falha do atual sistema, primeiro com a falta da família, depois com a do Estado, é um dos fatores que desencadeiam a violência.

**Professor 2** – *“Falta de família. Antigamente a gente tinha pai e mãe dentro de casa. Mesmo que quando eles chegavam em casa de noite depois do trabalho, você conversava com a tua mãe, com o teu pai, e hoje em dia o pai trabalha o dia inteiro e chega de noite vai descansar, isso é se tem pai e se tem mãe, porque às vezes alguns moram com a avó, né! Não tem aquela presença do pai e da mãe, daquela figura paterna de antigamente. Hoje em dia tem isso, aí você atribui, o cara não tem educação em casa.”*

O docente fala em falta de diálogo e na desestrutura familiar, comparando com o modelo familiar de algumas décadas atrás, com a figura do pai e da mãe. A necessidade da mãe também trabalhar fora de casa que a sociedade criou, de acordo com o professor, faz com que os adolescentes sejam criados pelos avós, o que acaba prejudicando a educação dos mesmos. Assim, percebemos que ele tem uma visão tradicional de família. Ele cita, ainda, a falta “daquela” figura paterna, parecendo-nos sugerir uma visão patriarcal de família, em que o homem, pai, tem uma imagem de líder varonil.

**Professor 4** – *“Eu atribuo o surgimento da violência à falta de limite dos pais, à falta de educação... Eu acho que a violência na escola está diretamente atribuída a essa evolução da mulher que saiu para trabalhar e esqueceu que ela pôs o filho no mundo e ela precisa educar. Os pais mandam os filhos para escola como se fosse “ah isso aqui é público então também é meu também”, mas não colocam para os filhos que o direito dele vai até onde começa o direito do colega. Eles não têm limites, eles não têm respeito ao próximo, eu acho que a violência na escola está diretamente ligada à falta de educação dentro dos lares, falta de estrutura familiar, esse monte de separação, pais que vão embora e abandonam os filhos, essa revolta que isso causa, tudo isso reflete como violência dentro da escola.”*

Chama a atenção o discurso machista que envolve a fala deste professor, que atribui a falta de educação e, conseqüentemente, o comportamento violento dos adolescentes na escola, ao descuido da mulher enquanto mãe e à saída desta de

casa para trabalhar e ajudar na renda da família. A concepção de homem, realidade e de mundo do professor compromete sua própria função de professor, visto que apresenta um posicionamento cristalizado em seu modo de perceber a violência, o adolescente e seus comportamentos. Demonstra padrões sociais conservadores, ultrapassados, que não mais cabem para o que a própria sociedade capitalista exige. O docente culpa a mulher (indivíduo), sem percebê-lo como fruto da sociedade, e tal discurso é, infelizmente, representativo de parte desta mesma sociedade que precisa que a mulher trabalhe fora de casa e a critica por não conseguir dar conta dos trabalhos domésticos e do cuidado dos filhos. Além da mulher ser sobrecarregada com tantos papéis, ainda sofre o preconceito, reforçado por discursos como o deste professor.

**Professor 5** - *“Eu acho que a ausência da família, pois nós estamos passando por um momento hoje em que a família não se faz mais tão presente como antes. Nós temos exemplos de alunos que às vezes nós precisamos falar com os pais e não conseguimos [...]”*.

**Professor 7** – *“Eu atribuo às famílias desestruturadas, pais separados, pais alcoólatras ou drogados, então já vem de família isso [...]”*.

Aqui aparece a separação dos pais e a quebra da estrutura familiar tradicional como culpada pela deseducação dos filhos e pelos comportamentos violentos destes. Também a percepção de que o envolvimento dos pais com drogas acaba por desestruturar a família, ocasionando os problemas, e de que tal envolvimento é hereditário, ou seja, se os pais são dependentes químicos ou criminosos, os filhos também serão. Percebe-e, então, a visão determinista do professor 7.

**Professor 9** - *“[...] Em casa também eles não tem essa cobrança da questão ética e o momento que eles têm aqui na escola que nós cobramos isso também não é o suficiente.*

**Professor 15** – *“ [...] é mãe que morre, pai que está preso, muitas vezes eles são criados por um tio ou por avós. Têm também as questões sociais, falta de condições, famílias desestruturadas[...].”*

**Professor 10** - *“[...] 99% dos pais ou responsáveis por esses alunos mal os veem diariamente, alguns porque estão presos, outros porque abandonaram a família, outros*



*porque saem cedo trabalhar e só voltam à noite pra casa. Então é um ciclo, onde o Estado não fornece as condições básicas para uma sobrevivência digna e a reprodução por parte desses adolescentes.*

Nesta fala, o professor percebe que a desestrutura da família tradicional não é um problema individual, e sim social. O docente aponta o Estado como aquele que seria o responsável por possibilitar que tal modelo permanecesse, mas não dá conta de fazer sua parte.

**Professor 13** - *Eu acredito que o problema maior está nas famílias desestruturadas, que não possuem discernimento das coisas, são famílias carentes que possuem sérios problemas financeiros e psicológicos.*

Aparece aqui o discurso de que famílias financeiramente pobres têm mais dificuldades para educar os filhos de acordo com a moral social. Pelo depoimento do professor, parece que os problemas financeiros afetam psicologicamente as famílias e, conseqüentemente, desestrutura a base familiar.

**Professor 13** – *[...] Muitos adolescentes aqui da escola convivem com o terceiro, quarto até o quinto padrasto, a mãe tem muitos filhos, um de cada pai e além das muitas famílias usuárias de drogas. Eu atribuo à pobreza e a falta de família”.*

Para o professor, a filiação de pais diferentes impede a constituição de família, a qual seria a responsável pela educação dos adolescentes, o que seria o motivo para a conduta violenta dos mesmos. Novamente aparecem atravessados os discursos de que a pobreza é desencadeadora da violência com o de que a desestrutura familiar é responsável por isso.

Percebe-se que é unânime que a violência é algo que precisa ser controlado com a educação de acordo com a moral social e que esta é responsabilidade da família, já que os adolescentes são sujeitos em formação e que, sozinhos, não têm condições para posicionarem-se em conformidade com as regras sociais.

De maneira geral, as falas demonstram um posicionamento imediatista, com base na voz socioideológica do individualismo. A responsabilidade não seria do Estado, mas dos indivíduos, da família que se desestrutura pela falta da mãe, da

figura patriarcal do pai, do diálogo, da formação tradicional (pai, mãe e filho). A maioria dos professores não percebe que essa dissolução do modelo de família está ocorrendo pela própria dinâmica do sistema social, por suas ambiguidades e incoerências.

### 3. TV: VIOLENTA VILÃ CONTRA A VÍTIMA ADOLESCENTE?

*“A vida imita o vídeo  
Garotos inventam um novo inglês  
Vivendo num país sedento  
Um momento de embriaguez  
Somos quem podemos ser  
Sonhos que podemos ter”.*  
(Humberto Gessinger)

É polêmica a discussão sobre a possibilidade de a televisão ser uma significativa influenciadora do comportamento violento dos adolescentes na escola. Neste capítulo, refletimos acerca da possível influência da mídia televisiva sobre o comportamento dos adolescentes: as propriedades da televisão que poderiam torná-la capaz de influenciar na constituição da subjetividade dos sujeitos, sobretudo dos adolescentes; reflexões sobre como ocorre a constituição do sujeito, mais especificamente sobre o adolescente, buscando compreender se ele é mesmo reproduzidor da violência que assiste na televisão.

#### 3.1 A VIDA IMITA O VÍDEO OU O VÍDEO IMITA A VIDA?

Desde a expansão e o desenvolvimento dos meios de comunicação, as pessoas estão cada vez mais expostas a imagens, sons, palavras, de forma descontrolada. Os conteúdos midiáticos tornaram-se globais e de muito fácil acesso. Desde o advento da *internet*, do rádio, da televisão, o homem globalizado demonstra estar, a cada dia, mais dependente das tecnologias de comunicação e entretenimento virtual. Ele está interpelado pelo discurso da sociedade globalizada que lhe cobra não só saber sobre o que ocorre ao seu redor, mas sobre o que se passa em todo o mundo; estar conectado com o planeta, conhecer outros povos, estar por dentro de novidades de diversas áreas; a sociedade atual cria a necessidade de ser cada vez mais cosmopolita.

Os entretenimentos midiáticos, sobretudo os televisivos, fazem parte do cotidiano das pessoas, entram em suas casas e em suas vidas e não se inibem em

bombardear a população com programas que chamem a atenção e prendam a maioria em frente à tela.

A TV, segundo pesquisa encomendada pela SECOM (Secretaria de Comunicação Social) ao IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), em 2014, é ainda o veículo de comunicação com maior alcance da massa:

De acordo com a pesquisa, 95% dos entrevistados afirmaram ver TV, sendo que 73% têm o hábito de assistir diariamente. Em média, os brasileiros passam 4h31 por dia expostos ao televisor, de 2<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup>-feira, e 4h14 nos finais de semana, números superiores aos encontrados na PBM<sup>7</sup> 2014, que eram 3h29 e 3h32, respectivamente (SECOM, 2014, p. 7).

Dessa forma, embora a eclosão da *internet* tenha deixado muitos a suspeitar que seria o fim da hegemonia da TV, ela ainda impera nos lares brasileiros, fazendo companhia às pessoas, diariamente, durante um longo tempo. Vale abrir um parêntese e ressaltar que, de acordo com a pesquisa, o rádio também se mantém no páreo com a televisão e a *internet*.

A evidência que esse meio de comunicação tomou despertou o interesse da comunidade científica para compreender se, como uma perene companhia nos lares, a TV pode ser mesmo formadora de opinião, moldando os sujeitos e sendo responsável pela constituição da identidade dos mesmos. Segundo Groebel (1999, p. 221), a mídia é elementar no processo de orientações culturais. O estudioso chama a atenção para o fato de que ela não é um mero reflexo das tendências culturais, visto que também direciona valores e comportamentos dos sujeitos.

Ao responderem a uma pergunta direta da entrevista, todos os professores concordaram que a mídia é uma influenciadora da violência na escola. Para comprovarem seus pontos de vista, citaram exemplos de atitudes dos alunos que se relacionam ao que assistem na televisão. Vejamos:

**Professor 3** – “ [...] querendo ou não, ela acaba sendo um espelho e infelizmente muitas vezes é de uma forma negativa, pois existe uma grande banalização de tudo e os alunos acabam absorvendo tudo isso”.

---

<sup>7</sup> PBM: Pesquisa Brasileira de Mídia.

**Professor 5** – “Sim com certeza. A televisão ela tem influência sim porque se a família não está presente, a criança ou o adolescente vai absorver as informações até mesmo da TV [...]”.

**Professor 6** – “Posso estar errado, mas eu acredito muito que a mídia, os filmes, os jogos, a internet, enfim, está tendo muita informação na cabeça dos jovens e eles não estão conseguindo absorver e filtrar todas essas informações e toda essa violência. Eu penso que a mídia está despejando coisas na cabeça dos jovens e eles estão ficando um pouco confusos e tudo o que eles veem tanto na televisão quanto na internet eles trazem para a vida real deles. Claro que não podemos responsabilizar apenas a mídia, [...]”.

**Professor 8** – “Bom, os meios de comunicação em geral conseguem não só influenciar as crianças e adolescentes, mas os adultos também, então eu penso que a televisão tem o total poder de induzir o adolescente a fazer coisas boas e ruins também. Eu vejo que determinados programas de televisão acabam incentivando os atos de violência também [...]”.

**Professor 13** – “Eu acredito que sim. Influencia não só as crianças e adolescentes, mas até mesmo os adultos por meio dessas novelas violentas, desses programas sensacionalistas.[...]”

**Professor 14**- “[...] ou até mesmo um personagem de novela mais caricato e os jovens já se apropriam disso e começam a imitá-lo. Eu lembro muito quando eu comecei dar aula nesse colégio estava passando o filme tropa de elite e naquela época houve uma divisão nas salas de quem eram os bandidos e de quem eram os policiais, quem era o capitão nascimento e quem eram os traficantes e aquilo durou por um bom tempo, os alunos apareciam na aula vestidos com camisetas escrito tropa de elite, vestidos com coletes e foi uma febre. Reproduziam tudo o que viram no filme [...]”.

Não convém citar todos os depoimentos para esta pergunta, mas conforme pode-se conferir no apêndice A, todas as respostas foram semelhantes e afirmativas. Todos os professores consideram que muito da violência exibida na televisão é refletida na escola pelos alunos. Citam-na como aquela que está tomando o lugar da família, a exemplo do que afirma o professor 5, ou como aquilo que os adolescentes acabam tendo como referência e até imitando, ou como afirma o professor 14, como manipuladora, que despeja conteúdos maléficos na cabeça

dos adolescentes, que são incapazes de uma posição crítica, como a referência do professor 6.

É sempre polêmica a discussão sobre a relação mídia – vida real, que ocorre mais ou menos pelo viés da questão “a mídia é reflexo da vida real ou a vida real é moldada pela mídia?” Há quem afirme que a mídia produz aquilo que o expectador quer assistir, que ela segue a tendência do anseio popular. Outros defendem que ela é quem dita a tendência e condiciona os sujeitos de acordo com seus propósitos. Acreditamos que não ocorre nem só uma coisa nem só outra, mas que a situação é dialética. Os dois elementos são forças que se inter-relacionam e se afetam, influenciando-se um ao outro, sendo que ambos interferem na transformação um do outro. Para os professores, contudo, parece ser a mídia que interfere nas atitudes dos adolescentes. Eles citam vários casos de alunos que imitam violões atraentes:

**Professor 1** - *Sim, principalmente pelo programa pânico na TV, os alunos vivem reproduzindo falas, piadas e apelidos, ou seja, reproduzem o que tem de mais idiota. Quando trabalhei com o primário em um outro colégio, certa dia pegamos um aluno do 2º ano tentando transar com outra aluna da mesma sala, os dois estavam atrás da escola, já sem as calças, e quando questionados da onde eles viram isso, o menino nos informou que os pais assistiam filmes assim, e ele fingia que estava dormindo e assistia também.[...]*

**Professor 2** – *[...] Principalmente os xingamentos da novela das sete... lembrei o nome, a Paraisópolis... Eu já escutei aluno falar pro outro o mesmo xingamento que você escutava lá. Você tem isso na sala de aula [...]*

**Professor 4** - *Pois é, essa que eu citei anteriormente do personagem da novela que tinha tatuagem de cruz e todos os alunos fizeram também, outro exemplo são das meninas que sonhavam em ser a Marizete da novela e casar com o Grego da favela e elas achavam que aquilo poderia acontecer na vida delas, ou seja, casar com um traficante, ladrão bem sucedido. Eu penso que hoje, a televisão não deixa os pais conversarem, porque na hora do jornal os pais querem assistir, na hora da novela as mães querem assistir, então não existe mais diálogo entre eles e os adolescentes acabam trazendo isso para a vida deles.*

**Professor 5** – *[...] As imagens, a própria imitação que, os meninos principalmente, fazem dos artistas de telenovelas, de filmes. Eles imitam até mesmo a postura do*

*personagem, o jeito de se impor, de falar com o professor. Tudo o que eles assistem eles reproduzem em sala de aula.*

**Professor 8** - *Na época das manifestações, por exemplo, muitos alunos, por falta de conhecimento mesmo, reproduziam falas positivas que ouviram na televisão em relação à ditadura militar. Então eles falavam isso dentro da sala que queriam de volta a ditadura militar e sequer sabiam do que estavam falando. Também alguns grupos de alunos queriam se rebelar contra a escola da mesma forma que os manifestantes... Diziam que iam colocar fogo na escola entre outras coisas. Então eu vejo que muitos dos meus alunos reproduziam essas falas sem saber da gravidade que seria se isso acontecesse mesmo.*

Os personagens vilões que são apresentados como atraentes, bonitos, bem sucedidos financeiramente, que detém poder são aqueles que, segundo os depoimentos, mais chamam atenção dos adolescentes e influenciam seus comportamentos. O chamado “humor negro” como o do programa “Pânico”, que ridiculariza uma pessoa para causar o riso e o deboche também são repetidas pelos alunos. A postura, os gestos, o tom de voz, as expressões que os adolescentes assistem na televisão, de acordo com os professores, aparecem reproduzidas por eles na escola. Fica claro que, na opinião dos docentes, os alunos não tem um posicionamento crítico perante os conteúdos violentos que assistem e apenas o reproduzem.

Na tentativa de tentar compreender como ocorre a ação dos conteúdos televisivos sobre os sujeitos e desses sobre o que a TV veicula, recorreremos novamente aos estudos acerca da ideologia, desenvolvidos pelo pensamento bakhtiniano, sobre o qual dissertamos no capítulo anterior.

O discurso da televisão é mais um signo que se institui poderosamente, principalmente porque ela tem o status de deter a informação verdadeira, a mensagem que merece credibilidade, seja por meio de noticiários, narrativas ou qualquer tipo de programação. Porém, ao mesmo tempo, existe também um discurso que emana dos sujeitos, no dia a dia, os quais assistam ou não as programações exibidas, conversam e opinam sobre elas e devolvem isso ao discurso disseminado pela TV, atuando sobre ele, infiltrando-se nele pela ideologia do cotidiano e o modificando.

A partir disso, podemos afirmar que os sujeitos, telespectadores ou não, mas, sobretudo estes, são condescendentes; corroboram com o discurso difundido pela mídia televisiva, ou seja, de certa forma, aceitam os conteúdos exibidos e reforçam a imagem de fonte legítima que ela possui. Dão sustentação ao que a mídia quer tornar legítimo, ainda que não o seja.

Esse processo que ocorre entre os dois sistemas ideológicos – Instituído e Cotidiano - é imperceptível para a realidade imediata. Só se o nota por meio da análise de um determinado objeto que se tenha para estudo. Afiança Barros que

As classes sociais utilizam a língua de acordo com seus valores e antagonismos. Da língua, complexa e viva, surgem os discursos ideológicos que, na maior parte das vezes, escolhem um dos polos, um dos valores e procuram mascarar o dialogismo constitutivo da língua ou suas contradições internas (BARROS, 1999, p. 08).

Os discursos ideológicos surgem concretizados na e por meio da língua, a partir da qual as classes sociais interagem, disputam no embate e expressam seus valores e antagonismos. Em determinado contexto de interação, o sujeito, constituído por vários e diferentes valores, ou seja, diversas verdades, vozes socioideológicas, opta por uma dessas verdades, aquela que lhe fala mais alto, aquilo que lhe causa ressonância, de acordo com a necessidade da situação interativa. Entretanto, não é apenas reflexo do que assimila, já que ele faz sua síntese, e a devolve ao social, mas já diferente por causa da mudança ocorrida durante o envolvimento com o contexto. Esse valor, essa verdade ou voz, como queiramos chamar, somada a outras vozes com as quais faz contato, vão formando a massa que compõe os sistemas ideológicos constituídos. Estes, por sua vez, disfarçam em si sua própria composição, que é plural e é resultado do dialogismo. Esses sistemas aparecem, então, como algo independente e de existência anterior aos sujeitos e, por isso, ganham *status* de superioridade e se torna difícil questioná-los, sustentando o discurso dominante, algo um tanto naturalizado. É por isso que a TV e todos os outros sistemas ideológicos constituídos aparecem como fontes genuínas em si mesmas e inquestionáveis. Consequentemente, eles acabam influenciando também, dialogicamente, a consciência individual dos sujeitos, quer dizer, os valores deles.



Toda essa dinâmica, batizada pelo círculo bakhtiniano de *dialogismo*, essas contradições, relacionadas às lutas de classes, que são constitutivas da língua, são ocultas pelo sistema social, o que dificulta ainda mais as mudanças, ou seja, os sujeitos não percebem esse processo, o que facilita a concepção de uma imagem legítima para os sistemas ideológicos como é a mídia televisiva. Essa vontade de legitimidade é sustentada pelo monologismo.

Vimos que os professores consideram que a mídia televisiva é um elemento que age na subjetividade do telespectador. Concordamos com tal posicionamento, mas consideramos toda essa dinâmica que estamos descrevendo. Os docentes acabam sendo imediatistas em suas considerações, afirmando que o sujeito fica passivo diante do conteúdo assistido, mas isso não ocorre. De fato, as forças do Sistema Ideológico Constituído buscarão a cristalização de valores, disseminando discursos falseados, relacionados a ações violentas, mas o sujeito interage e transforma tais discursos. Acreditamos que a mídia tem influência na constituição da subjetividade, mas ela não é tão imperativa como talvez gostaria de ser e como a maioria das pessoas acreditam que seja.

São vários os estudos que defendem um telespectador ativo, responsivo e não apenas receptor e reproduzidor do discurso televisivo. Pioneiro nesse ponto de vista é Martin-Barbero (1997), o qual demonstra o esgotamento que a pesquisa nesta área estava sofrendo estando presa ao dualismo “emissores-dominantes” e “receptores-dominados”, sem considerar os conflitos, as lutas e as contradições que atravessam a mensagem e sem conceber a resistência do telespectador.

Em busca da audiência e do lucro, a televisão acaba exibindo programas que prendem a atenção do telespectador, e, dentre estes, estão programas que propagam a violência. “Estamos subordinados a uma “ética” (grifada assim, com aspas) da violência, do lucro, da exclusão e do espetáculo. Aí estão os padrões éticos consagrados na mídia” (KHEL, [s.n.], p.133). A asserção da pesquisadora reconhece a pressão que o mercado realiza sobre a programação televisiva.

Quando se trata de gêneros ficcionais, como filmes, telenovelas e seriados, as cenas são construídas geralmente em lugares reais e com pessoas reais. As relações pessoais ali têm verossimilhança, quer dizer, existe um fio que liga a ficção com a realidade. Esse elo faz acreditar que o que ocorre na ficção pode ser da mesma maneira na vida real. Desse modo, as personagens das narrativas, as

celebridades, os apresentadores de programas, enfim, os envolvidos nessa atividade aparecem ao telespectador como referencial, como aqueles que detêm o poder do discurso verdadeiro. Naturaliza-se a ideia de que o que se passa na TV é a verdade do mundo real. Ela detém o domínio de uma verdade que propaga e é incorporada de alguma maneira pelos sujeitos. Assim, produz um discurso de verdade sobre a violência. Os filmes em que o protagonista mata outras pessoas gera a verdade de que é permitido matar quando é para o bem, neste caso, para a noção de bem que é aceita socialmente. Os desenhos animados apresentam vilões que tentam, de alguma maneira, prejudicar o protagonista, o qual se utiliza de diversas formas para vencê-lo, muitas vezes, também violentas. Os noticiários exibem, sem restrição, cenas violentas, expondo crianças e adolescentes a situações que talvez eles ainda não tenham maturidade para absorver.

Se pensarmos a partir da ideia do monologismo, entenderemos que há sujeitos que não percebem a influência que a televisão exerce sobre eles, já que, como vimos, o monologismo oculta o embate das vozes. Sustentada pela ideologia dos sistemas constituídos, a TV se torna ainda mais operante, apagando o plurilinguismo existente. Durante essa dinâmica, ocorre o confronto entre duas forças que, de acordo com Bakhtin, se forem consideradas, chegaremos a uma análise eficaz de qualquer conjuntura social, que se revela na enunciação: “[...] é possível dar uma análise concreta e detalhada de qualquer enunciação, entendendo-a como unidade contraditória e tensa de duas tendências opostas da vida verbal” (BAKHTIN, 1998, p. 82). Essas duas tendências contrárias são, pois as forças centrípetas e as forças centrífugas (sobre as quais já tratamos), em que as primeiras são aquelas que agem contra a possibilidade de percepção e também de existência da pluralidade de vozes, dificultando as mudanças; as segundas, são responsáveis pelas mudanças no discurso instituído e pelo espaço dado às outras vozes que há no cotidiano.

Em outras palavras, os sujeitos, paulatinamente, promovem mudanças na mídia televisiva, ou minimamente provocam um grande tensionamento nessas forças. Percebemos, assim, que a teoria bakhtiniana dialoga com Martin-Barbero (1997) e com outros pesquisadores do meio da Comunicação, ao atentar-se para a resistência e ação dos sujeitos diante do discurso televisivo.

Stuart Hall (2003) considera que a mensagem não é interpretada de uma maneira fixa, pois ela é contextual e multirreferencial, assim existem diferentes formas de leitura. Afirma o estudioso: “Se você tem de dizer algo novo, é porque o processo está transformando os significados que já estão lá. Portanto, cada ato de significação transforma o estado efetivo de todas as significações já existentes” (HALL, 2003, p. 363). Também para o autor, a relação entre emissor e receptor é interativa e contextual, não dependendo somente de um ou de outro, embora a Teoria da Comunicação seja limitada ao tratar da relação dos envolvidos na interação verbal quando comparada com o aporte teórico bakhtiniano, que considera tais elementos envolvidos no contexto social e ideológico.

Chauí (2004) chama a atenção ao fenômeno da alienação, salientando que ele é anterior e necessário à cristalização da ideologia dominante. Dessa forma, quanto menos crítico e consciente for o posicionamento dos sujeitos perante os conteúdos exibidos pela televisão, mais a ideologia dos sistemas constituídos e o monologismo serão favorecidos, ou seja, mais acentuada será a infiltração da TV na subjetividade dos sujeitos, sobretudo quando se trata de crianças e adolescentes, que são sujeitos em formação. Diante disso, é importante problematizarmos a mídia televisiva, estudá-la, falarmos sobre ela e seu espaço na sociedade, questionarmos conscientemente seus conteúdos.

Adverte Bourdieu (1997, p. 97), que à mídia televisiva interessam os índices de audiência, uma vez que como qualquer outro instrumento ideológico, também sofre pressões do mercado. Desse modo, o sociólogo afirma que ela nada tem de expressão democrática ou coletivamente esclarecida. É possível, então, que alguns sujeitos não tenham esclarecimento suficiente para analisar as forças ocultas que operam em prol do discurso constituído, por isso não avaliam, de forma crítica, os conteúdos que são exibidos na TV e não os percebem como resultado da força do mercado.

Ao que se refere à relação da televisão com o mercado, alguns dos professores demonstraram que estão bem cientes da ação deste sobre a mídia televisiva:

**Professor 1** – “[...]a maior rede de televisão aberta brasileira está preocupada em transmitir apenas aquilo que dá audiência [...]”.

**Professor 9** – “[...]mas por conta dessas questões comerciais a TV tem que organizar uma programação com um conteúdo que dê audiência, que traga um retorno financeiro [...]”.

Essa formação ideológica de que a televisão é orientada pela audiência, visando lucro, já é razoavelmente disseminada na sociedade. Isso colabora para um olhar mais crítico e para a resistência dos sujeitos.

Ainda que as emissoras justifiquem que as pessoas são livres para escolher o que querem ou não assistir; embora a TV defenda que a difusão de cenas com os mais variados conteúdos e das mais variadas formas sejam uma expressão da democracia e que proibir isso seria um passo retrógrado à liberdade de expressão, assinala Bourdieu que a ideia de liberdade de escolha dos sujeitos telespectadores é ilusória e que mesmo a televisão, em muitos casos, não é livre para exhibir o que julga importante, porque tem o lucro como principal objetivo, por isso cede à pressão da indústria cultural.

Concordamos que, de certa forma, os sujeitos não são livres para escolher o que querem assistir se as emissoras exibem aquilo que elas consideram importante. Ao fazer esse recorte, ignoram uma infinidade de possibilidades, quiçá que seria a verdadeira vontade de escolha do sujeito telespectador. Contudo, não podemos ignorar a ação do sistema ideológico do cotidiano interferindo no sistema ideológico constituído, ou seja, paulatinamente, os sujeitos agem no horizonte social, e nisso inclui-se tanto a esfera cultural como econômica, embora seja mesmo difícil de fazê-lo, visto que paralela à superestrutura, que no caso é a mídia, está a infraestrutura, as regras econômicas, a intenção do lucro e a disputa de mercado, que engendra todo o sistema.

Bourdieu (1997, p. 38-41) disserta que as próprias emissoras de TV se veem tomadas pela onda do mercado e acabam por exhibir conteúdos parecidos com os das emissoras mais poderosas, no intuito de atingirem bons índices de audiência. A emissora mais poderosa já detém o poder do discurso, ou seja, já conta com prestígio perante os telespectadores. Assim o que os sujeitos que a produzem (apresentadores, jornalistas, escritores, produtores, empresários do ramo) definem como importante é o que será ofertado ao público. A consequência disso é a homogeneização, inibindo a criatividade e a particularidade, amarrando ainda mais o poder de escolha do telespectador.

Atenta Bourdieu (1997, p. 22) sobre o fato de a alienação tanto dos telespectadores quanto das próprias emissoras que, inconscientemente, corroboram para a massificação de conteúdos impróprios e que nada acrescentam de valioso aos sujeitos. Essa situação é mantida porque telespectadores e emissores estão presos a uma dinâmica viciosa da cultura de massa, que, por sua vez, relaciona-se com o próprio sistema capitalista. A televisão, afetada pelas forças do mercado, acaba influenciando na produção cultural e na vida social, pois exerce uma violência simbólica sobre os sujeitos, sugerindo-lhes costumes e discursos de verdades, sem que isso seja percebido por eles e, por isso mesmo, sendo ainda mais contundente. Não estamos afirmando a essência de um sujeito assujeitado às vozes socioideológicas e refém dos conteúdos midiáticos. Ao contrário, o sujeito não é apenas passivo e não fica inerte diante dos conteúdos disseminados pela mídia. De acordo com Bakhtin ([1979] 2000, p. 290), o sujeito tem sempre “uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar.” Dessa forma, o que ocorre não é uma ardilosa imposição da mídia televisiva ao público. Contraditoriamente, quando ocorre o fenômeno da alienação, o sujeito acaba corroborando com o que lhe é oferecido. Logo, a alienação não é cega em sua essência, é antes um ato de convivência, ainda que o sujeito não saiba essencialmente com o quê.

Em vários momentos, os professores afirmam que a televisão exhibe conteúdos com cenas violentas por ser o que atrai o público, sobretudo os adolescentes:

**Professor 6** – “[...]os conteúdos exibidos na televisão que são mesmo de um enriquecimento social, um enriquecimento político que possuem valores positivos não chamam atenção dos jovens. Eles querem assistir programas violentos, essas novelas violentas; toda uma programação inadequada que existe hoje na TV. Eu acompanhei, por exemplo, a novela dez mandamentos da Record que é uma novela super educativa e que não mostrava violência e nem essas outras coisas que a Globo mostra, mas esse tipo de programação não chama atenção dos jovens, essa parte boa que a televisão tem ficou de lado.

**Professor 8** – “[...] Os adolescentes hoje se importam em assistir novelas e Big Brother e é isso o que as famílias desses adolescentes também assistem. Se eles não estão

*assistindo a novela estão na internet, jogando videogame ou fazendo qualquer outra coisa improdutiva.”*

**Professor 9** – “[...] *E também porque mesmo se tivessem acesso eles não querem esse tipo de programação.”*

**Professor 10** – “[...] *Os canais educativos que podem transmitir valores positivos à sociedade como um todo e muito menos os adolescentes estão interessados em assistir isso.”*

**Professor 12** – “[...] *Muito raramente alguns canais educativos que possam transmitir algo significativo não são de interesse desses adolescentes.”*

**Professor 12** – “[...] *os nossos alunos não querem saber de programas educativos e acabam absorvendo o pior que é transmitido na televisão.”*

Novamente os docentes caem na armadilha do dualismo ação/reflexo, tentando explicar a adesão dos adolescentes a programas com cenas de violência e o interesse dos mesmos. Ignora-se a dialética que rege a interação sujeito/televisão, as tensões, os conflitos. Além disso, parece-nos que há uma inclinação em reputar os alunos como desinteressados do que é educativo ou produtivo.

O professor 6 atribui o desinteresse pela telenovela “Os Dez Mandamentos” à falta de algum tipo de assédio, como a violência e a ela ser educativa. Não poderiam ser outros fatores responsáveis por essa falta de interesse? A trama, os diálogos dos personagens, a atuação dos atores, o cenário, o figurino (esses dois últimos, muito importantes por se tratar de uma narrativa de época), a trilha sonora, a dinâmica da filmagem (muito rápida, muito lenta) enfim, são vários os elementos responsáveis por prender ou dispersar a atenção de jovens e adultos em telenovelas, filmes, séries, etc. É sabido também que ao que se refere à produção cinematográfica, o público está cada vez mais exigente.

Pelo exposto, parece-nos que o motivo da propagação de conteúdos violentos pela TV, a banalização dessa exibição e a assimilação do público muito tem a ver com a cristalização da cultura de massa, que, por conta das forças econômicas e políticas - centrípetas - que a envolvem e determinam, manifesta-se como única possível, em decorrência da homogeneização e da alienação. Claro que

também há casos da identificação pessoal dos sujeitos com casos, personagens, situações violentas, o que acaba preenchendo um espaço no mundo interior dos mesmos, servindo-lhes como meio para a organização de seus mundos interiores, mas que inclusive não é fruto de uma ação puramente biológica, psicológica. Isso porque mesmo o que é pessoal está carregado do social, visto que é construído por relações sociais.

### 3.2 O SUJEITO BAKHTINIANO E SUA NATUREZA DIALÓGICA

Para compreendermos com mais clareza a relação da influência da televisão sobre a constituição da subjetividade do sujeito, é importante refletirmos sobre como ocorre a constituição do mesmo. É o que apresentamos aqui, a partir dos preceitos bakhtinianos a esse respeito.

Sabemos que a violência que há na escola envolve vários sujeitos, porém, neste estudo, daremos atenção ao espaço que o aluno e que o professor de escola pública ocupam nesse tema, por considerarmos que são estes os mais imediatamente expostos às situações violentas que ocorrem no contexto escolar.

Para tanto, partimos de alguns questionamentos acerca desses sujeitos: como ocorre a relação entre a apropriação dos produtos da indústria cultural e a subjetividade dos adolescentes? Por que estes estão mais propensos a absorverem e a naturalizarem a violência do que os adultos? Qual é, de maneira geral, a posição que o sujeito adolescente ocupa na contemporaneidade? Como o adolescente concebe a escola?

É preciso, antes de tudo, compreender que o sujeito bakhtiniano é constituído por discursos. A língua e a linguagem, como um todo, não são meros instrumentos de decodificação de mensagens, nem servem apenas para a comunicação com outros sujeitos. O sujeito participa ativamente sobre o discurso e serve-se dele para sua própria constituição, ao passo que é por meio da linguagem que o sujeito tem acesso ao mundo exterior, social; é a partir desse contato, por meio da linguagem, que o sujeito se constitui e formula suas verdades, passando a existir.

O pensamento bakhtiniano contrapõe-se à concepção que assegura a existência de um indivíduo genuína e unicamente criativo, que tem uma relação psicológica e dualista com a língua, a qual seria criada e expressa a partir de pura

inspiração. De acordo com Bakhtin/Voloshinov ([1929], 1999), o sujeito é constituído do exterior para o interior, num processo dialético. Contudo, ele possui sua individualidade, contudo, esta é estabelecida de acordo com o contato com o social. Assim, o que é ideológico e o social não são opostos ao que é individual, mas ao natural, enquanto ser biológico, pois a ideologia compõe tanto a realidade exterior quanto a interior:

Se o conteúdo do psiquismo individual é tão social quanto a ideologia, por outro lado, as manifestações ideológicas são tão individuais (no sentido ideológico deste termo) quanto psíquicas. Todo produto da ideologia leva consigo o selo da individualidade do seu ou dos seus criadores, mas este próprio selo é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas. Assim, todo signo, inclusive o da individualidade, é social (BAKHTIN/VOLOSHINOV [1929] 1999, p. 59).

Dessa forma, os sujeitos têm certa autonomia, pois possuem sua individualidade, no entanto esta é refratada do social, em um contínuo dialético. Assim, é compreensível que o contato dos sujeitos com cenas violentas transmitidas pela TV acarretará implicações, de alguma forma, sobre a formação dos mesmos. A violência é um produto ideológico e sendo veiculado por um poderoso e aparentemente legítimo meio de comunicação, como a mídia televisiva, pode afetar o mundo interior dos sujeitos. Consequentemente, como a dinâmica internalização e expressão é contínua, quer dizer, como tudo o que o sujeito é, ele é também para o outro, ele externaliza, certamente manifestará essa faceta violenta de algum modo: por atitudes, palavras, gestos, entre outras maneiras.

Se o sujeito é fruto de sua época, constituído pelo discurso sociocultural que o envolve, ele precisa ser compreendido dentro dessa conjuntura, considerando-o como parte da materialidade histórica, econômica, política, social e cultural. Assim é possível compreendê-lo, analisando as várias vozes sociais que emanam dessa materialidade, visto que “Nosso próprio pensamento [...] nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal de nossos pensamentos” (BAKHTIN, [1979] 2000, p. 317). Quer dizer, o sujeito só se constitui na relação com o *outro*, com as vozes, verdades com as quais tem contato. Sua consciência é o resultado de sua vivência



em sociedade. Por isso, a compreensão do sujeito só se dará a partir compreensão da própria sociedade, da sua organização e das relações que engendra.

### 3.3 O ADOLESCENTE E A TV: VULNERABILIDADE E VIOLÊNCIA?

Nota-se no discurso dos professores e também no discurso científico, em geral, como em pesquisas sobre a relação da televisão com o público adolescente, a crença de que a dissolução da família tradicional abre espaço a outro elemento que adentra aos lares das famílias, a televisão. Conforme estudos, é com ela que crianças e adolescentes começam a passar extensa parte de seus dias.

De acordo com Merlo-Flores (1999, p. 209), os adolescentes acabam ouvindo mais a televisão do que seus pais. Ela é a companhia quando eles estão sozinhos; a “conselheira” quando não sabem como agir para obter aceitação. Isso porque a TV difunde modelos de comportamentos que não são questionados pela própria mídia e, embora haja a resistência do sujeito e o conflito de vozes que ocorre no embate dos valores dos adolescentes com o discurso da televisão, as forças do discurso televisivo agem infiltrando-se na subjetividade deles.

A falta da presença dos pais ou da figura de alguém que oriente e cuide dos adolescentes deixa espaços vazios que são preenchidos com a televisão. A referência para a construção da personalidade, que, a princípio, deveria ser orientada pelos pais, fica à mercê de outros agentes, e estes podem ser propagadores da violência. As relações sociais, que são essenciais na constituição do sujeito, demonstram-se cada vez mais frágeis no âmbito familiar, fortalecendo a intimidade com a mídia televisiva, que é terra de ninguém, principalmente quando se trata da TV aberta, aquela que a classe economicamente desfavorecida tem mais acesso.

O depoimento dos professores corrobora com esse posicionamento, já que todos consideram que a televisão influencia o comportamento dos adolescentes:

**Professor 1** – “[...] muitas vezes não conseguem discernir o certo do errado, e acabam reproduzindo coisas que viram em novelas, filmes ou em algum noticiário [...]”.

**Professor 3** – “[...] querendo ou não ela acaba sendo um espelho e infelizmente muitas vezes é de uma forma negativa, pois existe uma grande banalização de tudo e os alunos acabam absorvendo tudo isso[...]”.

**Professor 4** – “[...] Eu acho que a violência transmitida pela televisão através de filmes e novelas é refletida pelos alunos dentro da escola também [...]”.

**Professor 5** – “[...] A televisão ela tem influência sim porque se a família não está presente, a criança ou o adolescente vai absorver as informações até mesmo da tv, e nessa idade eles não conseguem filtrar o que é certo e o que é errado então eles absorvem aquilo que acham interessante [...]”.

**Professor 8** – “[...] eu penso que a televisão tem o total poder de induzir o adolescente a fazer coisas boas e ruins também... ainda mais nessa fase que estão passando por um processo de formação de caráter, formação de personalidade e são facilmente influenciados”.

Os enunciados demonstram que eles acreditam que, por estarem em uma fase de transformações e formação, não tendo ainda um caráter definitivo, o adolescente não tem capacidade de avaliar os conteúdos transmitidos pela televisão. Essa fragilidade, de acordo com os docentes, facilita a assimilação de valores moralmente ruins, inclusive podendo influenciar para que ele adote comportamentos violentos, semelhantes ou baseados no que vê na TV. Outra vez, observamos a formação ideológica da “televisão dominadora e do sujeito dominado”, atravessando e se misturando com a formação ideológica do “adolescente vulnerável”, como se os adolescentes fossem meros reprodutores e sujeitos em branco; como se não fossem constituídos por vozes socioideológicas. Não estamos afirmando que a adolescência não seja, de fato, uma fase de formação e que isso não requeira orientação adulta adequada. Segundo Wartela *et al* (1999), crianças e adultos são influenciados quando assistem, na televisão, personagens sendo recompensados por atitudes agressivas, sendo positivamente reforçado tal comportamento, justificando-o por um objetivo que se julgue legítimo. Afirma o autor que as pesquisas atestam que a agressão já é aprendida quando o sujeito tem ainda pouca idade e, à medida que a criança cresce, fica cada vez mais difícil superar esse temperamento. Contudo, assim como Vygotski (1996), acreditamos que a

própria fase é resultado do social e que, como para Bakhtin/Voloshinov ([1929]1999), o sujeito – e inclui-se o adolescente – não é passivo, pois as vozes que o constituem se chocarão com o discurso televisivo, fazendo-lhe resistência. Também não defendemos que o adolescente possui a mesma condição de discernimento que o adulto – até porque já concordamos com sua posição histórica de adolescente e tudo o que ela engloba. Consideramos, sim, como fundamental compreender os fios que teceram e tecem a imagem daquilo que hoje chamamos de adolescência.

Como já expusemos, o ponto de vista sobre o sujeito que adotamos é o bakhtiniano, o qual é forjado nas relações sociais que vivencia, logo, se ele está em convívio com cenas de violência, poderá incorporar sinais disso em sua subjetividade, expressando-se também a partir dessa voz socioideológica.

As crianças e adolescentes são mais passíveis de influência do que os adultos. De acordo com Vygotsky, a adolescência é uma fase produtiva, já que ocorrem importantes mudanças qualitativas na vida do sujeito. O adolescente se torna capaz de entender melhor a si mesmo e o meio em que vive, ocorrendo a formação efetiva dos sistemas psicológicos e conceituais, consolidando-se, assim, a personalidade: “o adolescente começa a tomar consciência de si como um todo único. Os traços isolados se convertem em sua autoconsciência em traços do caráter.” (VYGOTSKI, 1996, p. 234). Desse modo, o adolescente está mais vulnerável à ação da violência do que um adulto, que já tem melhor solidificados conceitos e personalidade. Por isso, é importante atentar para o que crianças e adolescentes estão assistindo e não os deixar expostos a conteúdos violentos, que poderão influenciá-los negativamente. Em sintonia com essa opinião está o discurso do **professor 11**:

*“[...] a questão é a falta de supervisão que os adolescentes possuem ao assistir determinada programação. Os responsáveis por estes adolescentes não estão em casa o tempo todo para controlar o que eles assistem e eles também não estão preocupados em assimilar apenas valores positivos que a televisão pode oferecer.”*

O docente acredita que o adolescente precisa da supervisão e orientação adulta na escolha dos programas televisivos que irá assistir, uma vez que, de acordo

com ele, tal jovem, justamente por sua condição de adolescente, não tem a preocupação em selecionar apenas o que é benéfico para assistir.

O adolescente é um sujeito que está na fase prenhe de questionamentos sobre o mundo, principalmente no que tange à moral. Até então, a verdade que absorvia de casa ou dos laços mais fortes de seu convívio servia-lhe como princípio e como freio para não passar do limite do estabelecido como correto, mas depois do contato com outras verdades - o que ocorre significativamente na escola e pela mídia – as certezas começam a se dissolver, desconcertando a imagem de mundo que havia, originando crises de crenças e de identidade. O adolescente questiona-se, na busca de uma identidade e de compreensão de si mesmo. Vive um momento em que, se for mal orientado, pode ter sua personalidade afetada.

Esclarece Vygotski (1932-1934/1996), que durante a crise que intercala a passagem para a adolescência, o adolescente passa por uma fase de desorientação no que tange às relações internas e externas. Ocorre uma diminuição na capacidade do trabalho, diminuição em interesses que tem e extinção de alguns, o rendimento escolar diminui e ocorre uma desarmonia na estrutura interna de sua personalidade. Portanto, a adolescência, principalmente a que se estende entre os 12 e os 15 anos, faz é conflituosa. Sem contar que, no caso dos alunos do sétimo ano, muitas vezes estão no período da crise de transição da infância para a adolescência, o que agrava mais ainda a situação. Sim, pois esta passagem ocorre entre a idade de 11 para 12 anos. Assim, se a fase da adolescência é complexa, a crise da transição para ela deixa os sujeitos ainda mais atônitos, por isso, certifica Koshino (2011, p. 127), que a superação das dificuldades pelo adolescente depende muito de como ele é orientado pelos adultos que estão em seu convívio: pais, funcionários da escola, familiares. Estes precisam reconhecê-lo e valorizá-lo enquanto ser histórico e ativo.

São muitos os temas apresentados de forma falseada e distorcida pela mídia televisiva: o sexo, as relações afetivas, a sedução do consumismo, mas o que chama a atenção é o espaço que se dá à violência. Ela está presente nas novelas, nos noticiários, nas revistas eletrônicas sensacionalistas, nos filmes, nos desenhos animados, nos esportes, nos reality shows e nas mais variadas formas de programação. De maneira geral, essa conjuntura preocupa pais, professores, poder governamental e a sociedade civil. As principais preocupações são as imitações da violência pelas crianças e adolescentes, a exposição destes à linguagem nociva

adotada por programações violentas e o provável dano ao desenvolvimento emocional desses sujeitos.

Conforme Wilson *et all* (1999, p.72), existem três efeitos primários que resultam da violência exposta na TV: “aprendizagem de atitudes e comportamentos agressivos; dessensibilização à violência; maior medo de ser atingido pela violência.” É muito corriqueiro assistirmos, no dia a dia, a crianças imitando heróis e vilões, por meio de brincadeiras violentas contra seus familiares e colegas, o que, ainda que despreziosamente, podem ocasionar lesões nos envolvidos e estimular o uso da violência em outras situações as quais sejam, de fato, conflituosas. A violência, em alguns casos, foi naturalizada e até banalizada, pois, assassinatos, roubos, trapaças, discriminações, ofensas são testemunhados na TV, sem espanto ou sequer estranheza pela sociedade. Por exemplo, muitas vezes, em uma narrativa, acabamos torcendo pela morte de um vilão por considerarmos que este é merecedor disso; tampouco nos surpreendemos ao sermos informados de casos abomináveis e vemos imagens chocantes nos noticiários. Contudo, ainda que naturalizada, a violência preocupa as pessoas, provoca tensão e medo de, fortuitamente, ser mais uma vítima.

Nem todos os tipos de violência, no entanto, causam os mesmos efeitos nos sujeitos. Consideremos que a violência é, também, um produto socioideológico e, assim, afeta os sujeitos. Consideremos, ainda, que o sujeito, segundo os preceitos bakhtinianos ([1929]1999), é também socioideológico, mas singular, ou seja, é um sujeito dialógico: não é apenas constituído pelo exterior, tampouco pelo seu mundo interior. É o resultado do envolvimento dos dois polos. Cada sujeito é único, já que o mundo exterior afetou-lhe de diferente e peculiar maneira, como não ocorreu com nenhum outro, pois cada um teve vivências diferentes, encontros com sujeitos diferentes, durante a vida. Cada sujeito possui uma maneira distinta de assimilar os acontecimentos sociais que os toma, o que ocorre, também, pelo movimento criativo individual que cada um faz. Logo, a violência não será assimilada da mesma forma por todos os sujeitos. A orientação social, ou seja, a maneira que o sujeito está envolvido com o contexto social é um fator determinante para o modo como a violência será mediada e moldada pela consciência, tomando determinada forma.

Toda tomada de consciência implica discurso interior, entonação interior e estilo interior, ainda que rudimentares. A tomada de consciência da fome, por exemplo, pode ser acompanhada de

deprecação, de raiva, de lamento ou de indignação. De que maneira será marcada a sensação interior da fome? Depende ao mesmo tempo da situação imediata em que se situa a percepção, e da situação social da pessoa faminta, em geral. O ângulo social em que será recebida a sensação da fome (BAKHTIN/VOLOSHINOV, [1929], 1999, p.114).

Explicam os autores que a fome, para um sujeito que vive em situação de miséria e não consegue adquirir seu alimento, tem um sentido diferente daquele vivenciado pelo burguês, que está atrasado duas horas para o seu almoço. Os diferentes contextos e intensidade com que os sujeitos estão envolvidos, em determinadas circunstâncias, são decisivos para a relação de sentido entre signo e sujeito. Assim, o contato do sujeito com cenas violentas na TV depende também da subjetividade dele, assim como da forma como a violência lhe é apresentada.

É interessante verificar uma tabela criada por estudiosos da área sobre os impactos que determinadas situações, sobre casos de violência na TV, podem acarretar com relação às três consequências primárias, das quais tratamos anteriormente:

Tabela 1  
Impacto prognosticado de fatores de contexto sobre três consequências da exposição à violência na mídia

Fatores de contexto	Conseqüências da violência na mídia		
	Aprendizagem de agressão	Medo	Dessensibilização
Perpetrador atraente	Δ		
Objetivo atraente		Δ	
Violência justificada	Δ		
Violência não-justificada	▼	Δ	
Presença de armas	Δ		
Violência extensiva/explicita	Δ	Δ	Δ
Violência real	Δ	Δ	
Recompensas	Δ	Δ	
Punições	▼	▼	
Insinuação de dor/dano	▼		
Humor	Δ		Δ

Δ = provavelmente *aumenta* a conseqüência

▼ = provavelmente *diminui* a conseqüência

Nota: Os efeitos prognosticados baseiam-se na análise da pesquisa das ciências sociais sobre as características de contexto da violência. Os espaços em branco indicam que não há pesquisa adequada para fazer um prognóstico.

Fonte: "Violence in television programming overall: University of California, Santa Barbara Study", por Wilson et al. (1998), *National Television Violence Study 2*, p.14. Copyright 1998 by Sage Publications. Impresso com a permissão dos autores.

Fonte: Wilton et all (1999, p.74)

Percebemos que, em quatro casos, a exposição da violência provoca um efeito positivo nos telespectadores, diminuindo as consequências negativas. Quando a violência demonstra-se não justificada, quando há punição para a violência e quando se expõem a dor e os danos que a violência pode provocar, os efeitos negativos diminuem, já que ela é apresentada de forma maléfica. Isso nos leva a inferir que a televisão não precisa se eximir de mostrar cenas violentas, mas poderia contextualizá-las no intuito de reforçar seus aspectos negativos, o que colaboraria para o movimento de superação da mesma.

É relevante citar que, no caso da identificação de crianças e adolescentes com personagens violentos, o estudo de Merlo-Flores (1999, p. 190 – 191) afirma que isso acontece somente quando a criança ou adolescente já vive um conflito familiar ou social parecido com o do personagem. Neste caso, o efeito da violência sobre o sujeito depende muito deste também. Segundo a estudiosa, a pesquisa que realizou apontou que aqueles que são emocionalmente estáveis não apresentaram sintomas significativos advindos da exposição à violência exibida na TV. Nessa perspectiva, a televisão seria uma espécie de espelho, em que o sujeito busca encontrar alguém com sentimentos e problemas semelhantes com aqueles que ele está vivenciando, a fim de aliviar sua carga emocional e ajudar a resolver seus conflitos interiores.

É elucidativo citar que, em vários momentos, os professores mencionaram a identificação dos alunos com um personagem criminoso, mas belo e poderoso, de uma novela da emissora Globo:

**Professor 4:** “[...] e qual era o principal personagem da novela? Um rapaz muito bonito, muito bem apessoado, que teve sucesso na vida através do que? Da violência. Ele não era uma pessoa correta, não tinha um trabalho correto, ele era traficante, ele era ladrão, ele matou um outro pra tomar o lugar na favela, ele era o rei da favela e isso tudo muito bonito, mostrado de uma forma fantástica. E a gíria que ele usava “respeita o meu passado, respeita a minha história” era utilizada no cotidiano da escola. Esse personagem tinha uma tatuagem de cruz na frente e todos os alunos também tinham e achavam muito bonito aquilo.”

Segundo o relato do docente, os alunos repetiam frases do personagem e desenhavam uma cruz no rosto, assim como ele tinha. A partir dos estudos sobre a

identificação do telespectador com os personagens de narrativas ficcionais, é possível inferir que a identificação com o tal personagem da novela ocorre porque ele apresenta conflitos interiores análogos aos dos adolescentes. Dessa forma, o personagem em questão, embora vilão, porta características positivas perante o olhar coletivo - ser belo, poderoso e ter acesso à compra e à posse - acaba por aparecer como uma válvula de escape para o sujeito que se vê em meio a um sistema que lhe cobra um determinado *status quo*, mas, ao mesmo tempo, nega-lhe possibilidades para isso. Os adolescentes, estando inseridos em um contexto de marginalização socioeconômica, percebem nas atitudes do vilão um meio para também melhorarem sua situação e, conseqüentemente, obterem maior notoriedade social.

São muitos os estudos que tratam da importância das narrativas na resolução de conflitos, principalmente de crianças e adolescentes. As fábulas, na tradição oral, já faziam isso há séculos. A ficção, a fantasia, adentra no inconsciente do sujeito, trabalhando, ainda que ele não perceba, alguns pontos conflituosos que ele tem (BETELHEIM, 2002). O mesmo ocorre com as narrativas modernas, inclusive as televisivas, como filmes, telenovelas, séries, desenhos. É interessante notar a fala do **professor 11**, o qual conhece e destaca a imaginação e a ficção como elementos característicos de crianças e adolescentes e prendem sua atenção:

*“[...] até porque o mundo dos adolescentes principalmente nessa idade dos sextos e sétimos anos, é um mundo muito imaginário e os atos praticados por eles são apoiados numa forte imaginação [...]”.*

O apelo para a fantasia é, portanto, algo que atrai os adolescentes e, quem sabe, assistir e reproduzir algumas cenas violentas de vilões que obtêm sucesso seja uma forma de resolver ansiedades, medos e tantos outros sentimentos que eles trazem consigo.

Merlo-Flores (1999, p. 209) assevera que é errôneo julgar que as crianças e adolescentes buscam a televisão por entretenimento ou informação. De acordo com a pesquisadora, eles estão “desesperadamente procurando aprender como devem ser para conseguir uma resposta favorável dos outros, e não ficar sozinhos”.

Parece-nos que nem sempre, mas muitas das vezes, os jovens que procuram a televisão, estejam, realmente, na busca de si mesmos. Eles precisam de uma



identificação, de alguém que os represente e que, na ficção, se “encaixe” em seu meio, para que eles também percebam que podem se “encaixar” no mundo. É a crença de que a TV possui modelos confiáveis, a qual, como vimos, ocorre porque a mídia televisiva é um mecanismo ideológico e conta com o poder de um certo discurso de autoridade, legítimo, que merece ser recebido como fidedigno. É evidente que a identificação deveria ocorrer com alguém real, preferencialmente uma boa referência da família. O suporte emocional e afetivo, a base para um crescimento e amadurecimento saudável é responsabilidade, principalmente, da família.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Dissertar sobre a violência na escola foi um desafio, principalmente porque nos propusemos a observar suas relações com outros temas também complexos, como a pobreza socioeconômica, a desestrutura da família tradicional e a mídia televisiva. De fato, embora tenhamos aprendido bastante durante o percurso da pesquisa, ponderamos, no final das contas, que não há espaço para conclusões que não sejam inconclusas; que, se no início havia pretensas hipóteses, quase certezas, ávidas pela comprovação científica, sua fragilidade abriu espaço a várias incertezas. No entanto, chegamos a alguns esclarecimentos.

Ainda que seja difícil posicionar-se sobre o que é ou não violência, é importante, conseguirmos distingui-la da agressividade e principalmente da indisciplina, a fim de que saibamos observá-las, identificá-las, para engendrar formas assertivas de superá-las no ambiente escolar. Se há indisciplina ou violência, é preciso tentar compreendê-las antes de tentar combatê-las, principalmente porque ações impensadas certamente resultarão, ironicamente, em violência e improdutividade. A indisciplina é uma reação incomodada e inconformada que dá sinais importantes sobre as práticas pedagógicas da escola. A violência pode ser a expressão de revolta a um sistema silenciosa e sorratamente violento, que estratifica, exclui e rotula. Também pode ser expressão de diversos outros fatores, os quais precisam ser sondados. De qualquer forma, consideramos que o caminho é a observação, o diálogo e a negociação com os alunos.

Procuramos, neste estudo, analisar a violência na escola por um viés materialista e dialético, buscando perceber seus encadeamentos históricos, sociais, políticos, culturais e ideológicos. Buscamos deixar os ouvidos atentos, com o intuito de identificarmos as vozes que estavam contidas pelos discursos monológicos, aprisionadas pelo senso comum.

Embora esta pesquisa limite-se a um grupo de professores de um determinado colégio, situado em uma determinada cidade, ela representa a postura de uma expressiva parte, talvez da maior parte, da sociedade, o que nos preocupa, pois percebemos, pelos enunciados dos professores, que, de modo geral, apresentam posicionamentos apriorísticos sobre a violência que há na escola e sua relação com as questões sociais com as quais se relaciona.

O discurso “violência é resultado de pobreza econômica” manifestou-se vultuosamente nos enunciados analisados, por isso decidimos dar atenção à questão, o que resultou, inclusive em um capítulo desta dissertação. Como apontamos, consideramos que seja uma visão generalista e imediatista, que parece ocultar outros discursos, como “a necessidade do *ter* para *ser*”. Consideramos que a consequência mais grave da disseminação desse discurso infundado seja a manutenção e intensificação do preconceito contra o sujeito economicamente desfavorecido – como se já não bastassem todas as adversidades às quais ele é submetido devido a sua situação econômica.

Outro discurso que muito se evidenciou no enunciado dos professores é o de que a desestrutura da família tradicional é o motivo do comportamento violento dos adolescentes. De certa forma, a afirmativa é razoável, pois remete a alguns fios amarrados à realidade material, contudo há outros emaranhamentos que precisam ser percebidos. Não considerá-los é estacionar novamente no imediatismo do senso comum.

Como observamos, o adolescente é um sujeito histórico, já que suas características e singularidades foram criadas socialmente a serviço da ideologia burguesa disseminada durante o Iluminismo. Essas necessidades, certamente, acabaram se transformando em características psicológicas, pois a consciência individual é o resultado da infiltração do social.

O sistema capitalista e seus valores são responsáveis também pela idealização da família tradicional, bem como pela necessidade que o adolescente tem do ambiente familiar – isso porque, como conferimos no segundo capítulo desta dissertação, os sujeitos, assim como as relações que eles desenvolvem entre si e com o mundo são frutos do que é social e não individual. Entretanto, com o decorrer do tempo, as necessidades do capitalismo mudaram, mas a estrutura familiar não às acompanhou, o que gerou a desordem em sua composição e em suas relações. Houve a necessidade de os responsáveis pelo cuidado e educação dos adolescentes precisarem trabalhar por muito tempo fora de casa, ausentando-se do convívio familiar, o que tem resultado, em alguns casos, no desamparo ao adolescente em um momento decisivo de sua vida. Sendo assim, julgamos que o discurso “a desestrutura da família tradicional é causa da violência do adolescente” seja assertivo, em parte, pelos seguintes motivos: como apontamos, realmente, o

pouco convívio dos responsáveis com o adolescente pode causar-lhe conflitos interiores e resultar em atitudes desequilibradas socialmente, uma delas pode ser o comportamento violento. No entanto, a disseminação desse discurso, da forma generalizada e radicalista como foi manifestado nos enunciados analisados, também reforça preconceitos: o de que adolescente que não tem convívio familiar tradicional é violento ou é mais propenso a ser violento do que aquele que tem família tradicional; o de que a culpa do comportamento violento dos adolescentes é da mãe/mulher que o desampara ao ter que se ausentar quando vai trabalhar; o de que modelos de família que não correspondam ao tradicional não podem fazer a função social de orientar o adolescente; o de que o próprio adolescente não tem capacidade de perceber-se enquanto indivíduo e sujeito e de fazer suas escolhas. Além de reforçar tais preconceitos, esse discurso culpabiliza o indivíduo (mulher, família), como se ele fosse o causador das desordens na conjuntura social, quando o responsável é o próprio sistema capitalista, o qual, por esse motivo, deveria promover formas de superá-los, por intermédio daquele que o representa - o Estado.

Mencionamos muitos estudos que afirmam que o adolescente, ao estar em casa sem a supervisão dos pais, acaba buscando refúgio na televisão. Conforme dissertamos, a exposição indevida a universos falseados que a mídia televisiva promete, inclusive com conteúdos violentos, pode confundir as percepções que o adolescente faz do mundo real e interferir negativamente na sua vida. Também ponderamos que a violência assistida na TV tem implicações na constituição da subjetividade do adolescente, uma vez que a consciência individual é constituída na interação social, e a televisão é um meio de interação. Contudo, o telespectador não é um mero reproduzidor daquilo que assiste. Ainda que o sujeito assimile vozes do discurso violento da televisão, este, sendo constituído por outras vozes que assimilou durante sua vida, fará um complexo processo de síntese, do qual resultarão seus posicionamentos. Dessa forma, nem a televisão pode ser concebida como a perversa dominadora, nem o telespectador como a vítima dominada, já que o discurso televisivo não apenas reflete, mas também refrata nas vozes do cotidiano.

É relevante retomar que se os conteúdos violentos têm a aceitação do público, isso se deve à corroboração por parte deste. Se há tal aprovação do telespectador, é porque há horizonte social para tanto, isto é, os sujeitos, de modo geral, ainda estão acostumados, familiarizados com o discurso da violência. No

entanto, se pararmos para analisar, perceberemos que esse horizonte social tem mudado com o tempo, e isso se deve à ação da ideologia do cotidiano, que por meio de um discurso da não violência, tem provocado, gradualmente, mudanças. A escola, por sua vez, tem papel fundamental nesse processo.

É importante que se oriente ao adolescente no que diz respeito aos conteúdos televisivos, porém talvez a iniciativa que logre mais resultado não seja lhe impedindo de assistir àqueles violentos. Possivelmente, problematizar a violência, discutir sobre a mesma seja positivamente construtivo. Demonstramos que algumas formas de violência exibidas pela televisão têm um resultado benéfico sobre os telespectadores: quando a violência não é justificada; quando ocorre punição para a violência cometida; quando são demonstrados a dor e os danos que a violência provoca. Portanto, considerar esses aspectos no momento de abordar o tema junto aos adolescentes, certamente contribuirá positivamente.

Arrematamos este estudo com a clareza de que os discursos que se manifestam como verdadeiros, legítimos, precisam ser investigados, sobretudo pelos profissionais da educação. Posicionamentos pautados no senso comum não contribuirão e prejudicarão a superação de problemas, como é o caso da violência na escola. É preciso, primeiramente, conhecer a origem dos mesmos, para então buscar formas de solucioná-los.

Necessitamos compreender a violência que há no comportamento de muitos alunos como algo cultural e histórico e acreditar que, também pelo fazer cultural, pela interação entre os sujeitos, durante a história, é possível transformar posturas. Precisamos sensibilizar ensinar, orientar aos adolescentes, pautados na cultura da não barbárie.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; Ruas, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: Edições UNESCO, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail/VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**: A teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: UNESP, 1998.

BARRETO, Vicente. **Exclusão e violência, reflexões preliminares**. In: Sociedade Civil e Educação. Campinas: Papirus, 1992.

BARROS, Diana Luz Pessoa. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa & FIORIN, José Luiz (Org.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BEZERRA JÚNIOR, Benilton. **Reflexões sobre a Violência Urbana: (In)segurança e (Des)esperança**. Rio de Janeiro: Maud X, 2006.

BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Luz Pessoa & FIORIN, José Luiz (Org.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1999.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BOCK, A. M. B. **A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão**. *Cadernos CEDES*, Campinas, vol. 24, n. 62, abril, 2004, p. 26-43.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Brasil. Presidência da República. Casa Civil. **Constituição da República Federal do Brasil de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 10/06/2016.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras**

**providências.** Brasília, 1990. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm). Acesso em 05/03/2016.

Brasil. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.** – Brasília, 2014. Disponível em:  
<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acesso em 10/01/2016.

Brasil. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.** – Brasília, 2014. Disponível em:  
<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acesso em 10/01/2016.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão.** São Paulo: Boitempo, 2004.

BUSNOVA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Bakhtiniana.** Tradução:BARONAS, Roberto Leiser; TONELLI, Fernanda.São Paulo, v. 6, n. 1, 268-280, Ago./Dez. 2011.

CHARLOT, Bernard. **Cotidiano das escolas: entre violências.** Prefácio. Brasília, UNESCO, 2006.

CHAUÍ, M. **Participando do debate sobre mulher e violência.** In: Perspectivas antropológicas da mulher. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 25-62.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2000.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula.** 4. ed. Porto: Porto, 2002.

FALEIROS, V. P. **A política social do estado capitalista: as funções da previdência e assistências sociais.** São Paulo: Cortez, 1980.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogos do Círculo de Bakhtin.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FUKUI, L. Segurança nas escolas, in ZALUAR, A. (Org.). **Violência e educação.** São Paulo: Livros do Tatu/ Cortez, 1992.

GARCIA, J. Indisciplina na escola. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

GEGe, Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. **Palavras e contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2009.

GIRARD, René. **A Violência e o Sagrado**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GÓMEZ, A. I. P. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **Escola: Espaço de Violência e Indisciplina**. São Paulo: UNICAMP, 2006.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **A Depredação Escolar e a Dinâmica da Violência**. 1990. 477f. tese (Doutorado em Filosofia da Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

GROEBEL, Jo. **O estudo global da UNESCO sobre violência na mídia - Relatório apresentado ao diretor-geral da UNESCO**. CARLSSON, Ulla; VON FEILITZEN, Cecilia; (Org.). *A Criança e a Violência na Mídia*. Brasília: Edições UNESCO, 1999. p. 217 – 243.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

KOSHINO, Ila Leão Ayres. **Vigotski: desenvolvimento do adolescente sob a perspectiva do materialismo histórico e dialético**. 2011. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Mestrado em Educação, Londrina, 2011.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARTINS, L. M. **As aparências enganam: divergências entre o materialismo histórico dialético e as abordagens qualitativas de pesquisa**. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Anual da ANPED, 2006.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MERLO-FLORES, Tatiana. **Por que assistimos à violência na televisão? Pesquisa de campo argentino**. CARLSSON, Ulla; VON FEILITZEN, Cecilia; (Organizadoras). *A Criança e a Violência na Mídia*. Brasília: Edições UNESCO, 1999. p. 187-217.

NOGUEIRA, Rosana Maria César Del Picchia de Araujo. **Escola e violência: análise de dissertações e teses sobre o tema produzidas na área de educação, no período de 1990 a 2000**. 2003. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/10672>. Acesso em: 25/10/2016.



Paraná. Secretaria do Estado de Educação. Caderno Temático Estado do Paraná. SCHILLING, Flávia. **Indisciplina, Violência e o Desafio dos Direitos Humanos nas Escolas. Enfrentamento à Violência na Escola.** Curitiba, 2010.

Rio de Janeiro. Cadernos de Saúde Pública. ZALUAR, A.; NORONHA, J. C. & ALBUQUERQUE, C. **Violência: Pobreza ou Fraqueza Institucional?** Rio de Janeiro, 1994.

Santos, Miriam Márcia de Souza. **"Meu destino tá traçado. vou ser marginal": a construção de sentidos-e-significados sobre a violência em escola pública'**. 2010. 101 f. Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13480>. Acesso em 25/10/2016.

SAUL, LEA LIMA. **Escola e violência: representações sociais de um grupo de educadores de escolas públicas estaduais de Cuiabá- MT.** 2010. 235 f. Doutorado em Educação (Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, PUC - Monte Alegre, 2010. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/16606/1/Lea%20Lima%20Saul.pdf>. Acesso em 25/10/2016.

SILVA, Ana Claudia; PAULA, Jefferson Augusto de. **Neoliberalismo, Mídia e Sistema Penal.** Disponível em: [http://www.animaopet.com.br/pdf/anima2/Jefferson\\_Augusto\\_de\\_Paula.pdf](http://www.animaopet.com.br/pdf/anima2/Jefferson_Augusto_de_Paula.pdf). Acesso em: 22/06/2016.

SILVA, N. P. **Ética, Indisciplina & Violência nas Escolas.** São Paulo: Edição própria, 2003.

Silva, Viviane Nascimento. **Violência, Televisão e Infância: Estudo De Caso de Aluno de uma Escola Pública de Montes Claros/MG (2009)**'. 2009. 126 f. Mestrado em Desenvolvimento Social. Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. 2009. Disponível em: <http://www.ppgds.unimontes.br/index.php/component/edocman/?view=document&id=70&tmpl=component&Itemid=0>. Acesso em: 25/10/2016.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKI, L. S. **El problema de la edad.** In: *Obras Escogidas IV.* Madrid: Visor, 1932-1934/1996. In: <https://pt.scribd.com/doc/71312754/L-S-Vygotsky-Tom4-06-El-Problema-de-La-Edad>. Acesso em: 25/06/2016.

WARTELLA, Ellen; OLIVARES, Adriana; JENNINGS, Nancy. **A criança e a violência na televisão nos EUA.** CARLSSON, Ulla; VON FEILITZEN, Cecilia;

(Organizadoras). *A Criança e a Violência na Mídia*. Brasília: Edições UNESCO, 1999. p. 61-71.

WILSON, Barbara J.; KUNKEL, Dale; LINZ, Dan; POTTER, W. James; DONNERSTEIN, Ed; SMITH, Stacy L; BLUMENTHAL, Eva; BERRY, Mike; FEDERMAN, Joel. **A natureza e o contexto da violência na televisão americana**. CARLSSON, Ulla; VON FEILITZEN, Cecilia; (Org.). *A Criança e a Violência na Mídia*. Brasília: Edições UNESCO, 1999. p.71-92.

ZALUAR, A. M. **Violência e Crime**. In: MICELI, Sergio (Org.). *O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Editora Sumaré/ANPOCS, 1999, v. 1, p. 15-107. p. 28.

ZALUAR, A.; NORONHA, J. C. & ALBUQUERQUE, C. *Violência: Pobreza ou Fraqueza Institucional?* Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 10 (suplemento 1): 213-217, 1994.

Zilberman, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1987.

## APÊNDICE A

### TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

Neste apêndice consta a transcrição, na íntegra, das entrevistas realizadas com os professores. Por fins didáticos, consideramos melhor organizá-la a partir das perguntas, com a relação das respostas de cada professor.

#### 1 - Em sua opinião o que é violência?

**Professor 1** - Na minha opinião violência são atitudes, ações e reações que levam à intimidação, e pode se manifestar de maneira física ou psicológica, por meio de discussões com o objetivo de desvalorizar ou discriminar alguém. Acho que esse tipo de violência, principalmente a psicológica causa danos muitas vezes irreversíveis ao adolescente. Por outro lado a violência sempre existiu, e às vezes ela é peça fundamental para uma mudança, pois enquanto houver pacificidade, significa que tudo está sendo de certa forma tolerado. A partir do momento em que se manifesta a violência significa que algo ali precisa ser mudado. O que não podemos aceitar é a violência banal.

**Professor 2** - Que pergunta difícil né, uma hora dessas (risos) ... Pergunta muito difícil. Eu agora não vou conseguir explicar pra você assim com poucas palavras o que é violência.

**Professor 3** - A violência eu acho que é quando você ultrapassa o espaço do outro onde você rompe limites em que deixam de ser morais e que você acaba realmente interferindo na vida do outro tanto fisicamente quanto moralmente... existem diversas maneiras de você praticar a violência né.

**Professor 4** - Eu acho que a violência não é só a violência física. No cotidiano da escola nós temos também a violência moral, a violência verbal... A violência da parte dos alunos ela parte como se fosse uma defesa mesmo, uma maneira de defesa deles.

**Professor 5** - A violência eu acredito que é qualquer ato que viole um bem da pessoa, seja ele um bem material, um direito, qualquer coisa que nos pertença que seja violado é um ato de violência.

**Professor 6** - Violência é o ato de um ser humano vir a agredir fisicamente ou psicologicamente outro semelhante seu.

**Professor 7** - Violência é toda atitude que agride outra pessoa, seja de forma física, psicológica, verbal. Xingamentos, palavrões, gestos também são formas de violência. Eu penso que também existe uma violência mascarada que são as drogas, as más companhias, tudo isso eu considero violência.

**Professor 8** - Pra mim a violência é toda forma de comportamento que de certa maneira acaba magoando ou prejudicando alguém, podendo ser uma violência física ou uma violência verbal.

**Professor 9** - Acho que é qualquer tipo de agressão que atinja o próximo, seja ela física, verbal ou psicológica. É qualquer atitude que venha trazer algum mal à pessoa alheia.

**Professor 10** - Acho que é todo o ato de agredir uma pessoa, sendo que essa agressão pode ser física ou verbal.

**Professor 11** - A violência é um processo de desumanização do indivíduo, é um processo que faz com que ele retroceda aos seus instintos primários e agrida ao próximo das mais variadas formas.

**Professor 12** - Violência é tudo aquilo que fere alguém, seja fisicamente, moralmente, psicologicamente. Na verdade a violência não é só o ato de bater, violência é o fato de uma pessoa não ter o que comer, violência é ela não ter o que vestir, violência é ela viver em um mundo onde não há estrutura familiar, tudo isso também é violência.

**Professor 13** - Eu entendo que violência é tudo aquilo que vem contra os seus princípios. A violência também pode ser física e verbal, xingamentos, apelidos, toda falta de respeito ao próximo é uma forma de violência.

**Professor 14** - Violência é quando a gente age em relação ao outro o ferindo de alguma maneira, seja fisicamente, moralmente, psicologicamente. A partir do momento que o outro se sente ferido por uma ação nossa, com certeza aconteceu um ato de violência.

**Professor 15** - Na minha opinião há dois tipos de violência a física e a verbal. A verbal seria através de xingamentos, bullying, palavrões, apelidos e a física que é quando a pessoa é agredida com chutes, socos etc.

## **2 - Há situações violentas na sua escola? Quais são os tipos de violência que acontecem?**

**Professor 1** - Sim, aqui no Interlagos sempre presenciamos situações de violência de todas as formas, tanto física, quanto verbal. Já houve situações de aluno esfaqueado, alunos que incendiaram a moto de um professor, mas eu acredito que a violência aparece com maior ou menor grau de acordo com o colégio em que se está trabalhando. Já trabalhei em colégios na região central da cidade e na periferia. E a forma como os docentes lidam com a violência varia de cada colégio. Num colégio central percebo que não ocorre muita violência, geralmente os alunos respeitam mais os professores, mas isso não significa que não ocorra, ela aparece de forma verbal mas é facilmente resolvida na equipe pedagógica ou direção. Trabalhei em um colégio de periferia onde a violência era vista pelos docentes que trabalhavam há mais tempo lá como algo natural, a equipe pedagógica não davam

apoio ao professor quando se tratava de problemas de relação entre professor/aluno e brigas durante o intervalo e ao término da aula eram frequentes.

**Professor 2** - Principalmente verbal. Tem muitas violências e a maioria delas é verbal e xingamento um com os outros.

**Professor 3** - Infelizmente existe e é bem frequente. O mais comum que a gente vê é a violência moral através de xingamentos, através de falta de respeito com o colega, com os professores, com o pessoal da equipe e ainda infelizmente existe também agressão física, entre os alunos que é muito comum, porque eles realmente acabam tendo os ânimos muito alterados e eles não têm a ciência de que o autocontrole é necessário.

**Professor 4** - Sim, existem violências que são mascaradas por brincadeiras, que são brincadeiras com agressão física e os alunos acham um máximo, por exemplo, quando toca o sinal, se um aluno não gritar determinada palavra os outros saem batendo nele, dando chutes e existe também a violência de raiva, a violência que o aluno vem pra escola com vontade de agredir o colega, são esses dois tipos mais frequentes na escola.

**Professor 5** - Com certeza, na minha escola há muitos atos de violência. Os atos que mais acontecem são os atos psicológicos, os morais, as agressões verbais, são os que mais ocorrem. Muitas vezes também acontecem os atos físicos, a violência física, mas em grande parte é a violência verbal, os palavrões, os xingamentos, o bullying é o que mais ocorre na minha escola.

**Professor 6** - Dentro de sala de aula é menos frequente a violência física, é mais a verbal mesmo. A violência física nós presenciamos geralmente na saída da aula ou no intervalo. Mas o que está acontecendo comigo esse ano é que eu tenho um aluno que é carioca e ele está sofrendo uma das violências que eu mais abomino que é o bullying, a que mais me magoa porque eu já sofri bullying, e hoje esse aluno está sofrendo com isso.

**Professor 7** - Tem violência sim e acontece também dentro da sala de aula. São diversos os tipos desde brincadeiras violentas, xingamentos e até brigas mesmo por motivos banais. Geralmente as brigas acontecem porque um coloca apelido no outro e acabam ocorrendo as agressões.

**Professor 8** - Dentro de sala de aula a maior parte que ocorre são as violências verbais. Eles agredem verbalmente tanto entre eles quanto nós professores.

**Professor 9** - Olha, aqui na escola já aconteceram muitas situações violentas e sérias, mas de um tempo pra cá diminuiu bastante. Agora violência verbal, bullying isso ocorre diariamente. Essa troca de ofensas às vezes quase se torna violência física entre eles.

**Professor 10** - Existem sim e bem corriqueiras, diariamente a gente vivencia esses casos de violência. Eu acho que a violência verbal é a que mais acontece, pois ela está diretamente ligada com o convívio dos alunos e ela acontece a partir de ofensas, xingamentos... Não que a violência física não aconteça, mas eu acho que a

verbal ela atinge todos os níveis, do fundamental ao médio, já a violência física atinge mais os alunos do ensino fundamental, principalmente os alunos dos sextos e sétimos anos. Essa é uma realidade bem constante aqui.

**Professor 11** - São inúmeros os tipos de violência que presenciamos durante as aulas, desde a violência verbal explícita até uma violência mais subjetiva, mas informal e mais visual. Puxões, tapas, empurrões, socos são agressões frequentes que acontecem diariamente. Quanto à agressão verbal, são palavras relacionadas à questão racial, à questão física, se é alto, se é baixo, se é magro, se é gordo são as mais comuns.

**Professor 12** - Levando em consideração de onde nossos alunos vêm e a falta de estrutura familiar pode-se notar que eles brigam por muito pouca coisa, eles se batem por nada. Existem muitas situações de violência. A violência além de física ela é também verbal, a fala deles é muito promíscua, eles falam muitos palavrões. Eles não encaram como violência xingar o outro, xingar a família do outro, pegar as coisas do outro para eles nada disso é violência.

**Professor 13** - Há violência sim. Eu penso que a falta de tolerância é um dos principais motivos desencadeadores da violência. Existe muita violência verbal, muitos xingamentos e palavrões que acabam levando à violência física.

**Professor 14** - A violência ela é muito presente na nossa escola, desde a violência física, a psicológica, o bullying, o preconceito, são muitas formas de violência. Os alunos não medem as palavras e hoje mesmo eu precisei intervir em sala e explicar que nós devemos resolver as coisas através do diálogo e não da força física, mas muitas vezes a violência física vem até antes da violência verbal e isso é muito recorrente nas séries finais no ensino fundamental.

**Professor 15** - Aqui tem bastante violência. Acontece muito a violência verbal é constante dentro e fora de sala de aula e também a violência física que normalmente acontecem na hora do intervalo, na entrada e saída das aulas e algumas vezes até mesmo dentro da sala de aula.

### **3 - De maneira geral, como é o comportamento dos alunos em sala de aula?**

também a violência física que normalmente acontecem na hora do intervalo, na entrada e saída das aulas e algumas vezes até mesmo dentro da sala de aula. Uma única turma pode apresentar diferentes comportamentos, isso depende da disciplina e do professor, mas o que é comum em todas as turmas, principalmente nas séries finais do Ensino Fundamental são as bobearias que alguns alunos dizem para chamar a atenção da turma e brigas por causa de apelidos durante a aula, eles tendem a interferir muito na vida um do outro.

**Professor 2** - Eu acho que qualquer pessoa que nem tá em sala de aula já sabe como é que aluno é difícil de você trabalhar. O comportamento deles é difícil.

**Professor 3** - Eles são bastante agitados, não são muito participativos, existe uma pequena minoria, infelizmente, que realmente está interessada e focada... eles estão

aqui, a maioria dos alunos, realmente porque precisam, no sentido de que a família faz com que venham pra escola, então a escola acaba sendo um ambiente de lazer e não de aprendizagem pra eles, então acaba perdendo um pouco foco da proposta inicial que é o ensino escolar.

**Professor 4** - Os alunos são agitados, indisciplinados, eles não tem limites em casa, então o único lugar que eles encontram limites é na escola e aí existe essa dificuldade muito grande da socialização, do respeito ao próximo... Eles não são respeitados dentro de casa então eles não sabem que tem que respeitar regras, ouvir, ficar sentado no lugar, prestar atenção enquanto o professor fala, enfim, eles não são educados, eles vem para escola atrás de conhecimento científico e de educação, aquela que a gente tinha na nossa época dentro de casa e que íamos pra escola unicamente para buscar o conhecimento científico, mas eles não, os pais mandam eles para escola sem o mínimo de regras, de educação, de respeito ao próximo, de etiqueta, sem nada. Eles chegam lá mais precisando de educação do que conhecimento científico.

**Professor 5** - Na sala de aula, no período vespertino que é o que eu estou na escola, eles são muito agitados, eles têm bastante energia, alguns são bastante agressivos e acabam atrapalhando o desenvolvimento das aulas. São muito agitados.

**Professor 6** - É o comportamento de um adolescente normal cheio de energia e quer interagir, quer conversar e principalmente esses alunos de sétimo ano eles adoram se aparecer, então é um comportamento normal da adolescência, mas que não deveria ser, pois, o ambiente escolar tem que ser um ambiente de aprendizado tanto social quanto de conhecimento e infelizmente os nossos adolescentes de hoje não querem. Eu costumo dizer pra eles que eles estão brincando na hora de estudar aí quando eles forem adultos e responsáveis por uma família, eles terão que recuperar esse tempo que eles estão perdendo hoje em sala de aula.

**Professor 7** - Eles são muito agitados, eles não se comportam, são indisciplinados, são agressivos um com o outro e até mesmo com a gente. Para eles é tão normal isso. Eles não nos respeitam.

**Professor 8** - A gente sofre pra tentar deixar eles em ordem, mas, só que eles são muito agitados. Em toda sala geralmente tem um grupo de alunos que não para no lugar, ou que fala muito alto, ou provoca quem está quieto, então para eles é muito difícil se concentrar em sala de aula.

**Professor 9** - Antigamente aqui era muito complicado, pois eles são muito indisciplinados, mas a minha disciplina ajuda bastante também que é de artes então eles acabam gostando mais. Hoje em dia está menos complicado de trabalhar. Claro que existe bagunça e muitas vezes tenho que chamar atenção dos alunos, mas nada grave.

**Professor 10** - De maneira geral eles são agitados, porém acredito que por eu ser um professor de menos idade eles tem bastante liberdade comigo para conversar sobre tudo então facilita o relacionamento em sala. É claro que uma turma ou outra

é sempre mais bagunceira e alguns alunos específicos que gostam de tumultuar as aulas, mas de uma maneira geral são alunos bons.

**Professor 11** - De forma geral no ensino fundamental, os sextos, sétimos e oitavos anos eles são muito agitados, conversam muito, agem muito por impulso e são agressivos.

**Professor 12** - São das mais variadas formas, alguns se comportam bem, outros mais ou menos, outros simplesmente são impossíveis de lidar. Eles são muito agitados e alguns extremamente temperamentais.

**Professor 13** - É muito difícil. Eles brigam por pouca coisa e estão sempre atacando uns aos outros. Eles são muito agitados e sem limites. Eles não toleram brincadeiras e levam tudo à base da agressão.

**Professor 14** - Hoje o comportamento dos alunos em sala de aula é o nosso maior desafio. Nós paramos muitas vezes para discutir tantos temas, mas não paramos para discutir essa questão que é o que mais prejudica o trabalho docente, o processo pedagógico. Eles são muito indisciplinados, muito inquietos, são ansiosos, agitados, no geral eles tem um comportamento nada condizente com o ambiente escolar.

**Professor 15** - Hoje até que eles melhoraram bastante, mas acontecem ainda alguns casos de violência verbal e física, mas diminuiu bastante pelo menos nas minhas turmas. Mas de maneira geral eles são bastante ativos, gostam de conversar, provocam uns aos outros.

#### **4 - Você já presenciou alguma forma de violência entre alunos? Como foi?**

**Professor 1** - Sim, em um 8º ano um aluno começou a comparar uma aluna com um sapo, e isso estava irritando ela, então ela se levantou, foi na frente da carteira do aluno e deu uns 5 tapas na cara dele e ele não revidou com medo, pois não esperava essa reação da garota. Em outro momento, no 7º ano um aluno que sempre demonstrou comportamentos agressivos, e havia suspeitas de que ele vendia drogas no colégio, se levantou da última carteira e foi até a frente da sala para falar a um aluno que ele era um viado, então eles começaram a discutir e se bater. No início parecia brincadeira dos dois mas os socos e chutes foram ficando cada vez mais fortes e tivemos que separar. Outra situação foi de um aluno que “brincando” colocou um canivete na garganta de uma aluna, com o objetivo de intimidar ela e mostrar para a turma que todos deveriam respeitar ele. De violência física entre alunos acontecem também mas, a violência verbal ocorre todos os dias e em alguns casos da violência verbal se parte para a violência física, então o professor tem que ficar o tempo todo tentando resolver a situação da melhor forma possível.

**Professor 2** - Eu já tive em sala de aula um aluno que deu soco no outro mesmo, em sala de aula. Soco, foi soco, ponta pé, foi briga dentro da sala de aula. Foi difícil de controlar eles mas foi dentro da sala de aula.



**Professor 3** - Já e infelizmente isso aí é um tanto frequente, a gente vê realmente a questão onde há a agressão verbal e isso é muito comum, praticamente todas as aulas eu vejo isso, a relação da falta de respeito... Agressão física eu já vi no ambiente escolar mas fora de sala, no pátio da escola, eles realmente gostam de acertar as contas na mão, então é bem difícil mesmo com relação a isso. Infelizmente é muito frequente.

**Professor 4** - Olha, eu já presenciei várias vezes violência verbal, violência física em si não. Eu percebo que frequentemente eles falam coisas violentas, eles fazem ameaças e como a gente está numa escola de bairro eles utilizam uma violência psicológica no sentido de que “ah você está fazendo isso comigo aqui dentro, mas lá fora você sabe quem são meus amigos” e essas crianças mais fragilizadas, mais indefesas, elas ficam com medo de até mesmo responder ou de fazer qualquer outra coisa porque eles tem medo do que vai acontecer lá fora.\

Muitos pais também deixam de registrar um boletim de ocorrência porque sabe que o pai do outro aluno não é um bom elemento, que essa confusão não vai acabar ali, então esse é o tipo que a gente mais presencia.

**Professor 5** - Sim já presenciei. Violência física já aconteceu várias vezes, a verbal muito mais e é muito desagradável seja qual for a forma de violência. Em sala e na hora do intervalo acontecem muitas brincadeiras agressivas, chutes, empurrões sem qualquer motivo aparente. Violência apenas por diversão.

**Professor 6** - Como eu tenho pouco tempo de carreira aqui no Interlagos eu presenciei apenas agressões verbais e soube de várias ocorrências de violência física. Uma única vez que eu presenciei, eu estava passando de moto saindo da escola e duas meninas estavam se agredindo.

**Professor 7** - Nossa, nós já presenciamos muita violência nessa escola, mas muita mesmo. Agora diminuiu bastante, graças a Deus não tem tanta violência extrema como há um tempo. Mas nós já presenciamos alunos sendo esfaqueados e chegar sangrando na coordenação e até adolescentes que não estudam no colégio entraram e atiraram em outro aluno.

**Professor 8** - Em sala de aula eles geralmente começam com as agressões verbais e muitas vezes têm alunos mais agressivos, com o pavio mais curto aí eles já partem para a agressão física. Já aconteceram algumas vezes de nós termos que entrar no meio da briga para separar porque eles não iriam parar, inclusive teve uma vez que eu tive que intervir e o menino estava com uma faca, mas graças a Deus não aconteceu nada grave.

**Professor 9** - Como eu estou há pouco tempo nessa escola eu não cheguei presenciar, mas já ouvi muitas histórias dos outros professores. Já presenciei diversas discussões e agressões verbais, mas nenhuma chegou às vias de fato.

**Professor 10** - Sim, já presenciei várias vezes. Dentro de sala, durante a minha aula já ocorreram algumas situações em que os alunos partiram para agressão física mesmo. Eles começam sempre com brincadeira, aí o outro sente que a brincadeira passou dos limites e sempre acaba em briga. Por exemplo, tem uma brincadeira chamada hoje não, então se o aluno em determinado momento não falar “hoje não”

os outros alunos podem chegar e bater nele, dar cascudos, chutes etc. A própria brincadeira já é uma violência e a partir dela a violência se torna ainda mais intensa. E tem muitas outras brincadeiras nesse gênero. E outro problema muito grande que enfrentamos aqui na escola é a violência de gêneros, no caso, meninos agredindo meninas, isso também ocorre com certa frequência. Os meninos se aproveitam da fragilidade física de algumas meninas e as agredem por meio dessas brincadeiras agressivas ou por outros motivos banais. Geralmente os alunos dos sétimos anos são os piores de lidar mesmo. Estão naquela fase de rebeldia então são as turmas mais difíceis que eu trabalho.

**Professor 11** - Isso é uma questão frequente. Geralmente esses conflitos acontecem em situações pontuais, como por exemplo, por brincadeiras que o outro não gostou e acabam partindo para agressão verbal e física. Existe também conflitos não imediatos, são conflitos já com um histórico de alunos que se provocam por vários dias seguidos, se xingam muito até que em determinado momento acontece a agressão física. Outro caso recorrente nos sétimos anos é a violência de gênero, pois muitos meninos agredem as meninas com puxões de cabelo, empurrões e as assediam frequentemente.

**Professor 12** - Já e muitas vezes. Houve uma fase que havia muitas brigas entre garotas até mesmo mais do que entre garotos e muitas vezes por causa de namorados. E também teve um fato muito marcante aqui há uns oito anos quando um garoto do sétimo ano foi esfaqueado. Logo na chegada para a aula ele estava com alguns colegas próximos ao muro quando outros invadiram e esfaquearam ele nas costas. Ficamos todos em pânico.

**Professor 13** - Várias, mas uma que mais me chocou aconteceu com alunos do sétimo ano que se desentenderam. Tudo começou um bate boca que até hoje eu não sei o motivo e a hora que eu virei só vi uma cadeira voando pra cima do outro aluno. Eu fiquei em estado de choque.

**Professor 14** - Eu acho que já presenciei quase todas as formas de violência entre os alunos. Já presenciei violência verbal, bullying, violência física muito grave, a ponto de o aluno sair de sala de aula para o pronto socorro ferido mesmo. Os motivos são os mais banais, os mais infantis, um disse uma coisa que o outro não gosta, um pega o material do outro sem autorização e a resposta é imediata com agressões físicas. Todas as formas de violência que eu presenciei foram sem motivos ou por motivos banais.

**Professor 15** - Sim a gente vê quase que diariamente os alunos brigando. Além da violência verbal que é a mais frequente acontece muito também a violência física, até as meninas brigando na hora do intervalo, puxando o cabelo uma da outra e sempre por motivos fúteis, ou por causa de namorado, ou por causa de fofocas, mas sempre por motivos fúteis.

**5 - Você já presenciou alguma forma de violência entre alunos / professores? Como foi?**

**Professor 1** - Nunca presenciei, sei apenas por relatos de outros professores, ouvi casos de alunos que jogaram pedras embrulhadas no papel durante a aula em uma professora. Teve um professor que recentemente levou um soco de um aluno enquanto o mesmo se dirigia à sala durante o intervalo. Porém o que acontece com mais frequência é a violência verbal.

**Professor 2** - Sim, várias vezes. Tem uns que xingam a gente, é verbalmente muitas vezes. Entre aluno e professor é mais verbal. Eu não vi ainda aluno chegar ao extremo de bater em professor, eu não vi ainda, mas já ouvi histórias que aconteceram de jogar carteira e empurrar o professor.

**Professor 3** - Olha, na verdade o que acontece muitas vezes é que os alunos se alteram com os professores porque não querem acatar algumas regras, alguns comandos que o professor pede e eu acredito que é necessário e existe um grande autocontrole do professor pra ele não revidar, até porque ele tá em posição diferenciada, ele é adulto né, ele não é uma criança, então existe realmente um grande teste de paciência com relação a isso. Alguns professores às vezes se alteram um pouco mais, mas nada no sentido de partir para uma agressão maior... É só uma questão de nervosismo mesmo, a alteração do psicológico do professor é muito grande com relação a determinados momentos. Eu mesma já fui xingada várias vezes por alunos só que a gente tem o apoio pedagógico muito bom, então a gente consegue passar esse problema, é chamado os pais do aluno, é conversado com relação a isso, então a gente tenta não revidar para não torar o problema maior e se isso chega acontecer a gente toma as medidas dentro da lei.

**Professor 4** - Sim, tem um aluno específico na escola que a mãe diz que ele sofre quando está sem medicação, mas o que eu acho mesmo que o que ele tem é falta de limites, falta de educação e certa vez ele foi encaminhado para a coordenação e ele agrediu, ele derrubou mesa, derrubou cadeiras, empurrou a pedagoga... Tem 6 boletins de ocorrência contra o aluno e ele não chegou a ser mais violento porque foi chamada a patrulha, mas ele foi extremamente violento, agressivo, intimidador,

**Professor 5** - Sim presenciei algumas vezes. Muitos alunos são resistentes em obedecer determinadas regras, então eles acabam rejeitando a autoridade do professor e reage com agressividade, com palavrões, grosseria, olhares intimidadores.

**Professor 6** - Presenciei agressões verbais. Soube também de alguns casos de violência física, mas nunca presenciei.

**Professor 7** - Sim já presenciei também. Quando a gente estava dando aula os alunos jogavam pedra nos vidros e os professores saíam com caco de vidro na cabeça. Já até colocaram fogo na moto de um professor. Sem contar os professores que entravam pra dar aula, ficavam um ou dois dias e nunca mais voltavam.

**Professor 8** - Várias vezes e principalmente agressões verbais. O aluno não quer fazer o que o professor pede, fica tumultuando as aulas e se o professor chama atenção do aluno ele responde com grosserias, empurra carteiras. São situações que geralmente nós professores conseguimos contornar, mas muitas vezes temos que ir para a direção com o aluno ou até mesmo partir para outras instâncias.

**Professor 9** - Então, pelo pouco tempo que eu estou no colégio não cheguei a presenciar, mas já ouvi muitas histórias dos professores mais antigos de casa de que já houve muitas situações violentas com professores também, principalmente de violência verbal.

**Professor 10** - Já aconteceu comigo, principalmente a violência verbal. Por exemplo, quando um aluno pede para ir ao banheiro e você pede para ele esperar e não deixa naquele momento, ele já te xinga, te chama de pilantra, palhaço, mandam tomar naquele lugar também é recorrente e outras coisas mais. A violência física nunca aconteceu comigo, mas a verbal é recorrente. Sei de histórias de violência física contra professores, mas nunca presenciei.

**Professor 11** - Acontece sim, mas são momentos atípicos. Frequentemente ocorre a violência verbal, mas a violência física hoje são casos esporádicos principalmente quando um professor tem que intervir em alguma briga em sala e acaba sendo empurrado, ou acertado por um soco. Antigamente essa escola apresentava muitos casos de violência envolvendo professores, hoje isso diminuiu bastante.

**Professor 12** - Sim, violência verbal é constante e com todos os professores. Mas um fato que também foi muito marcante aqui na escola foi quando um professor foi ameaçado por um aluno com um revólver na cabeça. O aluno sacou a arma colocou na cabeça do professor e o fez ajoelhar arrumar a correia do chinelo dele que havia escapado.

**Professor 13** - Sim, inclusive foi com arma de fogo. O aluno estava discutindo com um professor por não aceitar a atividade que o professor tinha pedido que ele fizesse. Esse aluno estava com chinelo de dedo e a correia escapou durante a discussão, então ele pegou um revólver colocou na cabeça do professor e fez o professor arrumar o chinelo. Foi muito chocante.

**Professor 14** - Sim. A maior forma de violência entre alunos e professores é a violência verbal, a psicológica, tanto da parte dos alunos quanto às vezes até por parte dos professores. Muitas vezes a violência é respondida com violência também de ambas as partes. Mas até a indisciplina já é uma violência contra o professor, contra o trabalho do professor, contra o valor da presença do professor em sala de aula e isso querendo ou não é uma violência muito grande, pois nós temos um grande número de professores que se afastam por problemas psiquiátricos em função da indisciplina, da falta de respeito por parte dos alunos. Mas às vezes também acontece o contrário quando o professor excede no seu limite e acaba de alguma forma violentando os alunos, claro que jamais fisicamente, mas ainda assim responde o ato com outra forma de violência.

**Professor 15** - Falando de violência física, graças a Deus ainda não. Mas já soube de algumas histórias que aconteceram antes de eu entrar nessa escola. Mas violência verbal eu já presenciei. O aluno xingar o professor porque foi chamado atenção e coisas assim.

**6 - Você já esteve envolvido (a) diretamente em alguma situação em que se sentiu coagido por um aluno (a), seja por meio de ameaças, violência física ou verbal?**

**Professor 1** - Sim, um aluno do 7º ano ameaçou jogar a carteira em mim caso eu não deixasse o mesmo sair da sala. Além da violência verbal que sofro toda semana e sem contar os olhares intimidadores de alunos que com o olhar dizem “vou te pegar na saída”.

**Professor 2** - Até hoje não. Assim, ainda a gente escuta algumas coisas que eu nem levo em consideração, nem levo.

**Professor 3** - Eu acho que nunca chegou a ser a questão da coerção, mas eu acredito que é na questão da ofensa... Ofendida eu já me senti diversas vezes, então infelizmente a gente acaba sendo desestimulada nesse sentido porque você acaba fugindo muito do seu propósito aqui, mas ainda bem que são poucos alunos que tem essa atitude com os professores, pois essa questão é muito maior com os colegas de sala, então com o professor essa questão ainda é menor por enquanto.

**Professor 4** - Não, nunca.

**Professor 5** - Sim, sim. Diariamente na verdade, principalmente por meio de olhares intimidadores. Por ele não aceitar aquilo que o professor está dizendo, então pelo olhar ele mostra pra você que não está satisfeito com aquilo e isso será um problema. Já fui agredido verbalmente por diversas vezes, fisicamente ainda não e espero que nunca aconteça, mas por meio de olhares, agressões verbais e psicológicas já passei por diversas vezes sim.

**Professor 6** - Teve um fato um pouco constrangedor pra mim onde um aluno induziu o restante da turma a zombar de mim, fato esse que aconteceram algumas vezes, e em determinada ocasião eu me senti muito constrangido e humilhado e fui às autoridades representar contra o aluno, pois naquele ato ele tirou a minha autoridade enquanto professor e fez com que todos rissem de mim. Eu só representei contra o aluno na delegacia do adolescente para o bem dele, para que ele possa refletir sobre as coisas que ele fez e assumir as consequências dos atos dele.

**Professor 7** - Agressão verbal muitas vezes, todos os dias, já é algo normal. Eles mandam a gente tomar naquele lugar aí eu respondo que eu só tomo no copo e vou levando dessa forma. Tem coisas que é melhor relevar para não piorar a situação. Quando a situação extrapola a gente manda chamar os pais mas a maioria deles são criados pelos avós ou pelos tios e geralmente eles passam muito a mão na cabeça desses adolescentes e eles se sentem um máximo.

**Professor 8** - Sim, determinada vez eu fui substituir uma professora que estava de atestado e foram duas semanas de substituição e infelizmente nesse curto tempo uma aluna acabou me chamando de vagabunda e foi o momento mais chocante de todo tempo que eu dou aula ter passado por essa situação constrangedora, tivemos que chamar a patrulha escolar e foi muito chato. A menina era criada pela avó e na ocasião a avó deu razão para a neta, posso dizer que foi traumatizante.

**Professor 9** - Apenas um aluno que por muitos problemas que ele estava passando me agrediu verbalmente e quase fisicamente, mas depois veio pediu desculpas e ficou tudo certo.

**Professor 10** - Não, nunca cheguei a me sentir ameaçado, já sofri sim a violência verbal, mas não a ponto de me sentir coagido. É como eu disse, até pelo fato de eu ser mais novo, o fato de que eu moro no bairro também, então os alunos me conhecem muito e a relação fica mais fácil.

**Professor 11** - Sim, a coerção moral é frequente, é um ato usado por alunos, por pais de alunos. Muitos tentam fazer com que nós nos sintamos acuados, amedrontados principalmente por olhares ameaçadores. É uma questão de embate de forças. Já ouvi algumas vezes ameaças do gênero “você sabe onde você está? Aqui é o Interlagos”. São ameaças que não acontecem isoladas, elas ocorrem dentro de um contexto, por exemplo se o professor chamou a atenção do aluno, ou não deixou ele sair etc.

**Professor 12** - Ameaça diretamente não, mas tivemos um período aqui na escola que chegou um aluno na sala dos professores se intitulando líder do PCC e ele ditava as regras para nós dizendo que ele iria nos ajudar a manter a escola, a manter uma disciplina e graças a Deus ele foi embora e não sei mais que rumo tomou. Então diretamente de um aluno pra mim nunca tive esse problema, mas sempre estamos atentos com isso e não podemos subjugar a capacidade deles, pois por menos de dez reais muitos deles mata. Nós temos alunos nossos que nós sabemos que já mataram. Eu tive alunos que foram para o Cense, permaneceram lá por um tempo, foram encaminhados para Curitiba e depois retornaram para escola. Logicamente você se sente coagido, você não fica a vontade com um aluno desses porque você não sabe qual será a próxima atitude, qual será a reação dele em sala. Isso não é privilégio apenas dessa escola, pois todos os professores estão sujeitos a isso em qualquer outra escola, mas devido às questões culturais, sociais e históricas do bairro então logicamente estamos sempre atentos.

**Professor 13** - Não, em nenhum momento. Já sofri um ou outro xingamento, mas nada relevante.

**Professor 14** - Eu já fui coagido algumas vezes, não de forma verbal, mas por olhares que já é o suficiente para nós recuarmos em nossas ações, olhares que intimidam, pois a gente sabe que a realidade daquele aluno fora da escola é uma realidade de violência, de crimes. Se a gente chama atenção eles já encaram e já fica a dica “olha, aqui se você mexer as consequências são outras”. Dessa forma já aconteceu algumas vezes, nunca uma ameaça direta, mas dessa forma subjetiva sim.

**Professor 15** - Olha violência verbal já eu já sofri sim, mas não a ponto de me sentir coagida ou ameaçada.

## **7 - A que você atribui o surgimento da violência nas escolas?**

**Professor 1** - Como é mais comum a violência em colégios de periferia penso que a questão da desigualdade social tem uma grande parcela de culpa nesse contexto de

violência escolar e também as questões familiares, onde muitos alunos não recebem nenhuma educação sobre como conviver em harmonia na sociedade. Os responsáveis são negligentes e o estado não oferece condições necessárias ou atendimento necessário para os alunos, principalmente aqueles que vivem à margem da sociedade, sendo acolhidos pelo crime.

**Professor 2** - Falta de família. Antigamente a gente tinha pai e mãe dentro de casa. Mesmo que quando eles chegavam em casa de noite depois do trabalho, você conversava com a tua mãe, com o teu pai, e hoje em dia o pai trabalha o dia inteiro e chega de noite vai descansar, isso é se tem pai e se tem mãe, porque às vezes alguns moram com a vó né. Não tem aquela presença do pai e da mãe, daquela figura paterna de antigamente. Hoje em dia tem isso, aí você atribui, o cara não tem educação em casa.

**Professor 3** - Eu acredito que a violência na escola é um reflexo da vida que o aluno tem fora de sala. Ele traz o ambiente que ele vive fora da escola pra dentro da sala de aula até porque infelizmente a maior parte do tempo da vida deles não é aqui dentro da escola. Acredito que muitas vezes tem relação com o lugar onde a família vive, a família que o adolescente tem, os amigos, então realmente essa violência ela é atribuída à vivência que o aluno tem fora de sala e ele não consegue separar que aqui ele tá com outro objetivo, então ele mistura as coisas e acaba trazendo esse ambiente violento pra dentro da escola.

**Professor 4** - Eu atribuo o surgimento da violência à falta de limite dos pais, à falta de educação... Eu acho que a violência na escola está diretamente atribuída a essa evolução da mulher que saiu para trabalhar e esqueceu que ela pôs o filho no mundo e ela precisa educar. Os pais mandam os filhos para escola como se fosse “ah isso aqui é público então também é meu também”, mas não colocam para os filhos que o direito dele vai até onde começa o direito do colega. Eles não tem limites, eles não tem respeito ao próximo, eu acho que a violência na escola está diretamente ligada à falta de educação dentro dos lares, falta de estrutura familiar, esse monte de separação, pais que vão embora e abandonam os filhos, essa revolta que isso causa, tudo isso reflete como violência dentro da escola.

**Professor 5** - Eu penso que o surgimento da violência nas escolas não é atribuído a um único fator, ele é consequência de um conjunto de fatores. Eu acho que a ausência da família, pois nós estamos passando por um momento hoje em que a família não se faz mais tão presente como antes. Nós temos exemplos de alunos que às vezes nós precisamos falar com os pais e não conseguimos. Atribuo também à própria sociedade por essa imagem que ela passa de viver de aparências, tem também a questão socioeconômica pois às vezes a pessoa não tem nem o que comer dentro de casa. São vários fatores.

**Professor 6** - Posso estar errado, mas eu acredito muito que a mídia, os filmes, os jogos, a internet, enfim, está tendo muita informação na cabeça dos jovens e eles não estão conseguindo absorver e filtrar todas essas informações e toda essa violência. Eu penso que a mídia está despejando coisas na cabeça dos jovens e eles estão ficando um pouco confusos e tudo o que eles veem tanto na televisão quanto na internet eles trazem para a vida real deles. Claro que não podemos responsabilizar apenas a mídia, mas também outros fatores como o ambiente social

onde ele mora, as pessoas com quem ele convive, normalmente nesse contexto social em que estamos os pais são violentos e o adolescente tem dentro da própria casa esse mau exemplo. Dessa forma o adolescente vê a violência como uma resposta para todos os problemas, pois tudo o que ele precisa resolver ele acha é na base da violência. Então eu penso que a vida social também é um dos fatores predominantes.

**Professor 7** - Eu atribuo às famílias desestruturadas, pais separados, pais alcólatras ou drogados, então já vem de família isso. Eles normalmente vivenciam a violência dentro de casa e trazem isso para dentro da escola. Tem aluno que agride até a própria namorada pois tem o espelho em casa. Aqui na escola a gente faz o papel de professor, de mãe, de psicóloga de tudo. Eles são muito carentes de afeto.

**Professor 8** - Pelo o que eu já vivenciei e também o que já ouvi, o problema da violência na escola tem muito haver com a localização da escola, não significa que as escolas centrais não tenham violência, mas geralmente os maiores índices de violência são registrados em escolas de periferia. Penso também que tem relação com a situação financeira, com a questão cultural, com a educação que vem de casa, então eu acredito que a violência surge da própria vivência desses adolescentes, pois eles já vivem em um meio onde a violência é bastante presente.

**Professor 9** - Eu penso que o sujeito é fruto do meio em que ele vive e a sociedade ela está impregnada de violência. A internet ali de fácil acesso a todos e os adolescentes ficam vendo esses vídeos e filmes que instigam a violência, porque o que mais chama a atenção dos alunos são filmes de violência e isso pra eles acaba sendo banalizado em algumas situações. Em casa também eles não tem essa cobrança da questão ética e o momento que eles têm aqui na escola que nós cobramos isso também não é o suficiente.

**Professor 10** - Eu acho que a violência é um reflexo da sociedade. Por exemplo, esses alunos da nossa escola, por ser uma escola de periferia, eu vejo que eles sofrem uma violência por parte do estado, pois aqui falta saneamento básico, falta espaços de lazer e recreação, falta uma educação de qualidade, falta saúde, então eu acho que isso tudo só contribui para o surgimento da violência nas escolas, pois esses alunos refletem a violência sofrida por eles. Eu penso que a violência nada mais é que uma reprodução, então se o aluno xinga, bate, é violento na escola, ele está reproduzindo o que ele vê muitas vezes dentro de casa, que é o pai batendo da mãe, chegando bêbado em casa e agredindo os filhos e esse aluno acaba reproduzindo tudo isso. 99% dos pais ou responsáveis por esses alunos mal os veem diariamente, alguns porque estão presos, outros porque abandonaram a família, outros porque saem cedo trabalhar e só voltam a noite pra casa. Então é um ciclo, onde o estado não fornece as condições básicas para uma sobrevivência digna e a reprodução por parte desses adolescentes.

**Professor 11** - Eu penso que a violência é uma característica natural do sujeito, é questão de instinto de sobrevivência, no entanto ela é potencializada por fatores sociais, econômicos e familiares. O sujeito ele tem a necessidade de ganhar, ele tem desejos, ele precisa de coisas, de objetos e quando ele não consegue o que quer ele imprime um ato de violência que irá ajuda-lo a vencer, a conseguir. Essa questão



da violência ela é perpassada por etapas, pois se não for trabalhado desde criança esse problema, essa criança vai levar para sua fase adolescente, para sua fase adulta o perfil de violência que não foi trabalhado na infância. Mas trabalhar essa questão também é um grande desafio considerando o contexto social dessas crianças e adolescentes. Eles vivenciam essa violência dentro de casa, eles sofrem a violência da sociedade quando eles não têm o que comer, eles também são violentados pelo estado quando não possuem condições de moradia e bem estar. Então é um processo evolutivo e gradativo que eu atribuo a todos esses fatores.

**Professor 12** - Acredito que principalmente a desestrutura familiar. O adolescente ele é vítima do meio, não adianta nós fazermos projetos, campanhas e palestras se ele sai da escola chega em casa e dorme em cima da maconha, se ele chega em casa e ele faz todo o processo de purificação da cocaína. Aqui na escola nós aprendemos tudo isso com eles porque eles nos contam isso com muita naturalidade. Então atribuir especificamente ao quê ou de quem é a culpa não é simples, há todo um contexto social acima disso.

**Professor 13** - Eu acredito que o problema maior está nas famílias desestruturadas, que não possuem discernimento das coisas, são famílias carentes que possuem sérios problemas financeiros e psicológicos. Famílias que o pai está preso, a mãe abandonou os filhos com os avós então eu penso que o principal problema está nessa desestruturação das famílias. Muitos adolescentes aqui da escola convivem com o terceiro, quarto até o quinto padrasto, a mãe tem muitos filhos, um de cada pai e além das muitas famílias usuárias de drogas. Eu atribuo à pobreza e a falta de família.

**Professor 14** - A escola é um dos centros mais importantes da convivência humana e a violência eu acredito que infelizmente está na natureza humana tanto que ela é muito mais presente com os mais jovens que já respondem tudo através do corpo ao invés da fala, do diálogo. Eu acredito que a violência surge de uma realidade histórica, cultural e social de cada indivíduo, porque a violência ela não é generalizada, ela parte de poucos alunos, se temos uma sala com vinte alunos, são quatro ou cinco que tem esse perfil violento e que dão trabalho pra gente, que se envolvem sempre em briga, geralmente são os mesmos. Mas eu acredito que são diversos fatores, a família, a forma que encaram a vida, as relações. No caso da nossa escola que é de periferia ainda tem outro agravante, pois a periferia é marcada pela violência então de certa forma eles reproduzem na escola o cotidiano deles, da família, dos amigos que estão dentro desse contexto de violência.

**Professor 15** - Na realidade da nossa escola eu penso que a violência já vem de família, são muitos problemas que eles passam, é mãe que morre, pai que está preso, muitas vezes eles são criados por um tio ou por avós. Têm também as questões sociais, falta de condições, famílias desestruturadas. São diversos os fatores.

**8 - Você acredita que a televisão possui alguma influência no comportamento dos alunos? De que forma?**

**Professor 1** - Sim, pois os alunos são sujeitos em formação, e muitas vezes não conseguem discernir o certo do errado, e acabam reproduzindo coisas que viram em novelas, filmes ou em algum noticiário.

**Professor 2** - Rum, olha a novela das oito que a gente já vai saber porque... A das sete mesmo... o linguajar que eu ouvia na novela das sete os alunos e já começaram falar agora. O próprio linguajar da novela das sete, não lembro o nome dela agora, mas é uma que acabou faz duas, três semanas que o linguajar deles eles pegaram pro colégio, a mesma coisa. Até tatuagem de cruz na cara tem aluno que fez.

**Professor 3** - Eu acredito que sim porque querendo ou não ela acaba sendo um espelho e infelizmente muitas vezes é de uma forma negativa, pois existe uma grande banalização de tudo e os alunos acabam absorvendo tudo isso. A televisão mostra sempre nas novelas, por exemplo, uma vida muito fácil e isso transmite ao adolescente uma sensação de impunidade.

**Professor 4** - Eu acredito que sim, porque, por exemplo, a novela que estava passando, I Love Paraisópolis, uma novela muito bonita, uma novela em horário que atinge os adolescentes, e qual era o principal personagem da novela? Um rapaz muito bonito, muito bem abençoado que teve sucesso na vida através do que? Da violência. Ele não era uma pessoa correta, não tinha um trabalho correto, ele era traficante, ele era ladrão, ele matou um outro pra tomar o lugar na favela, ele era o rei da favela e isso tudo muito bonito, mostrado de uma forma fantástica e a gíria que ele usava “respeita o meu passado, respeita a minha história” era utilizado no cotidiano da escola. Esse personagem tinha uma tatuagem de cruz na frente e todos os alunos também tinham e achavam muito bonito aquilo. Eu acho que a violência transmitida pela televisão através de filmes e novelas é refletida pelos alunos dentro da escola também.

**Professor 5** - Sim com certeza. A televisão ela tem influência sim porque se a família não está presente, a criança ou o adolescente vai absorver as informações até mesmo da tv, e nessa idade eles não conseguem filtrar o que é certo e o que é errado então eles absorvem aquilo que acham interessante e como nós sabemos, a tv não é mil maravilhas, não temos só coisas boas, muito pelo contrário, a maioria das coisas que passam na tv são coisas ruins e é isso que a criança e o adolescente estão absorvendo. Então eu acredito sim que a tv é uma forma de fazer com que a criança traga a violência para a escola.

**Professor 6** - Sem dúvida. A televisão hoje em dia ela está confundindo o sentimento dos adolescentes. Eu tenho alguns alunos que se declaram homossexuais e que eu vejo que não são. A mídia faz com que eles confundam um sentimento de amizade por um sentimento de amor por uma pessoa do mesmo sexo. Então essa mídia que está hoje mostrando essa tendência, essa moda e, o adolescente que não consegue absorver bem isso, ele acha que está na moda, se declara homossexual e na realidade não é. Não tenho nada contra, mas a televisão está ajudando muito essa confusão na cabeça dos jovens.

**Professor 7** - Bastante, e além da televisão esse tipo de música que eles escutam, esses funks violentos que só falam palavrão e eles acham bonito. Eles reproduzem

tudo o que eles veem como, por exemplo, no programa pânico, então eu acho que influencia sim.

**Professor 8** - Bom, os meios de comunicação em geral conseguem não só influenciar as crianças e adolescentes, mas os adultos também, então eu penso que a televisão tem o total poder de induzir o adolescente a fazer coisas boas e ruins também. Eu vejo que determinados programas de televisão acabam incentivando os atos de violência também. Então no meu ponto de vista, não só a televisão, mas todos os meios de comunicação, a internet também, vão acabar gerando estímulos que irão influenciar os adolescentes ainda mais nessa fase que estão passando por um processo de formação de caráter, formação de personalidade e são facilmente influenciados.

**Professor 9** - Eu acredito que sim. Eu acho que não só a televisão, mas a indústria cultural num geral vem instigar bastante essa questão da violência. É uma enxurrada de informações por meio de um canal que todos têm acesso e é o meio mais direto que eles têm com tudo o que acontece no mundo. Certos programas de televisão pegam pesado banalizando essa questão da violência, brincadeiras homofóbicas, exposição das mulheres e essa banalização faz com que os adolescentes não vejam isso como violência sendo que na realidade é.

**Professor 10** - Olha, eu não tenho uma opinião completamente formada a respeito disso e nem li nada sobre o tema, então tudo o que eu falar sobre isso será argumentos de senso comum, mas eu acredito que a televisão pode ter uma influência sim no comportamento dos alunos. Eu penso que esses programas sensacionalistas como do Datena, no Marcelo Rezende, programas que no geral mostram muita violência contribuem sim para uma sociedade mais violenta. Mas eu não tenho nenhum embasamento para falar sobre isso, é apenas achismo.

**Professor 11** - Sim, eu acredito que a televisão consegue influenciar não só os alunos, mas a sociedade como um todo, principalmente em determinados aspectos como costumes, vestimentas, pensamentos, desejos... A televisão consegue de certo modo passar um padrão de tudo para o público, seja padrão de beleza, estilo de vida, comportamentos. E essa influência se torna mais intensa quando tratamos de crianças e adolescentes em fase de formação.

**Professor 12** - Nós atribuímos à televisão todas as mazelas do mundo, a violência etc, etc, não é real, até porque tem alguns que nem tem o hábito de assistir televisão, mas em alguns momentos a televisão é a vilã sim, pois ela faz tudo parecer muito simples, muito fácil, tudo muito romântico. Por exemplo, a televisão consegue atribuir a um personagem de novela que é traficante toda uma beleza em cima disso. Ela coloca um ator bonito, sedutor, que acompanha a vida daquela comunidade, mas que ainda assim é um traficante, mata pessoas e não deixa de ser um fora da lei, mas ela passa todo um lado bonito, majestoso enquanto na realidade nós sabemos que isso não acontece.

**Professor 13** - Eu acredito que sim. Influencia não só as crianças e adolescentes, mas até mesmo os adultos por meio dessas novelas violentas, desses programas sensacionalistas. Em se tratando do Interlagos, muitas pessoas já vivem numa

situação horrível, existe muita violência doméstica, drogas correm soltas e a televisão só vem reafirmar essas coisas através dessa programação nada educativa.

**Professor 14** - Eu acredito totalmente, porque a televisão ela banaliza as relações humanas principalmente a tv aberta, os programas comerciais, a indústria de arte, a indústria do cinema, é uma fábrica de violência gratuita. Então a violência ela não é discutida nesses filmes, por exemplo, ela é apenas produzida por alguém que quer se vingar de um, se vingar de outro e tudo sem justificativa nenhuma, isso é a violência gratuita que no meu ponto de vista é em excesso, está demasiadamente presente. Então eu acho que influencia sim.

**Professor 15** - Um pouco eu acredito que sim, porque tem muitos programas que mostram violência, maldade, assim como as novelas e é a programação que eles assistem no dia a dia. Não vejo a televisão como predominante, mas um pouco ela influencia sim.

### **9 - Você acha que a programação televisiva transmite algum tipo de valor aos adolescentes? Que valores são esses?**

**Professor 1** - Quando o adolescente consegue construir uma crítica em relação a algo, ou, compreender o que determinado programa televisivo quer transmitir e quem é o público alvo, pode sim passar algum tipo de valor aos adolescentes, tem muitos documentários interessantes que passam na televisão, mas infelizmente na TV aberta, programas com nível maior de cultura não é disponível, a não ser alguns quadros raras vezes na semana, e a maior rede de televisão aberta brasileira está preocupada em transmitir apenas aquilo que da audiência. O problema está na questão do desinteresse das crianças e adolescentes por programas educativos, um filme de guerra, uma novela sobre traições e vingança ou uma reportagem sobre uma chacina, chama mais a atenção das crianças, adultos e adolescentes.

**Professor 2** - Tem muitas... Tem muitos programas que tem conteúdo assim que é científico, mas a maioria é tudo porcaria, é tudo uma coisa que não leva a nada. Tem uns de cunho científico que você vai conseguir levar pra vida né e vai ajudar eles a ter comportamento, mas a maioria dos programas não tem cunho científico nenhum, é ó pra encher a programação mesmo.

**Professor 3** - Eu acho que é possível transmitir valores diferenciados, mas, muitas vezes os alunos acabam distorcendo um pouco o que eles veem na tv, acabam vendo determinadas coisas como algo facilitado, então existe na tv uma questão de vida fácil, existe uma questão de você ser um fora da lei e ao mesmo tempo ser impune, bem sucedido e invejado e eles adoram pegar esses péssimos exemplos pra seguir, mas na verdade a gente sabe que pra termos uma vida digna não é nada fácil, é uma caminhada árdua e muito difícil... então esse tipo de exemplo eles não querem seguir, eles querem seguir os exemplos de vida fácil, sem pensar que na tv tudo não passa de ficção e que na realidade as consequências podem ser devastadoras.

**Professor 4** - Eu acho que o valor que eles transmitem é o de não ter valor. Tanto a questão de violência, de traição, de todas as coisas que são incorretas a televisão coloca como se fosse tudo muito bonito, tudo muito normal, mas que na verdade a

gente vê que ali não prega valor nenhum, que desmoraliza o que é família... Eu acredito que os programas de televisão hoje eles são uma grande influência também para os fins de casamento, de todas as coisas que acontecem obviamente que eu assisti à novela então vou largar do meu marido por isso, é claro que não, mas existem pessoas que não possuem discernimento. Em se tratando de adolescentes, eles estão numa fase de formação de caráter e assistindo aquilo sendo transmitidos de uma forma tão normal, eles vão levar aquilo pra vida deles que se fosse normal.

**Professor 5** - Sim, tem valores positivos, pois a gente sabe que a tv também apresenta coisas boas, mas no geral são valores negativos, valores que o adolescente não deveria estar assumindo para si. A própria violência é um exemplo, porque tem muito programas que só passam violência, mortes assaltos, programas que dá muita ênfase às questões de aspectos negativos e deixando de lado o que tem de bom na sociedade.

**Professor 6** - Olha. A televisão ela tem muitos valores sim, mas a nossa sociedade está numa forma tão desviada do que é o real que os conteúdos exibidos na televisão que são mesmo de um enriquecimento social, um enriquecimento político que possuem valores positivos não chamam atenção dos jovens. Eles querem assistir programas violentos, essas novelas violentas toda uma programação inadequada que existe hoje na tv. Eu acompanhei, por exemplo, a novela dez mandamentos da record que é uma novela super educativa e que não mostrava violência e nem essas outras coisas que a globo mostra, mas esse tipo de programação não chama atenção dos jovens, essa parte boa que a televisão tem ficou de lado.

**Professor 7** - A maioria transmite valores negativos. Por exemplo, nas novelas mostram bandidos, violência, traição, um monte de coisas negativas que são assistidas por esses adolescentes. E como eles vivem tudo isso dentro de casa também, o que eles veem na televisão se torna algo natural.

**Professor 8** - Valores positivos só se os adolescentes forem assistir programas religiosos (risos). Mas geralmente a programação que eles assistem não transmite valores positivos. Os adolescentes hoje se importam em assistir novelas e big brother e é isso o que as famílias desses adolescentes também assistem. Se eles não estão assistindo a novela estão na internet, jogando videogame ou fazendo qualquer outra coisa improdutiva.

**Professor 9** - Existem vários programas que transmitem valores bons, mas infelizmente, a maior parte da programação não transmite nada de bom aos adolescentes e não acrescenta nada na vida da população em geral. Alguns programas até tem pontos positivos, mas por conta dessas questões comerciais a tv tem que organizar uma programação com um conteúdo que dê audiência, que traga um retorno financeiro. Até pode existir uma programação educativa, mas geralmente é uma programação em canal fechado e que os adolescentes desse meio social que estamos não tem acesso. E também porque mesmo se tivessem acesso eles não querem esse tipo de programação.

**Professor 10** - Eu acho que a televisão tem uma contribuição muito forte na sociedade, até porque para muitas pessoas ela é o único meio de informação,

principalmente nesses bairros de periferia onde muitos não têm acesso à internet... Eu acho que a tv é o veículo de comunicação de massa que atinge um maior número de pessoas então ela contribui para a formação de caráter dos adolescentes, para a formação de opinião, enfim, mas na verdade eu acho que há programas com valores positivos, mas a maioria são valores negativos. Eu penso que a programação é muito sensacionalista e hipócrita, pois a televisão não está preocupada com a transmissão de valores e sim com a audiência. Os canais educativos que podem transmitir valores positivos a sociedade como um todo e muito menos os adolescentes estão interessados em assistir isso.

**Professor 11** - Sim, transmite inclusive valores bons. A televisão é algo contraditório, pois ao mesmo tempo em que passa um padrão de comportamento ético e moral que as pessoas devem seguir ela também apresenta situações onde esse padrão ético é deixado totalmente de lado proporcionado aos adolescentes principalmente valores extremamente negativos. Eu não vejo a televisão como grande vilã da violência, mas a questão é a falta de supervisão que os adolescentes possuem ao assistir determinada programação. Os responsáveis por estes adolescentes não estão em casa o tempo todo para controlar o que eles assistem e eles também não estão preocupados em assimilar apenas valores positivos que a televisão pode oferecer. Então a absorção acrítica pela criança e pelo adolescente acontece pelas condições que ela dispõe para compreender aquilo e que são limitadas.

**Professor 12** - No momento eu não consigo ver valores, eu vejo desconstrução de valores. Tudo aquilo que você tem como valores de família, valores morais, éticos e sociais eu acho que está sendo desconstruído. Hoje ou tudo é crime ou tudo pode, então existe uma divergência muito grande entre valores. O que é um valor hoje pra um adolescente? Respeitar, estudar, ter objetivos? Nem sempre. Até mesmo pelo contexto social em que eles vivem esses não são os tipos de valores que a televisão conseguiria transmitir a eles. Muito raramente alguns canais educativos que possam transmitir algo significativo não são de interesse desses adolescentes. Então, em termos gerais, eu não consigo identificar a transmissão de valores positivos pela televisão.

**Professor 13** - Eu acho que tem os prós e os contras. Não podemos generalizar é claro. Alguns programas e filmes possuem um conteúdo muito bom que podem contribuir para a reflexão do adolescente, mas a maior parte da programação televisiva transmite valores negativos e os nossos alunos não querem saber de programas educativos e acabam absorvendo o pior que é transmitido na televisão.

**Professor 14** - Eu já ouvi uma vez que depois que surgiu a televisão a violência explodiu no mundo, porque a partir daí as ruas ficaram vazias e a ação dos assaltantes já ficou mais facilitada. Então só o fato dela tirar as pessoas do convívio na rua, nas praças ela já abriu as portas para a violência. Então desde violência, música, política e tudo o que podemos imaginar de certa forma é controlado pela mídia. Dessa forma eu penso que os valores podem ser positivos como também podem ser negativos. Nesse contexto que estamos lidando os valores negativos sobrepõe extremamente os valores positivos, até porque a programação que os nossos alunos assistem não transmite nenhum valor positivo. E de maneira geral

hoje eu não conseguiria citar um programa da tv aberta que transmita apenas valores positivos.

**Professor 15** - Os programas que eu vejo hoje na tv aberta não passam nada de bom para eles, principalmente a globo. Até esses dias eu estava comentando isso em sala de como a programação é fútil. Eu acho que principalmente os programas que eles assistem transmitem mais valores negativos.

**10 - Em algum momento você identificou em um aluno (a) atitudes influenciadas pela televisão? De que forma isso ocorreu?**

**Professor 1** - Sim, principalmente pelo programa pânico na TV, os alunos vivem reproduzindo falas, piadas e apelidos, ou seja, reproduzem o que tem de mais idiota. Quando trabalhei com o primário em um outro colégio, certa dia pegamos um aluno do 2º ano tentando transar com outra aluna da mesma sala, os dois estavam atrás da escola, já sem as calças, e quando questionados da onde eles viram isso, o menino nos informou que os pais assistiam filmes assim, e ele fingia que estava dormindo e assistia também. Se tratando do ensino médio percebo que o que mais influência no comportamento deles são as redes sociais, o que também não tem filtro nenhum para as imagens e vídeos reproduzindo a violência como brigas e mal tratos, principalmente brigas entre alunos, que tem milhares de compartilhamento, sendo transmitido inclusive pelos jornais na televisão.

**Professor 2** - Várias vezes. Principalmente os xingamentos da novela das sete... lembrei o nome, a Paraisópolis... Eu já escutei aluno falar pro outro o mesmo xingamento que você escutava lá. Você tem isso na sala de aula.

**Professor 3** - Eu vejo assim que há uma influência muito grande relacionada à música, os tipos de letras de músicas que são geralmente bastante ofensivas e eles levam isso como brincadeira e acabam incorporando no palavreado e coisas assim. O que influencia bastante também são os jogos violentos que eles têm acesso; a influência na sexualidade por causa de filmes que são geralmente inadequados para a idade deles e eles acabam facilmente tendo acesso, então tudo isso influencia bastante no comportamento deles em sala.

**Professor 4** - Pois é, essa que eu citei anteriormente do personagem da novela que tinha tatuagem de cruz e todos os alunos fizeram também, outro exemplo são das meninas que sonhavam em ser a Marizete da novela e casar com o Grego da favela e elas achavam que aquilo poderia acontecer na vida delas, ou seja, casar com um traficante, ladrão bem sucedido. Eu penso que hoje, a televisão não deixa os pais conversarem, porque na hora do jornal os pais querem assistir, na hora da novela as mães querem assistir, então não existe mais diálogo entre eles e os adolescentes acabam trazendo isso para a vida deles.

**Professor 5** - Já identifiquei sim. As imagens, a própria imitação que, os meninos principalmente, fazem dos artistas de telenovelas, de filmes. Eles imitam até mesmo a postura do personagem, o jeito de se impor, de falar com o professor. Tudo o que eles assistem eles reproduzem em sala de aula.

**Professor 6** - Sim. Foi como eu disse anteriormente que o adolescente está confundindo o sentimento dele e não está sabendo discernir um sentimento de amizade de um sentimento de amor. E isso é frequente na escola. A mídia como está pregando essas normas tanto de agressões, de homossexualidade está fazendo com que o adolescente se confunda. Ele não está conseguindo discernir bem as coisas e é tudo moda, e se é moda ele vai tentar seguir isso. Eu tenho alunos também que se declaram agressores, violentos e na verdade não são, mas ele diz isso para ser aceito naquele meio que ele está inserido, principalmente nessa idade dos sextos, sétimos e oitavos anos.

**Professor 7** - Eles imitam muito os personagens de novelas e as brincadeiras do programa pânico. Essa novela que acabou a I love Paraisópolis, eu cansei de ver eles imitando aquele traficante da favela, o Grego. Eles fazem gestos de revólver igual o personagem da novela e até falam igual a ele.

**Professor 8** - Na época das manifestações, por exemplo, muitos alunos, por falta de conhecimento mesmo, reproduziam falas positivas que ouviram na televisão em relação à ditadura militar. Então eles falavam isso dentro da sala que queriam de volta a ditadura militar e sequer sabiam do que estavam falando. Também alguns grupos de alunos queriam se rebelar contra a escola da mesma forma que os manifestantes... Diziam que iam colocar fogo na escola entre outras coisas. Então eu vejo que muitos dos meus alunos reproduziam essas falas sem saber da gravidade que seria se isso acontecesse mesmo.

**Professor 9** - Sim, certos programas televisivos eles banalizam essa questão da violência quando, por exemplo, um integrante do programa agride o outro com um tapa ou algo assim e aquilo se torna engraçado, se eles veem adultos fazendo isso em rede nacional, por que é que eles não irão fazer também? Então eles reproduzem essa violência mascarada em forma de brincadeira dentro de sala de aula.

**Professor 10** - Sim, as atitudes são das mais variadas, principalmente brincadeiras trazidas daquele programa pânico na tv. Mas outras atitudes que eu vejo também são em relação à mercantilização do corpo da mulher, a apresentação da mulher como um produto e dessa forma os adolescentes nessa fase da puberdade tem atitudes de cunho sexual mesmo, de desejo, de achar que o corpo da mulher é público e que você pode passar a mão e até mesmo do início da vida sexual cada vez mais precoce. O assédio é muito frequente. Outra atitude que eu vejo nos alunos é em relação ao consumismo, pois a sociedade e as propagandas estão cada vez formando mais pessoas para o consumo, estamos vivendo na sociedade do descarte e as atitudes dos alunos também são direcionadas nesse sentido.

**Professor 11** - Sim, principalmente em relação às brincadeiras. Tem muitas brincadeiras que os alunos trazem que são coisas que passam na televisão e o problema é que nessa fase eles reproduzem tudo, sem filtros, até porque o mundo dos adolescentes principalmente nessa idade dos sextos e sétimos anos é um mundo muito imaginário e os atos praticados por eles são apoiados numa forte imaginação. O imaginário é algo que não é dele, mas ele o toma como se fosse. Então um dos exemplos que eu posso colocar é a situação de MMA que está sendo muito perigoso da forma que está sendo transmitido. Os alunos repetem isso em



sala, mas de uma maneira totalmente distorcida sendo que esse esporte pode ser trabalhado de maneira riquíssima no viés da educação. Os alunos fazem lutas entre eles que ambos acabam saindo machucados. Dentro da escola nós conseguimos fazer o ato de controle e de mediação, mas e fora da escola? Vamos utilizar o MMA como instrumento de educação? Ótimo, mas não da forma que a televisão mostra.

**Professor 12** - Acredito que sim. Talvez por imitações dos personagens do programa pânico na TV e as brincadeiras violentas que eles reproduzem em sala.

**Professor 13** - Acho que as principais atitudes influenciadas pela televisão são na imitação de personagens. Eles imitavam muito as falas daquele personagem do Caio Castro na novela "Paraisópolis" e imitam também bastante as brincadeiras do programa pânico. Tudo o que passa no pânico no outro dia eles estão fazendo na sala de aula.

**Professor 14** - Os programas de televisão influenciam muito, desde a concepção de sociedade, de arte, cultura e isso é visível porque nós sabemos como um bordão transmitido na tv se espalha entre as pessoas, todos falam aquilo, ou até mesmo um personagem de novela mais caricato e os jovens já se apropriam disso e começam a imitá-lo. Eu lembro muito quando eu comecei dar aula nesse colégio estava passando o filme tropa de elite e naquela época houve uma divisão nas salas de quem eram os bandidos e de quem eram os policiais, quem era o capitão nascimento e quem eram os traficantes e aquilo durou por um bom tempo, os alunos apareciam na aula vestidos com camisetas escrito tropa de elite, vestidos com coletes e foi uma febre. Reproduziam tudo o que viram no filme.

**Professor 15** - Eu acho que influenciados pela televisão não. Eu acredito que as atitudes deles em sala de aula é mais o reflexo do que eles vivem diariamente fora de sala. Talvez eles imitem algumas brincadeiras e coisas que eles veem na tv mas eu acho que eles fazem na escola o que eles já fazem em casa ou veem dentro de casa.

**11 - Você acredita que há como resolver ou minimizar o problema da violência nas escolas? Que estratégias poderiam ser implantadas para que isso aconteça?**

**Professor 1** - Resolver o problema é um mito, tendo em vista que a violência faz parte da construção social, o que pode ser feito é minimizar a questão da violência banal, conscientizando os alunos por meio de palestras, vídeos, aulas e discussões, levando-os a conscientizar que nem tudo se resolve por meio da violência e que há questões que apenas conversando dá para se resolver.

**Professor 2** - Olha, tem como, era ter a família mais presente na escola e ter palestras com os pais, porque tem muitos pais que às vezes é melhor você conversar com o próprio filho porque ele tem mais educação e respeito do que com eles.

**Professor 3** - Olha, existem vários trabalhos já que são feitos com relação ao núcleo de educação onde existem palestras, ações de conscientização que são trabalhos pequenos e que eu acho que deveriam ser feitos principalmente com as famílias, porque, querendo ou não o exemplo vem de casa e não adianta você colocar uma ideia aqui e o aluno chegar em casa e ter uma outra ideia totalmente distorcida, então a escola e a família devem falar a mesma língua. Eu acho que deve ser feito um trabalho de conscientização das famílias, do quanto eles devem tomar cuidado com os filhos, porque a criação durante essa idade do período escolar eles precisam realmente ter uma base familiar muito sólida pra conseguir manter o foco.

**Professor 4** - Eu acho que a única maneira seria uma punição severa aos pais que tem filhos que cometem alguma infração dentro da escola ou em qualquer outro lugar. Por exemplo, enquanto a gente registrou diversos boletins de ocorrência daquele aluno que eu citei anteriormente, nada aconteceu e ele continuou cometendo os mesmos atos dentro da escola, então eu acho que se o pai colocou o filho no mundo e se o filho fizer alguma coisa errada o pai também deve ser punido, porque é muito fácil gerar um filho, deixar que o mundo ensine de qualquer maneira e deixar que os filhos façam as coisas e nada acontece nem com ele nem com os pais. Então eu acho que os pais são os grandes responsáveis, essa ausência da família é a grande responsável por essa violência que está tomando conta das escolas e de todos os lugares.

**Professor 5** - Eu acredito sim. Eu acredito na educação e acho que ela é um dos meios para minimizar a violência. Acredito que precisamos de mais investimento em educação, precisamos de mais projetos nas escolas, precisamos de mais itens atrativos para os adolescentes para que faça com que eles tenham vontade de vir para a escola, precisamos de palestras, então eu acredito sim que podemos minimizar esse problema e penso que a educação se não for o principal é um dos meios para que isso aconteça.

**Professor 6** - Dentro da escola as estratégias já são implantadas e estão corretas. O problema é que os nossos adolescentes eles estão vindo de casa, vindo da vida social deles para dentro da escola com uma vida social já agressiva, em que ele só resolve as coisas agredindo os outros, mas nós aqui dentro da escola estamos conseguindo burlar esse comportamento deles, mas infelizmente eles já veem com esse caráter formado, esse caráter agressivo trazido para dentro da escola por meio da vida social dele.

**Professor 7** - Olha, eu sinceramente não sei. Se trouxer policiais na escola eles já falam "lá vem os porco" e se estão com drogas já escondem. Eu não sei de que maneira resolver isso. A gente tenta fazer o possível e o impossível pra ajudar, mas é muito difícil. Eu acho que tem mesmo é que resolver o problema das famílias desses adolescentes porque muitos pais de alunos estão presos, tem alunos que vem na escola só por causa da merenda então eu acho que tem que resolver o problema de fora para solucionar os daqui de dentro da escola.

**Professor 8** - Eu acho que na verdade a gente já vive um ciclo, que são pais que já passaram por essa situação, que têm os filhos que também estão vivenciando essa situação e essa falta de humanização está se tornando algo muito natural. As famílias já não têm mais consciência do que é o certo e do que é errado, a noção de

valores, de moral, de ética dentro de muitas famílias isso não existe. Eu vejo que a escola tenta fazer o máximo, mas a gente não vai conseguir isso sem que as famílias não estejam preocupadas em resolver esse problema que é a violência escolar e que muitas vezes para essas famílias isso não é encarado como um problema. Muitas vezes essas famílias responsabilizam a sociedade como o problema da violência e acabam se tirando essa responsabilidade de si e se colocando apenas em posição de vítimas e não fazem nada para tentar mudar. Eu penso que quem tinha que tentar mudar as atitudes dos adolescentes para minimizar o problema da violência seria a própria família. Só a escola não vai conseguir minimizar ou solucionar essa questão até porque nós já fazemos muitas coisas para isso. Nós enquanto professores tentamos valorizar os adolescentes para que eles percebam que estão vindo para escola não para brincar, pois no mundo real eles precisam ter essa noção de cidadania e de civilidade porém quando saem fora do portão da escola a realidade deles é totalmente outra.

**Professor 9** - Sim, nós já fazemos um trabalho que vem surtindo bastante resultado. A diretora também tem uma ideologia muito boa nesse lado da humanização e incentiva bastante os projetos culturais, artísticos, projetos esportivos, palestras de conscientização tudo isso ajuda a minimização da violência e temos tido uma evolução muito significativa. Se você conseguir envolver a comunidade, a escola, todos trabalhando juntos eu acho que vai haver uma percepção de mundo diferente onde esse problema pode ser mudado.

**Professor 10** - Eu acredito que sim, até porque se eu não acreditasse eu teria que abandonar a profissão. Nós estamos aqui pra lutar contra isso, lutar contra todas as formas de violência e eu acho que isso só vai mudar no momento em que toda a sociedade tomar uma postura de luta contra a violência. Quando eu digo a sociedade estou envolvendo também o poder público, nossos ditos representantes, para que os problemas externos à escola como a falta de emprego, a falta de uma moradia decente, enfim, para que as questões básicas para viver dignamente sejam atendidas também. Quando mudarmos principalmente essas questões o reflexo da violência nas escolas irá reduzir drasticamente.

**Professor 11** - Eu acho que a palavra correta é minimizar. Erradicar ou solucionar ainda dependem de fatores externos à escola. Mas a minimização é um processo que geralmente já acontece, pois o docente faz um trabalho no qual ele não é um sujeito passivo à violência, ele é um mediador, e esse processo de mediação, de conscientização já é uma forma de minimizar a violência dentro da escola. Eu penso que a minimização pode ser potencializada se o trabalho realizado for um trabalho conjunto, no qual a sociedade esteja envolvida, os pais e a escola e de maneira que todos estejam conscientes de que aquilo não é uma obrigação, e sim uma realidade na qual todos estamos inseridos e que precisa ser trabalhada em conjunto para que haja um melhor resultado.

**Professor 12** - Eu acredito que haja, mas com uma mudança sistemática porque hoje o professor ele é sempre colocado como o responsável, tudo o que acontece cai em cima do professor, porque o professor tem que ter aulas mais atrativas, mais produtivas, mais dinâmicas, mas nem sempre o professor tem tudo o que é necessário para desempenhar melhor o seu papel. Então essa mudança sistemática começaria a partir de mudanças estruturais também, pois o aluno precisa de

material e a escola não tem para oferecer, o professor precisa de materiais e muitas vezes tem que comprar com dinheiro do próprio bolso. A violência é um problema que está na escola, mas ela não começa aqui, a criança não nasce violenta, ela não nasce espancando a mãe, mas com o passar do tempo ela adquire características porque ela é fruto de uma sociedade violenta. Se há estratégias para minimizar ou combater a violência eu não sei, mas o que eu tenho certeza é que sem investimentos é que isso não vai acontecer mesmo. É falta de investimento em educação, em saúde, em saneamento básico, é o desemprego, são vários outros fatores que também precisam ser resolvidos para tentarmos mudar um pouco essa sociedade. O que não se pode é responsabilizar o professor por esses problemas todos ou atribuir à escola a responsabilidade de transformar aquele indivíduo que é reflexo do que ele vive fora da escola.

**Professor 13** - Eu penso que há como minimizar a violência através de palestras de conscientização com toda a comunidade. A comunidade em geral deveria estar mais envolvida com a escola para dar apoio aos professores e não passar a mão na cabeça dos filhos. Essa seria uma das estratégias, envolver mais a comunidade. Mas eu acho que mais do que isso, o governo tinha que resolver os problemas da miséria, da falta de emprego, do tráfico de drogas que são as coisas que os nossos alunos mais tem acesso. Sem resolver essas questões da sociedade fica difícil resolver a violência nas escolas.

**Professor 14** – Ah, Eu penso que a escola é o reflexo da sociedade, então nós devemos trabalhar isso em conjunto, tanto fora do ambiente escolar como dentro. Eu acredito que nós precisamos de mais atividades coletivas onde todos juntos possam alcançar um resultado coletivo e não individual. Eu acho que as escolas deveriam ter psicólogos, psiquiatras uma equipe multidisciplinar que pudesse dar um suporte para os alunos e também para os seus familiares. Resolver as questões externas ao ambiente escolar também seria algo primordial para minimizar a violência dentro do ambiente escolar, mas esse já um caso que foge do alcance da escola.

**Professor 15** – Hum, eu acho que resolver não, mas minimizar eu acho possível através de projetos, igual o programa mais educação que aqui na escola nós já temos, ou escola em período integral. Eu acho que o tempo deles deveria ser ocupado com outras atividades como teatro, oficina de música, dança, esporte e coisas que eles gostam, mas que eles não tem acesso. Com os projetos que nós temos aqui na escola eu vejo que alguns alunos já melhoraram bastante, mas, aí também entra o caso de investimento em estrutura, em pessoal e isso já não depende só da escola. Sem contar que os problemas sociais das famílias desses alunos também deveriam ser resolvidos para que o resultado fosse ainda melhor.